

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

*Denis Diderot | Alphonse Daudet | O. Henry | Sherwood Anderson | Willa Cather | Peter Carey | Shi Tiesheng | Xosé Martínez Oca | J. M. Coetzee*  
*Direcção: Luísa Costa Gomes | Edição: Editorial Caminho*

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS N.º 14  
2.º SEMESTRE DE 2006

Direitos de autor:

Copyright © 1974 by Peter Carey. 1974 by University of Queensland Press; Copyright © Xosé Manuel Martínez Oca, 1992; Copyright © J. M. Coetzee, 2004. Todos os direitos reservados pelo proprietário. Publicado pela primeira vez em *The New York Review of Books*, January 15, 2004.

*Ficções*

*ficcoes@editorial-caminho.pt*

*www.ficcoes.net*

*Direcção*

Lúisa Costa Gomes

*Impressão*

Tipografia Lousanense, L.<sup>da</sup>

*Distribuição*

Editorial Caminho, SA

*Tiragem*

1800 exemplares

*Depósito Legal*

233 171/05

*Edição*

Editorial Caminho, SA

Av. Almirante Gago Coutinho, 121

1700-029 Lisboa

*www.editorial-caminho.pt*

© Ficções 2006 e Editorial Caminho 2006

## *Índice*

- 5 Denis Diderot *Conversa com a Marechala*
- 31 Alphonse Daudet *As estrelas*
- 41 O. Henry *Deixe-me tomar-lhe o pulso*
- 61 Sherwood Anderson *Respeitabilidade*
- 71 Willa Cather *Uma matinée de Wagner*
- 87 Peter Carey *O Gordo na História*
- 125 Shi Tiesheng *Destino*
- 151 Xosé Martínez Oca *O Rei do Cubango*
- 161 J. M. Coetzee *À medida que uma mulher  
envelhece*



Denis Diderot

*Conversa com a Marechala*

Tradução de Pedro Gil

Revisão de Graça Macedo e Luísa Costa Gomes

**Denis Diderot** (1713-1784) filósofo e hábil escritor. O enciclopedista francês nasceu em Langres, na região francesa da Champagne e foi um dos símbolos do Iluminismo e um dos ideólogos da Revolução Francesa. Filho de um mestre de cutelaria de boa posição, estudou com os jesuítas, iniciou a carreira eclesiástica e chegou a receber a tonsura em 1726. Estudou em Paris (1729-1732) onde se formou em Artes. Ainda estudou Leis, Literatura, Filosofia e Matemática, até ser contratado por André Le Breton para traduzir uma enciclopédia inglesa (1745), a *Cyclopaedia*, do inglês Ephraim Chambers. Ateu e materialista, a partir deste ponto passou a trabalhar ao lado do matemático e filósofo Jean le Rond d'Alembert, e organizou uma enciclopédia (*Encyclopédie*, 1751-1772) que pretendia reunir todo o conhecimento científico e filosófico da época e ser veículo das novas ideias contra as forças da Igreja e do Estado. Também escreveu novelas, comédias, peças teatrais e brilhantes correspondências com um largo círculo de amigos e colegas. Paralelamente desenvolveu uma prolífica produção em grande parte publicada postumamente. As suas *Pensées philosophiques* saíram em 1746 e a *Lettre sur les aveugles à l'usage de ceux qui voient* (1749) valeu-lhe três meses na prisão de Vincennes. *Jacques le Fataliste et son maître* (1796), *La Religieuse* (1796), *Eléments de physiologie* (1774-1780) e *Le Neveu de Rameau* (1821) são os seus textos mais importantes. Viveu os últimos anos em extrema pobreza e precisou de ser ajudado economicamente pela imperatriz Catarina da Rússia, sua admiradora, até morrer em Paris. *A conversa com a Marechala*, não sendo propriamente um conto, é um género de diálogo/ficção filosófica que abre agradavelmente os horizontes da *Ficções*.

Tinha não sei que assunto a tratar com o Marechal de \*\*\*; certa manhã, fui a sua casa; estava ausente: fiz-me anunciar à senhora Marechala. É uma mulher encantadora; bela e devota como um anjo <sup>1</sup>; tem a doçura estampada no rosto; e de resto, um timbre de voz e uma ingenuidade no discurso em tudo condizentes com a fisionomia. Estava a tratar da sua *toilette*. Ofereceram-me uma poltrona; sento-me e conversamos. Em relação a alguns ditos meus que a escandalizaram e surpreenderam (pois era da opinião de que quem nega a Santíssima Trindade é um homem vil que acabará certamente na forca), ela diz-me:

*Marechala* – Não sois vós o senhor Diderot <sup>2</sup>?

*Diderot* – Sou sim, senhora.

*Marechala* – Sois, portanto, o tal que em nada acredita?

*Diderot* – O próprio.

*Marechala* – No entanto, a vossa moral é a de um crente.

*Diderot* – Porque não, quando se é homem honesto...

*Marechala* – E praticais essa moral?

*Diderot* – O melhor que sei e posso.

*Marechala* – Como assim! Não roubais, não matais, não saqueais?

*Diderot* – Muito raramente.

*Marechala* – Que ganhais, então, em não acreditar?

*Diderot* – Absolutamente nada, senhora Marechala. Achais que se acredita porque há alguma coisa a ganhar?

*Marechala* – Não sei; mas a razão do interesse em nada prejudica as coisas nem deste mundo nem do outro...

*Diderot* – O que me desencoraja um pouco em relação à nossa pobre espécie humana. Não valemos mais.

*Marechala* – Esta agora! Então não roubais?

*Diderot* – Não, palavra de honra.

*Marechala* – Se não sois nem ladrão nem assassino admiti ao menos que não sois conseqüente.

*Diderot* – Então porquê?

*Marechala* – É que me parece que, se não tivesse nada a esperar nem a temer quando já não andasse por cá, há pequenos prazeres de que não me privaria, enquanto cá estou. Confesso que vou emprestando a Deus a curto prazo!

*Diderot* – É o que imaginais.

*Marechala* – Não é imaginação, é um facto.

*Diderot* – E pode-se perguntar que coisas são essas que vos permitiríeis, se não fosseis crente?

*Marechala* – Não, se não vos importais; é artigo da minha fé.

*Diderot* – Por mim, empresto a fundo perdido.

*Marechala* – É o recurso dos mendigos.

*Diderot* – Preferir-me-íeis usurário?

*Marechala* – Pois claro; pode praticar-se a usura com Deus tanto quanto se queira: não ficará arruinado. Sei que parece mal, mas que importa? Como o objectivo é agarrar o céu, a bem ou à força, é preciso ter tudo em consideração, não menosprezar nenhum benefício. Ai! Por muito que nos esforcemos, a nossa contribuição será sempre bem insignificante, em comparação com a retribuição que esperamos. E vós, não esperais nada?

*Diderot* – Nada <sup>3</sup>.

*Marechala* – É triste, isso. Reconheci que ou sois grande malvado ou grande louco!

*Diderot* – Na verdade, não saberia escolher, senhora Marechala.

*Marechala* – Que motivo pode um descrente ter para ser bom, se não for louco? Isso gostava eu de saber.

*Diderot* – E dir-vo-lo-ei.

*Marechala* – Fico-vos muito grata.

*Diderot* – Não vos parece possível nascer com uma disposição tão feliz que se sinta um grande prazer em fazer o bem?

*Marechala* – Parece.

*Diderot* – Que se possa ter recebido uma educação excelente, que reforce a tendência natural para a prática do bem?

*Marechala* – Seguramente.

*Diderot* – E que, em idade mais avançada, a experiência nos tenha persuadido de que, feitas as contas, é

melhor, para a nossa felicidade no mundo, ser um homem honesto do que ser um canalha?

*Marechala* – Claro; mas como se pode ser honesto quando os maus princípios se juntam às paixões para conduzir ao mal?

*Diderot* – É-se inconsequente: e há lá coisa mais comum que ser inconsequente?

*Marechala* – Ai! Infelizmente não. Cremos, e todos os dias agimos como se não fossemos crentes.

*Diderot* – E sem crer, agimos mais ou menos como se o fossemos.

*Marechala* – Ainda bem; mas que inconveniente haveria em ter um motivo a mais – a religião, para fazer o bem, e um motivo a menos, a descrença, para fazer o mal?

*Diderot* – Nenhum, se a religião fosse uma razão para fazer o bem e a descrença uma razão para fazer o mal.

*Marechala* – Há alguma dúvida em relação a isso? Não é próprio do espírito religioso contrariar incessantemente esta vil natureza corrompida e do da descrença, abandoná-la à sua propensão para o mal, libertando-a do medo?

*Diderot* – Isso, senhora. Marechala, lançar-nos-á numa longa discussão.

*Marechala* – Que importa? O marechal não chegará tão cedo; e vale mais falar de coisas sérias do que dizer mal do próximo...

*Diderot* – Terei de retomar as coisas, mas mais pelo princípio...

*Marechala* – Começai por onde quiserdes, porquanto eu vos entenda.

*Diderot* – Se não me entendesseis, a culpa seria só minha.

*Marechala* – Demonstrais cortesia; mas é preciso que saibais que a única coisa que li foi o meu *Livro de Horas*, e que apenas cuidei de praticar o Evangelho e de ter filhos.

*Diderot* – São dois deveres que haveis cumprido muito bem.

*Marechala* – Sim, quanto aos filhos... encontrastes seis à minha volta e, dentro de dias, vereis mais um no meu colo; mas, começai.

*Diderot* – Senhora Marechala, há neste mundo algum bem que não tenha inconveniente?

*Marechala* – Nenhum.

*Diderot* – E algum mal que não tenha vantagem?

*Marechala* – Nenhum.

*Diderot* – A que chamais então, bem ou mal?

*Marechala* – O mal será o que tiver mais inconvenientes do que vantagens; e o bem, pelo contrário, mais vantagens do que inconvenientes.

*Diderot* – Terá a senhora Marechala a bondade de se lembrar da vossa definição de bem e de mal?

*Marechala* – Lembrar-me-ei. Chamais a isso uma definição?

*Diderot* – Chamo.

*Marechala* – Portanto, isto é filosofia?

*Diderot* – Excelente.

*Marechala* – E eu fiz filosofia!

*Diderot* – Assim, estais convencida de que a religião tem mais vantagens do que inconvenientes; e é por isso que a considerais um bem?

*Marechala* – Sim.

*Diderot* – Por mim, não duvido que o vosso feitor vos roube um bocadinho menos na véspera da Páscoa que no dia seguinte às festas; e que, de tempos a tempos, a religião não impeça muitos pequenos males e não produza muitos pequenos bens.

*Marechala* – Grão a grão enche a galinha o papo.

*Diderot* – Mas acreditais que os danos terríveis que a religião causou em tempos idos e que causará nos tempos vindouros, sejam suficientemente compensados por esses míseros benefícios? Lembrai-vos de que a religião criou e perpetua a mais violenta antipatia entre nações. Não há muçulmano que não tenha imaginado praticar uma acção do agrado do seu Deus e do seu profeta exterminando todos os cristãos que, por seu lado, não são mais tolerantes. Lembrai-vos de que a religião criou e perpetua, numa mesma região, divisões que raramente se extinguem sem derramamento de sangue. A nossa História é bem pródiga em exemplos demasiado recentes e demasiado funestos. Lembrai-vos de que a religião criou e perpetua, na sociedade, entre os cidadãos e nas famílias, entre os mais chegados, ódios dos mais fortes e arreigados. Cristo disse que veio para separar o esposo da esposa, a mãe dos filhos, o irmão da irmã, o amigo do amigo; e a sua predição foi fielmente cumprida, até demais <sup>4</sup>.

*Marechala* – Isso são os abusos; mas não é a substância.

*Diderot* – É a substância, se os abusos são dela inseparáveis.

*Marechala* – E como me demonstrareis que os abusos da religião são inseparáveis da religião?

*Diderot* – Muito facilmente. Dizei-me: se um misantropo se tivesse proposto fazer a infelicidade do gé-

nero humano, que poderia ter ele inventado de melhor do que a crença num ser incompreensível, sobre o qual os homens nunca tivessem conseguido entender-se e a que tivessem atribuído uma importância maior do que à própria vida? Ora, é possível separar da noção de divindade a mais profunda incompreensibilidade e a maior das importâncias?

*Marechala* – Não.

*Diderot* – Concluí, então.

*Marechala* – Concluo que é uma ideia que não deixa de ter consequências na mente dos loucos.

*Diderot* – E acrescentai que os loucos foram sempre e sempre serão em maior número; e que os mais perigosos são aqueles que a religião cria, e de quem os que perturbam a sociedade sabem tirar bom partido quando lhes convém.

*Marechala* – Mas é preciso alguma coisa que assuste os homens em relação às suas más acções que escapam à severidade das leis; e se destruídes a religião, por que a substituireis?

*Diderot* – Mesmo que não tivesse nada para pôr no seu lugar, seria sempre um terrível preconceito a menos; sem contar com o facto de que, em nenhum século e em nenhuma nação, as opiniões religiosas serviram de base aos costumes nacionais. Os deuses que adoravam os velhos Gregos e os velhos Romanos, a gente mais honesta da terra, eram a canalha mais devassa: um Júpiter que devia ser queimado vivo; uma Vénus que devia ser fechada num hospício, um Mercúrio pronto para o asilo dos loucos.

*Marechala* – E julgais ser completamente indiferente que sejamos cristãos ou pagãos? Que, sendo pagãos, não

valeríamos menos; e que, sendo cristãos, não valemos mais?

*Diderot* – Com efeito, estou disso convencido, com a pequena diferença de que seríamos um pouco mais alegres.

*Marechala* – Não pode ser.

*Diderot* – Mas, senhora Marechala, há mesmo cristãos? Nunca vi nenhum.

*Marechala* – E é a mim que dizeis isso, a mim?

*Diderot* – Não, senhora, não é a vós; é a uma das minhas vizinhas que é honesta e piedosa como vós, e que se considerava cristã, da melhor fé do mundo, como vós vos considerais.

*Marechala* – E havei-la feito ver que não tinha razão?

*Diderot* – Num instante.

*Marechala* – Como fizestes?

*Diderot* – Abri um Novo Testamento, de que ela se servira bastante, pois estava muito usado, li-lhe o «Sermão da Montanha», e a cada artigo perguntava-lhe: «Fazeis isto? E aquilo? E aqueloutro?» Fui ainda mais longe. Ela é bela e, conquanto seja muito devota, não o ignora; tem a pele muito branca e, se bem que não dê grande importância a esse frágil atributo, não se zanga quando lho elogiam; tem o colo mais belo que é possível ter e embora seja muito recatada, acha bem que isso se note.

*Marechala* – Desde que sejam só ela e o marido a saberem-no.

*Diderot* – Julgo que o marido dela sabe-o melhor que ninguém; mas para uma senhora que se gaba de um grande cristianismo, isso não basta. Disse-lhe:

«Não está escrito no Evangelho que quem tenha cobijado a mulher do próximo cometeu adultério no seu coração?»

*Marechala* – Ela respondeu-vos que sim?

*Diderot* – Disse-lhe: «E um adultério cometido no coração não condenará quem o pratica tal como o adultério em melhores condições?»

*Marechala* – Ela continuou a responder-vos que sim?

*Diderot* – Disse-lhe: «E se o homem é condenado pelo adultério que cometeu no seu coração, qual será a sorte destinada à mulher que convida todos os que dela se aproximam a cometer esse crime?» Esta última questão embaraçou-a.

*Marechala* – Compreendo; é que ela não cobria de forma conveniente aquele colo, tão belo quanto é possível ter.

*Diderot* – É verdade. Ela respondeu-me que era uma questão de costumes; como se nada fosse mais costumeiro do que dizer-se cristão e não o ser; que não era preciso vestir-se de forma ridícula, como se houvesse alguma comparação entre uma ridicularia miserável e a sua condenação eterna e a do seu próximo; que era a costureira quem a vestia, como se não fosse preferível mudar de costureira a renunciar à sua religião; que era fantasia do seu marido, como se um esposo fosse suficientemente insensato para exigir à mulher que esquecesse a decência e os seus deveres e que uma verdadeira cristã devesse vergar-se à obediência a um esposo extravagante até ao sacrifício da vontade do seu Deus e ao desprezo pelas ameaças do seu redentor.

*Marechala* – Sabia de antemão todas essas infantilidades; talvez vo-las tivesse dito, tal como a vossa vizi-

na: mas tanto eu como ela teríamos estado de má-fé. Mas que resolução tomou ela depois da vossa admoestação?

*Diderot* – No dia seguinte a esta conversa (era dia santo), subia para minha casa e a minha bela e devota vizinha descia para ir à missa.

*Marechala* – Vestida como de costume?

*Diderot* – Vestida como de costume. Sorri, ela sorriu; e passámos um pelo outro sem nos falarmos. Senhora Marechala, uma senhora honesta! Uma cristã! Uma devota! Dado este exemplo, e outros cem mil do mesmo género, que influência real sobre os costumes posso atribuir à religião? Quase nenhuma, e ainda bem.

*Marechala* – Ainda bem? Como?

*Diderot* – Sim, senhora: se vinte mil habitantes de Paris tivessem a fantasia de agir estritamente de acordo com o «Sermão da Montanha»...

*Marechala* – Ora! Haveria alguns belos colos mais cobertos.

*Diderot* – E tantos loucos que o tenente da polícia não saberia o que fazer, pois os nossos manicómios não bastariam. Há nos livros inspirados duas morais: uma, geral e comum a todas as nações, a todos os cultos e a que mais ou menos obedecemos; outra, própria de cada nação e de cada culto, em que se acredita, que é pregada nos templos e preconizada em casa e a que não obedecemos de todo.

*Marechala* – E de onde vem tal extravagância?

*Diderot* – Do facto de ser impossível sujeitar um povo a uma regra que só convém a alguns homens melancólicos que a decalcaram do seu carácter. Acontece às religiões o mesmo que às instituições monásti-

cas, que se tornam mais frouxas com o tempo. São loucuras que não podem aguentar-se contra o impulso constante da natureza, que nos subjuga à sua lei. E fazei com que o bem dos particulares esteja tão estreitamente associado ao bem comum, que um cidadão quase não possa prejudicar a sociedade sem se prejudicar a si mesmo; garanti à virtude a sua recompensa como garantistes à maldade o seu castigo; que, sem nenhuma distinção de culto, seja o mérito, independentemente das condições em que se encontre, a conduzir a altos cargos do Estado; e não contareis com mais celerados do que um pequeno número de homens, cuja natureza perversa que nada pode corrigir conduz ao vício. Senhora Marechala, a tentação está perto demais e o inferno demasiado longe: não espereis nada de que valha a pena um sábio legislador ocupar-se, de um sistema de opiniões bizarras que só consegue enganar as crianças; que encoraja o crime pela comodidade das expiações; que manda o culpado pedir perdão a Deus pela injúria feita ao homem, e que degrada a ordem dos deveres naturais e morais, subordinando-a a uma ordem de deveres quiméricos.

*Marechala* – Não vos compreendo.

*Diderot* – Eu explico-me; mas parece-me que vem aí o coche do senhor Marechal, mesmo a tempo de me impedir de dizer um disparate.

*Marechala* – Dizei, dizei o vosso disparate, eu não ouvirei; habituei-me a ouvir só o que me agrada.

*Diderot* – Aproximei-me do ouvido dela e disse-lhe baixinho: senhora Marechala, perguntai ao vigário da vossa paróquia, destes dois crimes, urinar num cálice sagrado ou denegrir a reputação de uma senhora honesta, qual é o mais atroz? Estremecerá de horror pelo

primeiro e denunciará o sacrilégio; e a lei civil, que quase nem toma conhecimento da calúnia, ao passo que pune o sacrilégio com o fogo, acabará de confundir as ideias e corromper os espíritos.

*Marechala* – Conheço mais de uma mulher que teria escrúpulos em comer carne à sexta-feira e que... agora ia eu dizer o meu disparate. Continuai.

*Diderot* – Mas, senhora, é absolutamente necessário que eu fale com o senhor Marechal.

*Marechala* – Só mais um pouco, e depois iremos juntos ter com ele. Não sei já que vos hei-de responder e, no entanto, não me convenceis.

*Diderot* – Não me propus convencer-vos de nada. A religião é como o casamento. O casamento, que faz a infelicidade de tantos, fez a vossa felicidade e a do senhor Marechal; fizestes muito bem em casar os dois. A religião, que fez, que faz e continuará a fazer tantos perversos, tornou-vos melhor ainda; fizestes bem em conservá-la. Conforta-vos imaginar a vosso lado, acima da vossa cabeça, um ser grande e poderoso, que vos vê andar aqui na terra, e esta ideia dá firmeza aos vossos passos. Continuai, senhora, a gozar desse augusto garante dos vossos pensamentos, desse espectador, desse modelo sublime das vossas acções <sup>5</sup>.

*Marechala* – Pelo que vejo, não tendes a mania do proselitismo.

*Diderot* – De maneira nenhuma.

*Marechala* – Estimo-vos mais por isso.

*Diderot* – Permito a todos que pensem à sua maneira, desde que me deixem pensar à minha; e, para além disso, os que estão destinados a livrarem-se destes preconceitos não precisam de ser catequizados.

*Marechala* – Achais que o homem pode dispensar a superstição?

*Diderot* – Não, enquanto permanecer ignorante e medroso.

*Marechala* – Então! Superstição por superstição, mais vale a nossa que outra qualquer.

*Diderot* – Não penso da mesma forma.

*Marechala* – Dizei-me a verdade, não vos repugna a ideia de nada ser depois da morte?

*Diderot* – Preferiria existir, embora não saiba por que motivo um ser que pôde fazer-me infeliz sem razão, não se divertiria a fazê-lo uma segunda vez.

*Marechala* – Se, apesar desse inconveniente, a esperança de uma vida futura vos parece consoladora e doce, porquê arrancar-no-la?

*Diderot* – Não tenho essa esperança porque o desejo dela em nada me subtraiu à ideia da sua fatuidade; mas não a roubo a ninguém. Se se acreditar que se verá, quando já não se tem olhos; que se ouvirá, quando já não se tem ouvidos; que se pensará, quando já não se tiver cabeça; que se amará, quando já não se tiver coração; que se sentirá, quando já não se tiver sentidos; que se existirá, quando não se estiver em parte alguma; que se será alguma coisa, sem extensão e sem lugar, então admito.

*Marechala* – Mas este mundo, quem o criou?

*Diderot* – Isso pergunto-vos eu.

*Marechala* – Foi Deus.

*Diderot* – E o que é Deus?

*Marechala* – Um espírito.

*Diderot* – Se um espírito cria matéria, porque não criaria a matéria um espírito?

*Marechala* – E porque o faria?

*Diderot* – É o que vejo acontecer todos os dias. Acreditaís que os animais têm alma?

*Marechala* – Acredito, com certeza.

*Diderot* – E podereis dizer-me em que se torna, por exemplo, a alma da serpente do Peru, enquanto esta fica a secar, pendurada numa chaminé e exposta ao fumo durante um ou dois anos seguidos?

*Marechala* – Que se torne o que quiser, que interessa?

*Diderot* – É que a senhora Marechala não sabe que essa serpente, fumada e seca, ressuscita e renasce.

*Marechala* – Não o creio.

*Diderot* – É, contudo, um homem hábil, Bouguer, quem o garante <sup>6</sup>.

*Marechala* – O vosso homem hábil mentiu.

*Diderot* – E se tivesse dito a verdade?

*Marechala* – Ficava desobrigada para acreditar que os animais são máquinas <sup>7</sup>.

*Diderot* – E o homem, que é apenas um animal mais perfeito do que os outros... Mas o senhor Marechal...

*Marechala* – Mais uma pergunta, e é a última que vos faço. Sentis-vos tranquilo na vossa descrença?

*Diderot* – Não podia estar mais tranquilo.

*Marechala* – E se, no entanto, estivesseis enganado?

*Diderot* – Caso eu me enganasse?

*Marechala* – Caso tudo o que acreditaís ser falso fosse verdadeiro, estaríeis condenado. Sr. Diderot, é uma coisa terrível ser condenado; arder durante uma eternidade, é muito tempo.

*Diderot* – La Fontaine acreditava que nos habituávamos, como o peixe à água.

*Marechala* – Sim, sim; mas o vosso La Fontaine tornou-se bastante sério no último instante; e é aí que vos quero ver <sup>8</sup>.

*Diderot* – Não respondo por nada quando a cabeça me falhar; mas se o meu fim for uma dessas doenças que conservam ao agonizante toda a lucidez, não estarei mais perturbado no último instante do que no momento em que me vedes.

*Marechala* – Essa intrepidez confunde-me.

*Diderot* – Acho bem mais intrépido o moribundo que crê num juiz severo que pesa mesmo os nossos mais secretos pensamentos, e em cuja balança o homem mais justo se perderia por causa da sua vaidade, se não tremesse por se julgar demasiado leviano: se este moribundo tivesse, então, à sua escolha, ser aniquilado ou apresentar-se ao tribunal, a sua intrepidez confundir-me-ia de forma bem diferente se considerasse optar pela primeira hipótese, a menos que fosse mais insensato que o companheiro de São Bruno, ou mais inebriado de mérito próprio que Bobola<sup>9</sup>.

*Marechala* – Li a história do associado de São Bruno; mas nunca ouvi falar do vosso Bobola.

*Diderot* – Era um jesuíta de Pinsk, na Lituânia, que deixou, ao morrer, um cofre cheio de dinheiro, com um bilhete escrito e assinado pela sua mão.

*Marechala* – E o bilhete?

*Diderot* – Rezava assim: «Peço ao meu caro confrade, depositário deste cofre, que o abra quando eu tiver feito milagres. O dinheiro que contém servirá para as despesas do processo da minha beatificação. Acrescentei-lhe algumas memórias autênticas para confirmação das minhas virtudes e que poderão ter alguma utilida-

de àqueles que se propuserem escrever a história da minha vida.»

*Marechala* – É de morrer a rir.

*Diderot* – Para mim é, senhora Marechala; mas para vós, o vosso Deus não admite brincadeiras.

*Marechala* – Tendes razão.

*Diderot* – Senhora Marechala, é muito fácil pecar gravemente contra a vossa lei.

*Marechala* – Concordo.

*Diderot* – A justiça que decidirá a vossa sorte é bastante rigorosa.

*Marechala* – É verdade.

*Diderot* – E se acreditais nos oráculos da vossa religião sobre o número dos escolhidos, olhai que é bem reduzido.

*Marechala* – Oh! Não sou jansenista; só vejo na medalha o seu reverso consolador: o sangue de Jesus Cristo cobre um grande espaço, a meu ver; e parecer-me-ia muito singular que ao diabo, que não entregou o filho para morrer, coubesse a melhor parte.

*Diderot* – Condenais Sócrates, Fócio, Aristides, Catão, Trajano, Marco Aurélio?

*Marechala* – Deus meu! Só animais ferozes os condenariam. São Paulo diz que cada um será julgado pela lei que conheceu; e São Paulo tinha razão <sup>10</sup>.

*Diderot* – E por que lei será julgado o que não crê?

*Marechala* – O vosso caso é um pouco diferente. Sois um pouco como aqueles habitantes malditos de Corozaim e de Betsaida, que fecharam os olhos à luz que os iluminava e taparam os ouvidos para não ouvirem a voz da verdade que lhes falava <sup>11</sup>.

*Diderot* – Senhora Marechala, esses habitantes de Corozaim e Betsaida foram homens como nunca os houve, se foram donos do crer e do não crer.

*Marechala* – Viram prodígios que teriam feito subir o preço dos sacos e da cinza, se tivessem acontecido em Tiro ou em Sídon.

*Diderot* – É que os habitantes de Tiro e de Sídon eram gente de espírito e os de Corozaim e de Betsaida não passavam de tolos. Mas será que quem os criou tolos os castigará por terem sido tolos? Há pouco, contei-vos uma história e agora apetece-me contar-vos um conto. Um jovem mexicano... Mas e o senhor Marechal?

*Marechala* – Vou mandar saber se está visível. E então, esse mexicano?

*Diderot* – Cansado de trabalhar, passeava-se um dia à beira-mar. Vê uma tábua com uma ponta mergulhada na água e a outra pousada na margem. Senta-se na tábua e, alongando o olhar sobre a vasta extensão que se espraiava à sua frente, dizia para consigo: «É bem verdade que a minha avó disparata com aquela sua história de não sei que habitantes que, não sei em que tempo, chegaram aqui de não sei onde, de uma região para lá dos nossos mares. Falta-lhe senso comum: não vejo eu o mar confinar com o céu? E posso acreditar, contra o testemunho dos meus sentidos, numa velha fábula de que nem se sabe a data, que cada um adapta à sua maneira e que não passa de um emaranhado de circunstâncias absurdas, acerca das quais eles se digladiam ao ponto de se arrancarem os olhos?» Enquanto raciocinava assim, as águas agitadas embalavam-no na tábua e adormeceu. Enquanto dorme, o vento aumenta, a

maré levanta a tábua em que estava deitado, e eis o nosso jovem pensador embarcado.

*Marechala* – Ai, pobre! É essa mesma a nossa imagem: estamos cada um na sua tábua; o vento sopra e a maré leva-nos.

*Diderot* – Quando acordou, já estava longe do continente. Quem é que ficou surpreendido por se encontrar no mar alto? Foi o nosso mexicano. Quem ficou ainda mais surpreendido? Foi ele também já que, tendo perdido de vista a margem em que passeava ainda há uns instantes, pareceu-lhe que o mar confinava com o céu por todos os lados. Então, suspeitou que pudesse ter-se enganado; e que, se o vento continuasse a soprar na mesma direcção, poderia talvez ser levado para a margem, para junto dos habitantes sobre quem a avó tantas vezes lhe contara histórias.

*Marechala* – E da aflição dele, não dizeis nada.

*Diderot* – Ele não se afligiu. Dizia para si: que me importa, desde que consiga chegar à margem? Admito que raciocinei com leviandade; mas fui sincero comigo mesmo; e é tudo o que se pode exigir de mim. Ser ter bom senso não é uma virtude, não o ter não é crime. Contudo, o vento continuava a soprar, o homem e a tábua vogavam e a margem desconhecida começava a ser visível: chega lá, e aí está ele.

*Marechala* – Rever-nos-emos nela um dia, senhor Diderot.

*Diderot* – Assim o desejo, senhora Marechala; será sempre uma honra para mim fazer-vos a corte seja onde for. Mal tinha deixado a tábua e pisado a areia, viu um velho venerável, de pé ao seu lado. Perguntou-lhe onde estava e com quem tinha a honra de falar: «Eu sou o

soberano desta terra», respondeu o velho. O jovem prostrou-se imediatamente. «Levanta-te», diz o velho. «Negaste a minha existência? – É verdade. – E a do meu império? – É verdade. – Perdoovos porque sou aquele que vê o fundo do coração dos homens e li no fundo do vosso e estáveis de boa fé; mas o resto dos vossos pensamentos e das vossas acções não é igualmente innocente.» Então, o velho, que o agarrava por uma orelha, lembrou-lhe todos os erros da sua vida, e a cada um deles, o jovem mexicano inclinava-se, batia no peito e pedia perdão... Vá, senhora Marechala, ponde-vos um momento no lugar do velho e dizei-me o que teríeis feito. Teríeis agarrado pelos cabelos este jovem insensato e ter-vos-íeis comprazido a arrastá-lo pela margem para toda a eternidade?

*Marechala* – Na verdade, não.

*Diderot* – Se um dos vossos seis belos filhos, depois de ter fugido da casa paterna <sup>12</sup> e de ter feito muitos disparates, voltasse muito arrependido?

*Marechala* – Correria ao seu encontro; apertá-lo-ia nos braços e cobri-lo-ia de lágrimas; mas seu pai, o marechal, não trataria o caso com tanta brandura.

*Diderot* – O senhor Marechal não é nenhum tigre.

*Marechala* – Que remédio tem ele!

*Diderot* – Far-se-ia um pouco rogado, mas depois perdoaria.

*Marechala* – Com certeza.

*Diderot* – Sobretudo se tivesse em consideração que, antes de dar vida a esta criança, já lhe conhecia a vida toda, e que o castigo dos seus erros não teria nenhuma utilidade nem para ele próprio, nem para o culpado, nem para os seus irmãos.

*Marechala* – O velho e o senhor Marechal são distintos.

*Diderot* – Quereis dizer que o senhor Marechal é melhor que o velho?

*Marechala* – Deus me livre! Quero dizer que, se a minha noção de justiça não é a do senhor Marechal, a noção de justiça do senhor Marechal pode muito bem não ser a do velho.

*Diderot* – Ah! senhora Marechala! Não sabeis as consequências que derivam dessa resposta. Ou a definição geral de justiça convém igualmente a vós, ao senhor Marechal, a mim, ao jovem mexicano e ao velho; ou já não sei o que é, e ignoro como agradar ou desagradar a este último.

Estávamos neste ponto quando nos avisaram de que o senhor Marechal nos esperava. Estendi a mão à senhora Marechala, que me dizia: É de fazer a cabeça andar à roda, não é?

*Diderot* – Então porquê, quando se tem boa cabeça?

*Marechala* – Afinal de contas, o mais expedito é conduzirmo-nos como se o velho existisse.

*Diderot* – Mesmo que não acreditemos.

*Marechala* – E se acreditarmos, não contar demasiado com a sua bondade.

*Diderot* – O que, não sendo o mais elegante é, pelo menos, o mais seguro.

*Marechala* – A propósito, se tivésseis de dar contas dos vossos princípios aos nossos magistrados, confessá-los-íeis?

*Diderot* – Faria o melhor que pudesse para lhes poupar uma acção atroz.

*Marechala* – Ah! Que cobarde! E se estivesseis à beira da morte, submeter-vos-íeis às cerimónias da igreja?

*Diderot* – Não deixaria de o fazer.

*Marechala* – Ai! O vil hipócrita! <sup>13</sup>

---

A conversa de Diderot com a Marechala de Broglie, de seu nome de solteira Crozat, remonta a 1771: trata-se de adquirir para Catarina II a coleção Crozat de Thiers, herdada pela Marechala. Mas é apenas em Haia, na Primavera de 1774, que Diderot termina a redacção deste texto. De Haia, a 13 de Setembro de 1774, escreve à Czarina: «De resto, para introduzir rapidamente a minha doutrina, esbocei um pequeno diálogo entre mim e a Marechala de \*\*\*: são algumas páginas, meio sérias, meio jocosas» (*Correspondance*, t. xiv, p. 85). Teria então proposto esta *Conversa* a um livreiro holandês. Um relatório às autoridades francesas, de 26 de Agosto, nota o seguinte:

«A obra que se afirma ter sido proposta a um livreiro holandês pelo Sr. Diderot, que aquele recusou, é um diálogo entre este filósofo e uma marechala enquanto espera pela honra de jantar com o marechal.» «Não acredita, portanto, em Deus?» diz a marechala. É o início do diálogo. Acrescenta-se que o Sr. Diderot, ferido pelo desinteresse do livreiro por este tipo de metafísica, disse, fechando o manuscrito, que jamais permitiria a sua publicação. Evidentemente, não cumpriu a palavra.

A *Conversa* é divulgada na *Correspondance littéraire* de Abril e Maio de 1775; é impressa em 1777 em *Pensées philosophiques en français et en italien*, sendo atribuída a Thomas Crudeli, falecido em 1745. Nova publicação, em 1787, por Mettra na sua *Correspondance secrète*, depois, pelo abade de Vauxcelles, em 1796, nos *Opuscules philosophiques et littéraires* em que se encontra também o *Supplément au Voyage de Bongainville*. L. Versini, ao defender que o exemplar de S. Petersburgo teria sido elaborado depois da morte de Diderot, de acordo com o exemplar Vandeul, segue a cópia do fundo Vandeul.

<sup>1</sup> A Marechala de Broglie pertencia à família Crozat de Thiers. Era, efectivamente, bela e devota, mãe de seis filhos e estava à espera de um sétimo. Entretanto, à recordação deste encontro muito real com a marechala, junta-se a recordação, muito próxima no momento da redacção, de diálogos com Catarina II em que o problema da necessidade da religião foi frequentemente evocado.

<sup>2</sup> Do mesmo modo que conservou o carácter e a situação da sua interlocutora, sem lhe efectuar qualquer transposição, Diderot apresenta-se a si próprio sem rodeios. Este diálogo retoma um certo número de ideias que lhe são caras e que já tinha desenvolvido noutras obras, em particular em *Addition aux Pensées Philosophiques* (publicado em 1770). R. Lewinter vê aqui igualmente um retorno aos argumentos evocados na *Histoire de Mme de Montbrillant*, de Mme d'Épinay, em que Diderot colaborou. Passariam então por este texto algumas alfinetadas irónicas contra Rousseau; a fábula do mexicano é inspirada em Mme d'Épinay. Pode defender-se também a semelhança dos argumentos de Diderot com os que ele utiliza na correspondência com o irmão, cônego, menos encantador e menos compreensivo que a bela marechala.

<sup>3</sup> Nas cartas de Diderot ao seu irmão cônego, figuram amiúde estas metáforas pecuniárias que deviam ser frequentes nas discussões dos burgueses de Langres, e que a literatura cristã não hesita em utilizar. Quase textualmente, numa carta de 13 de Novembro de 1772: «Não me prestei à usura, e [...] não disse a Deus: Dá-me o teu paraíso por um milhão.» (*Correspondance*, t. XII, p. 172). A bem dizer, este tipo de argumentação é um pouco o lugar comum da linguagem dos areus do século XVIII que fazem assim uma caricatura da aposta de Pascal. A disputa entre os dois irmãos vem de longe, e pode ler-se, já numa carta de 1745, um dos argumentos que constitui o diálogo: «Lembraí-vos da História dos nossos conflitos civis e vereis metade da Nação banhar-se, por piedade, no sangue da outra metade e violar, em defesa da causa de Deus, os primeiros sentimentos da humanidade; como se fosse preciso deixar de se ser homem para se mostrar religioso!» (*Correspondance*, t. pp. 51-52.)

<sup>4</sup> Passagem bem conhecida do Evangelho: «Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas antes dissensão; porque daqui em diante estarão cinco divididos numa casa, pai contra filho e filho contra pai, mãe contra filha e filha contra mãe, sogra contra nora e nora contra sogra.» (Luc. IX, 51-53). O evangelho de Mateus dá conta das mesmas afirmações.

<sup>5</sup> Lê-se na carta a Catarina II, datada de 13 de Setembro de 1774 e que anuncia a *Conversa*, uma frase muito parecida com aquela: «Vossa Majestade quer um grande espectador que se incline para a terra e vos veja andar.

Ambiciona, no alto da atmosfera, por uma entidade aprovadora que d'Ela seja digno. Por mim, mesquinha criatura, esquivo-me e ando como se ninguém me observasse.» ( *Correspondência*, t. XIV, p. 83).

<sup>6</sup> Pierre Bouguer era um matemático que tinha acompanhado Condamine na sua expedição ao Peru em 1711. É autor de *Figure de la Terre* (1749) de onde é tirada esta história da serpente (cf. L. Versini, n.º 1, p. 938, Diderot, *Œuvres*, t. I. )

<sup>7</sup> Evidente alusão aos animais-máquinas de Descartes que o ateísmo do século XVIII, ultrapassando o pensamento de Descartes, prolonga através do tema do Homem-máquina, tema este que era caro a La Mettrie.

<sup>8</sup> A mulher e a filha de Diderot convocaram várias vezes o padre da paróquia, em 1783 e na Primavera de 1784, mas sem obterem nenhuma retracção da parte do filósofo que morreu a 31 de Julho de 1784, no final de uma refeição muito alegre, a julgar pelo testemunho de Meister em *Correspondance littéraire*.

<sup>9</sup> Segundo L. Versini, trata-se de Raymond Diocrès; um milagre aquando do seu enterro teria resultado na conversão de São Bruno. Segundo a lenda, a cabeça de Diocrès ter-se-ia erguido e ele teria gritado: «Deus acusou-me... Deus julgou-me... Deus condenou-me.» O que faria pensar que a justiça divina é mais rápida que a justiça humana. André Bobola (1591-1657) foi Superior dos jesuítas em Pinsk, Lituânia; foi massacrado pelos Cossacos.

<sup>10</sup> São Paulo, Epístola aos Romanos: «Quando os Gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei; os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações.» (II, 14-15 )

<sup>11</sup> «Ai de ti, Corozaim, ai de ti Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sídon se fizessem os milagres que em vós se fizeram, há muito que teríeis feito vossa penitência sob o saco e a cinza.» ( *Evangelho segundo Matheus*, XI, 21). Mais uma ocasião para notar a que ponto os nossos filósofos são conhecedores da cultura cristã e dominam bem as Escrituras. Constata-se o mesmo lendo Voltaire.

<sup>12</sup> Alusão não menos evidente à parábola do Filho Pródigo.

<sup>13</sup> Diderot tem a arte destas reviravoltas no diálogo que parecem dar razão ao adversário; mas o «Diderot» desta *Conversa* não é, absolutamente, o «verdadeiro» Diderot (cf. *supra* n.º 1, p. 116).



Alphonse Daudet

*As estrelas*

Relato de um pastor provençal

Tradução de Luísa Costa Gomes

**Alphonse Daudet** (1840-1897) nasceu em Nîmes, França, a 13 de Maio. Filho de um fabricante de sedas pouco dotado para o negócio, Alphonse foi criança frágil que os pais enviaram a ares para a Provença. Quando Alphonse tem nove anos, a fábrica do pai abre falência e a família muda-se para Lyon, capital das sedas. Com uma bolsa, Daudet estuda no liceu, acabrunhado pela pobreza e pelas humilhações. Poucos anos depois, o pai arruina-se de vez, os pais separam-se e Alphonse vai para Paris viver com o irmão, que o inicia nos meandros da vida boémia da capital. Aos dezoito anos publica uma recolha de poemas, *Les Amoureuses*, que tem sucesso imediato. A imperatriz Eugénie agrada-se da candura do jovem que se torna secretário do duque de Morny, meio-irmão de Napoleão III. Em 1860, Daudet conhece o poeta Mistral, destinado à revitalização da língua e cultura provençais, recuperando Daudet a ligação de infância que tinha com a Provença e que inspirará grande parte dos seus livros mais conhecidos : *Tartarin de Tarascon* e *Les lettres de mon moulin*. Em 1867 casa com Julia Allard, de quem tem três filhos. As *Castas do meu moimbo*, escritas de parceria com Paul Arène, poeta e escritor provençal, são publicadas entre 1866 e 1869 em periódicos como *Le Figaro* e *L'Événement* e, em livro, já sob autoria única de Daudet, em 1869. Há quem diga que os contos melhores serão de Paul Arène, cuja voz autêntica diferia da «maneira parisiense» com que Daudet via a Provença. «Les Étoiles», aqui traduzido, será, quem sabe, de Arène e não de Daudet...

No tempo em que eu andava com os rebanhos no Luberon ficava semanas inteiras sem ver viva alma, sozinho no pasto com o meu cão e as minhas ovelhas. De vez em quando, o eremita do Mont de l'Ure passava a apanhar florzinhas do campo ou então vislumbrava a cara negra de algum carvoeiro do Piemonte; mas era gente simples, silenciosa à força de solidão, que perdera o gosto de falar e não sabia nada do que se passava em baixo nas vilas e nas aldeias. Por isso, de quinze em quinze dias, quando ouvia na encosta os guizos do macho da nossa quinta que me trazia as provisões da quinzena, e via aparecer a pouco e pouco, ao cimo da ladeira, a cara toda esperta do pequeno *gnarro*, o moço da quinta, ou a coifa ruça da velha ti' Norade, ficava todo contente. Pedia que me contassem novas da terra, os baptismos, os casamentos; mas o que sobretudo me interessava era saber como estava a filha dos meus patrões, a nossa menina Stéphanette, a mais linda que

havia numa roda de dez léguas. Como quem não quer a coisa, perguntava se ela ia muito às festas, aos serões, se lhe continuavam a aparecer pretendentes novos; e a quem me perguntar que tinha eu a ver com isso, eu, pobre pastor da montanha, respondo que tinha vinte anos e que a Stéphanette era o que eu tinha visto de mais bonito na vida.

Ora, num domingo em que esperava as provisões da quinzena, aconteceu que só chegaram muito tarde. De manhã, dizia comigo: «Isto é por causa da missa»; depois, lá para o meio-dia, veio uma grande tempestade e pensei que a mula não conseguira meter-se à jornada por causa do mau estado dos caminhos. Por fim, pelas três horas, o céu estava lavado, a montanha brilhante de água e de sol, e ouvi, por entre o gotejar das folhas e o transbordar dos ribeiros cheios, os guizos da mula, tão alegres, tão vivos como um carrilhão de sinos em dia de Páscoa. Mas não era o pequeno *gnarro*, nem a velha Norade que a conduziam. Era... adivinhem quem! A nossa menina, meus filhos! A nossa menina em pessoa, sentada muito direita entre os sacos de vime, toda corada do ar das montanhas e do frescor da tempestade.

O pequeno estava doente, a ti'Norade de férias, em casa dos filhos. A bela Stéphanette contou-me isso tudo, desmontando da mula, e também que chegava assim tão tarde porque se tinha perdido no caminho; mas ao vê-la toda endomingada, com o laço de flores, a saia brilhante e as rendas, parecia mas era que se tinha demorado nalgum bailarico e não andado à procura do caminho pelo meio dos arbustos. Oh, que criatura mimosa! Os meus olhos não se cansavam de olhar para

ela. É verdade que nunca a tinha visto assim tão ao pé. Às vezes, no Inverno, quando os rebanhos já tinham descido para a planície e eu voltava à noite à quinta para ceiar, ela atravessava a sala num passo decidido, sem falar aos criados, sempre muito bem posta e um pouco altiva. E agora tinha-a ali à minha frente, só para mim; não era de perder a cabeça?

Quando acabou de tirar as provisões do cesto, Stéphanette pôs-se a olhar à volta cheia de curiosidade. Levantando um pouco o seu belo vestido dos domingos que podia estragar-se, entrou no redil, quis ver o canto onde eu dormia, o monte de palha coberto da pele de borrego, a minha grande capa pendurada na parede, o meu cajado, a minha espingarda de pederneira.

— Então é aqui que vives, meu pobre pastor? Como deves aborrecer-te, sempre sozinho! Que é que fazes? Em que pensas?

Apeteceu-me responder: «Em si, patroa.» E não estaria a mentir; mas a minha atrapalhão era tão grande que não conseguia encontrar nem uma palavra. Acho que ela percebeu e a velhaca parecia ter prazer em envergonhar-me ainda mais com as suas malícias:

— E a tua conversada, pastor, vem às vezes cá acima ver-te? Deve ser com certeza a Cabra de Ouro ou aquela Fada Esterelle que corre pelos cumes das montanhas...

E era ela, falando-me, que se parecia com a Fada Esterelle, no seu belo riso com a cabeça atirada para trás e a pressa em ir-se embora, que fazia da sua visita uma aparição.

— Adeus, pastor.

— Adeus, patroa.

E ei-la de abalada, levando os cestos vazios. Quando desapareceu na encosta, pareceu-me que as pedras do caminho, rolando debaixo dos cascos da mula, me caíam uma a uma no coração. Ouvei-os durante muito, muito tempo; e até ao final do dia fiquei como que ensonado, sem me atrever a mexer-me, com medo de que o sonho se fosse embora. À tardinha, quando o fundo dos vales começava a ficar azul e os animais se chegavam uns aos outros balindo para entrarem no cercado, ouvi alguém chamar-me da encosta e vi aparecer a nossa menina, que já não vinha risonha como antes, mas a tremer de frio, de medo e encharcada. Parece que, no sopé da encosta, encontrara o Sorgue muito cheio da chuva da tempestade e, querendo passar à viva força, quase se afogara. O terrível é que, àquela hora da noite, já não se podia pensar em voltar à quinta; porque o caminho pelos atalhos, nunca conseguiria encontrá-lo sozinha e eu não podia deixar o rebanho. A ideia de passar a noite na montanha atormentava-a, sobretudo pela aflição que iria causar aos seus. Eu sossegava-a o melhor que podia.

— Em Julho as noites são curtas, patroa... É só um mau bocado.

E acendi depressa uma boa fogueira para lhe secar os pés e o vestido todo molhado da água do Sorgue. Depois trouxe-lhe leite e queijo de ovelha; mas a coitadinha não queria saber nem de secar-se nem de comer, e só de ver as grossas lágrimas que lhe chegavam aos olhos, também eu tinha vontade de chorar. No entanto, fizera-se noite cerrada. Não restava, pela crista das montanhas, senão uma poeira de sol, um vapor de

luz, do lado do poente. Quis que ela entrasse no abrigo, para descansar. Estendi sobre a palha fresca uma boa pele, completamente nova, dei-lhe as boas-noites e fui-me sentar lá fora, diante da porta... Deus é minha testemunha de que, apesar do fogo de amor que me queimava o sangue, não me ocorreu nenhum mau pensamento; só uma grande vaidade de pensar que, a um canto do abrigo, mesmo ao pé do rebanho curioso que a via dormir, a filha dos meus patrões – como uma ovelha mais preciosa e mais branca que as outras todas – descansava, confiada à minha guarda. Nunca o céu me pareceu tão profundo, as estrelas tão brilhantes... De repente, a cancela abriu-se e apareceu a bela Stéphanette. Não conseguia dormir. Os animais faziam ressaltar a palha quando se mexiam, ou baliavam a sonhar. Preferia vir para junto da fogueira. Vendo isto, pus-lhe aos ombros a minha pele de cabra, avivei a chama e ficámos ali sentados ao pé um do outro sem falar. Se alguma vez passaram a noite a céu aberto sabem que à hora em que dormimos acorda um mundo misterioso na solidão e no silêncio. Então, as nascentes cantam muito claras, os charcos acendem pequenas chamas. Todos os espíritos da montanha cirandam de um lado para o outro livremente; e há no ar um roçar, ruídos imperceptíveis, como se ouvíssemos os ramos a crescer, a erva a brotar. O dia é a vida dos seres; mas a noite é a vida das coisas. Quando não se está habituado, faz medo... E, por isso, a nossa menina estava toda trémula e encostava-se a mim ao mínimo barulho. Uma vez, um grito longo, melancólico, partido da lagoa que luzia mais abaixo, subiu ondulando até nós. No mesmo instante deslizou na mesma direcção por cima das nossas

cabeças uma bela estrela cadente, como se o queixume que acabávamos de ouvir levasse consigo uma luz.

– O que é? – perguntou Stéphanette, baixinho.

– Uma alma que entra no Paraíso, patroa. – E benzi-me.

Ela também se benzeu e ficou um bocado a olhar para cima, muito recolhida. Depois disse-me:

– Então sempre é verdade, pastor, que são bruxos os pastores?

– Nada disso, menina. Mas nós aqui vivemos mais perto das estrelas, e sabemos o que lá se passa melhor que a gente da planície.

Ela continuou a olhar para cima, com a cabeça apoiada na mão, embrulhada na pele como um pequeno pegureiro celeste:

– E há tantas...! É tão bonito! Nunca tinha visto tantas... Sabes os nomes delas, pastor?

– Claro, menina... Olhe, mesmo por cima de nós, é o Caminho de Santiago (a Via Láctea). Vai a direito da França para Espanha. Foi São Tiago da Galiza que o traçou para mostrar o caminho ao bravo Carlos Magno, que guerreava contra os Sarracenos <sup>1</sup>. Mais além, está a Carreta das Almas (a Ursa Maior), com os quatro eixos resplandecentes. As três estrelas que vão à frente são os Três Animais e aquela pequenina ao pé da terceira, é o Cocheiro. Está a ver, a toda a volta, a chuva de estrelas cadentes? São as almas que Nosso Senhor não quer lá com ele... Mais abaixo, é o Ancinho ou os Três Reis Magos (*Oríon*). É a que nos serve de relógio. Só de olhar para elas, sei que já passa da meia-noite. Um bocadinho mais abaixo, ainda na direcção do sul, brilha João de Milão, o facho dos astros (*Sírius*). O que

os pastores contam sobre ela é isto: parece que uma noite o João de Milão, com os Três Reis e o Sete-Estrela (a *Plêiade*) foram convidados para a boda de uma estrela amiga delas. O Sete-Estrela, mais apressado, saiu, diz-se, primeiro e foi pelo caminho do alto. Olhe, lá em cima, mesmo ao fundo do céu. Os Três Reis atalharam por baixo e apanharam-no; mas o preguiçoso do João de Milão, que se tinha deixado dormir até tarde, ficou para trás e, furioso, para fazer parar as outras, atirou-lhes com o cajado. É por isso que os Três Reis também se chamam o Cajado de João de Milão... Mas a mais bonita de todas as estrelas, menina, é a nossa, a Estrela do Pastor <sup>2</sup>, que nos ilumina a alva, quando saímos com o rebanho, e também à noite, quando o trazemos. Também lhe chamamos a Magalona, a bela Magalona, que anda atrás do Pedro da Provença (*Saturno*) e se casa com ele de sete em sete anos.

– O quê, pastor? Então há casamentos entre estrelas?

– Mas é claro, patroa.

E quando tentava explicar-lhe quais eram esses casamentos, senti algo de fresco e de fino pousar-me ao de leve no ombro. Era a cabeça dela, pesada de sono, que se encostava a mim com um lindo roçar de laços e rendinhas e cabelos ondulados. Ficou assim sem se mexer até ao momento em que os astros do céu empalideceram, apagados pelo dia que nascia. Eu via-a dormir, um pouco perturbado no fundo do meu ser, mas santamente protegido por essa noite clara que nunca me deu senão bons pensamentos. À nossa volta, as estrelas continuavam a sua marcha silenciosa, dóceis como um grande rebanho; e, por instantes, imaginei que uma

dessas estrelas, a mais delicada, a mais brilhante, perdendo-se no caminho, viera pousar no meu ombro para dormir...

<sup>1</sup> Os pormenores de astronomia popular são traduzidos do Almanaque Provençal que se publica em Avignon. (*N. do A.*)

<sup>2</sup> Os Três Reis Magos são, na tradição popular portuguesa, as Três Marias; o Ancinho é o Cinturão de Oríon; a Estrela do Pastor é a Estrela da Manhã.

O. Henry

*Deixe-me tomar-lhe o pulso*

Tradução de Cristina Carvalho

**O. Henry** (1862-1910). Oliver Henry é o pseudónimo de William Sydney Porter, um dos maiores contistas americanos do século e um dos autores mais populares do seu tempo. Nasceu na Carolina do Norte, de família culta e abastada. O pai era um médico um tanto excêntrico e a mãe morreu tuberculosa quando William tinha três anos. Começou como aprendiz de boticário aos quinze anos e emigrou depois para o Texas, já com sintomas de tuberculose. Casou e empregou-se como caixa num Banco, tentando ao mesmo tempo escrever comédia. Comprou um jornal, *The Rolling Stone*, que faliu pouco depois. Porter foi acusado de desfalque no Banco e fugiu para as Honduras, de onde regressou passados três anos porque a mulher estava a morrer. Cumpriu uma pena de quatro anos na penitenciária do Ohio, onde começou a escrever sob o pseudónimo O. Henry. Saído da prisão, passou a viver em Nova Iorque, e embora extremamente popular, viveu o resto da vida recluso, no terror de ser reconhecido como William Sydney Porter, acabando por morrer alcoólico e na miséria. Embora não tenha granjeado aclamação unânime por parte da crítica de então, o público adorava as suas histórias, que têm como marcas distintivas o tom humorístico e os finais inesperados. Publicou dez antologias e mais de seiscentos contos – entre Dezembro de 1903 e Janeiro de 1906 o *World* imprimiu uma história sua por semana. Após a sua morte, foram ainda publicadas três antologias. O conto que aqui apresentamos (*Let me feel your pulse*) integra uma delas – *Sixes and Sevens* – tendo sido originalmente publicado em 1910 (Nova Iorque: Doubleday, Page & Co.).

Então fui ao médico.

– Há quanto tempo não instila álcool no seu sistema? – perguntou ele.

Olhando para o lado, respondi:

– Oh, há bastante.

Era um médico jovem, algures entre os vinte e os quarenta. Usava meias violáceas, mas dava uns ares de Napoleão. Gostei muitíssimo dele.

– Agora – disse ele – vou mostrar-lhe o efeito do álcool na circulação. – Julgo que disse «circulação»; mas pode ter sido «publicidade».

Arregaçou-me a manga esquerda até ao cotovelo, tirou uma garrafa de uísque e serviu-me uma bebida. Começou a ficar mais parecido com Napoleão. Comecei a gostar mais dele.

Depois, pôs-me uma compressa apertada no braço, estancou-me a pulsação com os dedos e espremeu uma pêra de borracha ligada a um aparelho apoiado

num suporte e parecido com um termómetro. O mercúrio saltou para cima e para baixo, aparentemente sem parar em lado nenhum, mas o médico disse que registava duzentos e trinta e sete, ou cento e sessenta e cinco, ou outro número do género.

– Agora – disse ele – está a ver o que o álcool faz à tensão arterial.

– Que maravilha – disse eu –, mas crê que o teste foi suficiente? Brindemos à minha saúde e vejamos o que acontece com o outro braço. – Mas nada!

Depois, apertou-me a mão. Pensei que estava condenado e que ele estaria simplesmente a despedir-se. Afinal, queria apenas espetar-me uma agulha na ponta do dedo e comparar a gota vermelha com uma série de fichas de póquer de 50 cêntimos que tinha prendido a um cartão.

– É o teste de hemoglobina – explicou. – A cor do seu sangue está errada.

– Bom – disse eu –, eu sei que devia ser azul, mas este é um país de misturas. Alguns dos meus antepassados eram gentis-homens, mas cruzaram-se com gentes da ilha de Nantucket, donde...

– O que eu quero dizer – explicou – é que este tom de vermelho é demasiado claro.

– Oh – disse eu –, é de uma questão de comparações e não de filiações.

Nisto, deu-me uma pancada forte no peito. Ao fazê-lo, não sei se me fez lembrar mais Napoleão, Battling ou Lorde Nelson. Depois fez um ar sério e mencionou uma enfiada de maleitas a que a carne está sujeita – a maioria acabada em «ite». Paguei-lhe imediatamente quinze dólares por conta.

– É, ou são, alguma, ou algumas delas, necessariamente fatal? – perguntei. Achei que a minha ligação ao assunto justificava que manifestasse uma certa dose de interesse.

– Todas – respondeu jovialmente. – Mas a progressão pode ser travada. Com cuidados e tratamento contínuo adequado, poderá viver até aos oitenta e cinco, ou até aos noventa.

Comecei a pensar na conta do médico.

– Oitenta e cinco chegam; tenho a certeza – foi o meu comentário. Paguei-lhe mais dez dólares por conta.

– A primeira coisa a fazer – disse ele, com ânimo renovado – é encontrar um sanatório onde fique em repouso absoluto por uns tempos, para que os seus nervos melhorem. Eu próprio o acompanho e escolho um que lhe convenha.

E assim levou-me para uma casa de doidos nos Montes Catskills. Ficava numa montanha árida frequentada apenas por frequentadores infrequentes. Não se via nada a não ser pedras e pedregulhos, uns retalhos de neve e pinheiros dispersos. O jovem médico responsável foi deveras gentil. Ofereceu-me um estimulante sem me aplicar uma compressa no braço. Estava na hora da merenda e fomos convidados a tomar parte. Havia cerca de vinte internados em mesinhas na sala de jantar. O jovem médico responsável veio à nossa mesa e disse:

– Entre os nossos hóspedes, a prática corrente não é que se vejam como doentes, mas sim e tão-só como damas e cavalheiros fatigados a descansar. Os ligeiros achaques de que possam eventualmente padecer nunca são tema de conversa.

Em voz alta, o meu médico disse a uma empregada que trouxesse bolinhos fritos de fosfoglicerato de cal, pão-rocha de milho, panquecas de bromo-seltzer e chá de *nux vomica* para o meu repasto. Nisto, elevou-se um som como uma súbita rajada entre pinheiros. Fora gerado por todos os hóspedes presentes na sala ao murmurarem alto «Neurastenia!», excepto um homem com um nariz, a quem ouvi distintamente dizer:

– Alcoolismo crónico. Espero voltar a encontrá-lo.

O médico responsável deu meia-volta e afastou-se.

Cerca de uma hora depois da merenda, levou-nos às oficinas – a uns 50 metros da casa. Os hóspedes tinham sido conduzidos até lá pelo assistente, e também porta-esponjas, do médico responsável – um homem com pés e uma camisola azul. Era de tal maneira alto que não tive a certeza de que tivesse uma cara; mas a Companhia de Embalamento de Carnes teria ficado encantada com as mãos dele.

– Aqui – disse o médico responsável – os nossos hóspedes descontraem de preocupações mentais passadas dedicando-se a trabalho físico – em boa verdade, dedicando-se a actividades recreativas.

Havia tornos giratórios, batas de carpinteiro, espátulas para modelar barro, rocas de fiar, teares, cilindros de pedal, bombos, estiradores para retratos a pastel em tamanho natural, forjas de ferreiro, e tudo o que, à primeira vista, fosse susceptível de interessar aos hóspedes lunáticos, pagantes de um sanatório de primeira categoria.

– A senhora a fazer tartes de lama ali no canto – sussurrou o médico responsável – é nem mais nem menos do que Lula Lulington, a autora do romance inti-

tulado *Porque Ama o Amor* e o que ela está neste momento a fazer mais não é do que descansar o espírito, depois de ter executado essa obra.

Eu tinha visto o livro.

– E porque não descansa ela escrevendo outra, em vez disto? – perguntei.

Como vêem, não estava tão irremediavelmente perdido como eles pensavam.

– O cavalheiro a despejar água pelo funil – continuou o médico responsável – é um corretor de Wall Street corrompido por excesso de trabalho.

Abotoei o casaco.

Outros que apontou eram arquitectos brincando com arcas de Noé, pregadores lendo a *Teoria da Evolução* de Darwin, advogados serrando madeira, senhoras de sociedade extenuadas falando Ibsen com o porta-esponjas encamisado de azul, um milionário neurótico deitado no chão a dormir, e um artista bastante conhecido desenhando uma pequena carroça vermelha à volta da sala.

– O senhor parece-me bastante forte – disse-me o médico responsável. – Para si, penso que a melhor descontracção mental seria atirar pequenos rochedos pela encosta abaixo e depois trazê-los outra vez para cima.

Já estava a cem metros quando o meu médico me apanhou.

– O que se passa? – perguntou.

– O que se passa – disse eu – é que não há aeronaves à mão. Por isso, vou fazer ligeiro e depressinha este trilho até àquela estação acolá, e apanhar o primeiro expresso de lignite para a cidade.

– Bem – disse o médico –, é capaz de ter razão. Não parece que este seja o sítio mais adequado para si. Mas do que você precisa é de repouso – repouso absoluto e exercício.

Nessa noite, dirigi-me a um hotel na cidade e disse ao recepcionista:

– Do que eu preciso é de repouso absoluto e exercício. Poderia dar-me um quarto que tenha uma daquelas camas ao alto, desdobráveis, e uma equipa de paquetes que se revezem a armá-la e desarmá-la enquanto eu repouso?

O recepcionista raspou uma partícula de uma das unhas e olhou de viés para um homem alto de chapéu branco que estava sentado no átrio. O homem aproximou-se e perguntou-me educadamente se eu tinha visto o arbusto da entrada oeste. Não, não tinha, pelo que ele mo mostrou e, depois, olhou para mim com atenção.

– Pensei que estava apanhado – disse, sem ser indelicado –, mas parece-me que está bem. O que devia era ir ao médico, velhote.

Uma semana depois, o meu médico mediu-me outra vez a tensão, sem o estimulante preliminar. A meu ver, estava um pouco menos parecido com Napoleão. E as meias eram de um tom brônzeo que não me agradou.

– Do que o senhor precisa – decidiu – é de ar do mar e de companhia.

– Será que uma sereia... – comecei; mas ele reverteu ao modo profissional.

– Eu próprio – disse ele – levá-lo-ei ao Hotel Bonair, ao largo de Long Island, e farei com que fique em boa

forma. É uma estância tranquila e confortável onde depressa se restabelecerá.

O Hotel Bonair veio a ser uma pousada em voga, de novecentos quartos, situada numa ilha ao largo da costa. Quem não se vestia para o jantar era atirado para uma sala lateral onde era servido apenas cágado e espumante da casa. A baía era uma excelente parada de exibição para donos de iates abastados. O *Corsair* ancorou na baía no dia em que chegámos. Vi o Sr. Morgan de pé no convés a comer uma sanduíche de queijo, olhando avidamente para o hotel. Ainda assim, era um sítio bastante barato. Ninguém podia pagar aqueles preços. Na altura de ir embora, uma pessoa limitava-se a deixar a bagagem, roubar um bote e pirar-se para o continente durante a noite.

Já lá estava há um dia quando recebi um bloco de impressos de telégrafo com o monograma do hotel. Comecei a escrever a todos os meus amigos pedindo-lhes dinheiro para me pôr a andar dali para fora. O meu médico e eu jogámos uma partida de *croquet* nos terrenos de golfe e adormecemos no relvado.

Quando regressámos à cidade, e como se lhe tivesse ocorrido subitamente uma ideia, perguntou:

- A propósito, como se sente?
- Aliviado de muito – respondi.

Já um médico de clínica geral é diferente. Como não tem a certeza se vai ou não ser pago, a incerteza dele assegura-nos ou a mais cuidada ou a mais descuidada das atenções. O meu médico levou-me a um médico de clínica geral. Este avaliou mal a situação e decidiu ver-me com cuidada atenção. Gostei muitíssimo dele. Pôs-me a fazer alguns exercícios de coordenação.

– Tem alguma dor na parte de trás da cabeça? – perguntou. Disse-lhe que não.

– Feche os olhos – ordenou –, junte bem os pés e salte o mais para trás possível.

Sempre fui bom a saltar para trás de olhos fechados, pelo que obedeci. A minha cabeça bateu na esquina da porta da casa de banho que tinha ficado aberta e que estava a uns escassos noventa centímetros. O médico pediu muita desculpa. Tinha descurado o facto de a porta estar aberta. Fechou-a.

– Agora toque no seu nariz com a ponta do indicador direito – disse ele.

– Onde é que ele está? – perguntei.

– Na sua cara – disse ele.

– Referia-me ao meu indicador direito – expliquei.

– Oh, perdão – disse ele. Abriu outra vez a porta da casa de banho e desentalou o meu dedo da fresta.

Depois de ter desempenhado o maravilhoso feito dígito-nasal, afirmei:

– Não é minha intenção enganá-lo quanto aos sintomas, doutor; realmente, acho que tenho uma dor na parte de trás da cabeça.

Ignorou o sintoma e examinou-me cuidadosamente o coração com uma trombeta de ouvido daquelas que se vêem naqueles fonógrafos que tocam o último sucesso de música popular quando se insere uma moeda. Senti-me uma balada.

– Agora – disse ele –, galope como um cavalo à volta da sala aí uns cinco minutos.

Ofereci a melhor imitação que pude de um Percheron desclassificado a ser levado do Madison Square

Garden. Depois, sem inserir uma moeda, o médico voltou a ouvir-me o peito.

– Não há mormo na família, sôtor – disse eu.

O médico de clínica geral pôs o indicador a sete centímetros do meu nariz.

– Olhe para o meu dedo –, ordenou.

– Já alguma vez experimentou, de Pears... – comecei; mas ele prosseguiu rapidamente com o teste.

– Agora, olhe para lá da baía. Para o meu dedo. Para lá da baía. Para o meu dedo. Para o meu dedo. Para lá da baía. Para lá da baía. Para o meu dedo. Para lá da baía. – Isto durante uns três minutos.

Explicou que era um teste à acção do cérebro. Pareceu-me fácil. Não confundi o dedo dele com a baía uma única vez. Aposto que se ele tivesse usado as frases: «Contemple, como se, absorto, para... ou melhor, lateralmente... na direcção do horizonte, subjazido, por assim dizer, pela fluida reentrância adjacente» e «Agora, regressando... ou melhor, de certa feição, retraindo-a, conceda a sua atenção sobre o meu dígito erguido...» aposto, digo eu, que o próprio Henry James teria passado o exame.

Depois de me perguntar se eu tinha tido algum tiovô com curvatura de coluna, ou um primo com tornozelos inchados, os dois médicos retiraram-se para a casa de banho e sentaram-se na borda da banheira para se consultarem. Comi uma maçã e olhei fixamente primeiro para o meu dedo e depois para lá da baía.

Os médicos saíram da casa de banho com ar seriíssimo. Mais: pareciam lápides e obituários de jornal. Escreveram uma lista de dieta a que eu deveria cingir-me. Estava lá tudo o que é passível de ser comido, excepto

caracóis. E eu nunca como um caracol a não ser que ele me ultrapasse e me morda primeiro.

– Tem de seguir esta dieta rigorosamente – disseram os médicos.

– Segui-la-ia um quilómetro, se conseguisse arranjar um décimo do que aí está – respondi.

– Em segundo lugar em termos de importância – continuaram –, é ar livre e exercício. E aqui tem uma receita que lhe fará muito bem.

Nisto, todos pegámos em alguma coisa. Eles pegaram nos chapéus e eu peguei na porta para sair.

Fui a um droguista e mostrei-lhe a receita.

– São dois dólares e oitenta e sete cêntimos por um frasco de 30 mililitros.

– Dava-me um bocado de guita de embrulho? – disse eu.

Fiz um furo na receita, passei-lhe a guita, atei-a à volta do pescoço e metia-a para dentro. Todos temos a nossa superstiçãozinha, e a minha vai no sentido de confiar nos amuletos.

É claro que não se passava nada comigo, mas estava muito doente. Não conseguia trabalhar, dormir, comer ou andar ligeiro. A única maneira de granjear alguma compaixão era passar quatro dias sem fazer a barba. Mesmo assim, havia sempre alguém que dizia: «Velhote, estás tão seco como um nó de pinheiro. Foste dar uma voltinha pelo bosque de Maine, não?»

Nisto, a dada altura, lembrei-me de que devia tomar ar e fazer exercício. Pus-me então a caminho, para sul, para casa do John. John é um parente próximo, por sentença de um padre com um livrinho nas mãos, num caramanchão de crisântemos, com cem mil pessoas a

observar. John tem uma casa de campo a cerca de onze quilómetros de Pineville. Fica a grande altitude, nas Montanhas Blue Ridge, num Estado demasiado digno para ser arrastado para esta controvérsia. John é mica, que é mais valiosa e mais clara do que o ouro.

Foi ter comigo a Pineville e apanhámos o trem para casa dele. Trata-se de uma casa de campo grande e sem vizinhos situada numa encosta rodeada por cem montanhas. Saímos na paragenzinha privada de John, onde a família dele e Amaryllis vieram ter connosco e nos cumprimentaram. Amaryllis olhou para mim um nadinha ansiosa.

Um coelho atravessou a saltitar a encosta que nos separava da casa. Larguei a mala e lancei-me na perseguição como se tivesse fogo nos pés. Depois de ter corrido uns dezoito metros e de o ver desaparecer, sentei-me na relva e choraminguei desconsolado.

– Já nem consigo apanhar um coelho – solucei.  
– Não sirvo para nada neste mundo. Bem podia estar morto.

– Oh, o que se passa... o que se passa, Irmão John?  
– ouvi Amaryllis dizer.

– Nervos um bocado abalados – disse John, no seu tom calmo. – Não te preocupes. Levanta-te, perseguidor de coelhos, e vem para casa antes que os biscoitos arrefeçam.

Aproximava-se o crepúsculo e as montanhas asso-mavam com nobreza, fazendo justiça à descrição de Miss Murfree.

Pouco depois do jantar, anunciei que seria capaz de dormir um ano ou dois, férias legais incluídas. Assim, levaram-me a um quarto tão grande e fresco como um

jardim de flores, em que havia uma cama tão larga como um relvado. Pouco tempo depois, o resto das pessoas da casa recolheu-se, e então caiu sobre a terra um silêncio.

Há anos que eu não ouvia um silêncio. Era absoluto. Apoiei-me sobre o cotovelo e fiquei a ouvi-lo. Dorme! Pensei que se conseguisse ouvir pelo menos uma estrela piscar ou uma folha de erva afilar-se, aquietar-me-ia o suficiente para descansar. A dada altura, pareceu-me ter ouvido um som semelhante ao da vela de um *catboat* adejando na brisa ao guinar, mas decidi que o mais provável era tratar-se de um mero raspar na alcatifa.

De repente, um passarinho tardio pousou sobre o parapeito e, em tons que, para ele, sem dúvida seriam embaladores, enunciou o ruído habitualmente traduzido por «chip!».

Saltei pelos ares.

– Ei! O que foi isso aí em baixo? – disse John do quarto que ficava por cima do meu.

– Oh, nada – respondi –, só bati sem querer com a cabeça no tecto.

Na manhã seguinte, desci ao alpendre e olhei para as montanhas. Havia quarenta e sete à vista. Arrepiei-me e entrei no enorme vestíbulo da sala de estar da casa, seleccionei *Prática Familiar de Medicina de Pancoast* de uma estante e comecei a ler. John entrou, tirou-me o livro das mãos e levou-me para fora de casa. John tem uma quinta de trezentas jeiras equipada com o complemento habitual de celeiros, mulas, camponeses e rastelos com três dentes partidos. Tinha visto estas coisas na minha infância, e senti o coração soçobrar.

Nisto, John começou a falar de alfafa e eu animei-me logo.

– Oh, sim – disse eu –, ela não andava no coro de... deixa cá ver...

– Verde, sabes – disse John –, e tenra, e tem de ser tapada depois da primeira estação.

– Sei – disse eu –, e cresce-lhes erva por cima.

– Tal e qual – disse John. – Afinal, sabes umas coisas de lavoura.

– Sei umas quantas coisas acerca de determinados lavradores – disse eu – e uma foice certa há-de segá-los de uma vez por todas um destes dias.

Quando voltávamos para casa, cruzou-se connosco uma criatura belíssima e inexplicável. Parei, irresistivelmente fascinado, a contemplá-la. John esperou pacientemente, fumando o seu cigarro. É um lavrador moderno. Passados dez minutos, disse:

– Vais ficar o dia todo espedado a olhar para essa galinha? O pequeno-almoço está quase pronto.

– Uma galinha? – disse eu.

– Uma poedeira Orpington branca, se quiseres ser mais específico.

– Uma poedeira Orpington branca? – repeti, com intenso interesse. A ave doméstica afastou-se lentamente e com graciosa dignidade, e eu segui-a como uma criança atrás do Flautista Mágico. John concedeu-me mais cinco minutos, volvidos os quais me pegou pela manga e me levou para o pequeno-almoço.

Passada uma semana de ali estar, comei a ficar alar-mado. Estava a dormir e a comer bem e começava mesmo a apreciar a vida. Para um homem com um estado de saúde desesperado como o meu, isto não podia

ser. Assim, escapuli-me até à estação, apanhei o trem para Pineville e fui a um dos melhores médicos da cidade. Por esta altura, já sabia exactamente o que fazer quando precisasse de cuidados médicos. Pendurei o chapéu nas costas de uma cadeira e disse rapidamente:

– Senhor doutor, tenho cirrose do coração, artérias endurecidas, neurastenia, neurite, indigestão aguda e convalescença. Terei de seguir uma dieta rigorosa. Terei também de tomar um banho tépido à noite e um frio de manhã. Devo tentar ser alegre e concentrar-me em assuntos agradáveis. No que toca a drogas, faço tenções de tomar um comprimido de fósforo três vezes ao dia, de preferência a seguir às refeições, e um tónico constituído por tinturas de genciana, cinchona, rubiácea e composto de cardamomo. A cada colher de chá deste tónico, devo misturar tintura de *nux vomica*, começando por lhe adicionar uma gota e aumentando todos os dias uma gota até perfazer a dose máxima. Acrescentarei as gotas com um conta-gotas medicinal, que pode ser adquirido por uma ninharia em qualquer farmácia. Passe muito bem.

Peguei no chapéu e saí. Depois de ter fechado a porta, lembrei-me de que me tinha esquecido de dizer uma coisa. Voltei a abrir a porta. O médico não se tinha mexido e continuava sentado onde eu o tinha deixado, mas estremeceu nervosamente quando me viu reaparecer.

– Esqueci-me de referir – disse eu –, que também farei repouso absoluto e exercício.

Senti-me muito melhor depois desta consulta. Assegurar uma vez mais o meu espírito do facto de que eu estava para lá de qualquer cura possível, deu-me uma satisfação tal que quase fiquei deprimido outra vez. Não

há nada mais alarmante para um neurasténico do que sentir que está a ficar bom e alegre.

John olhava por mim com todos os cuidados. Depois de eu ter demonstrado tamanho interesse pela Orpington Branca dele, fez o melhor que pôde para a manter afastada dos meus pensamentos, tomando a precaução especial de trancar o anexo das poedeiras durante a noite. A pouco e pouco, o ar tonificante das montanhas, a comida caseira e os passeios diários pelos montes aliviaram de tal modo o meu mal-estar que passei a estar superlativamente deprimido e desalentado. Ouvi falar de um médico do campo que vivia nas montanhas ali perto. Fui vê-lo e contei-lhe a história toda. Era um homem de barba grisalha, com olhos claros, azuis, e cheio de rugas, num fato de ganga cinzenta feito em casa.

De modo a poupar tempo, diagnostiquei o meu caso, toquei com o indicador direito no nariz, dei uma pancada abaixo do joelho para fazer a perna pontapear, auscultei o peito, deitei a língua de fora e perguntei-lhe o preço dos talhões no cemitério de Pineville.

Ele acendeu o cachimbo e olhou para mim uns três minutos.

– Irmão – disse ele passado um bocado –, estás em muito mau estado. Há uma hipótese de te safares, mas é uma hipótese muito fracota.

– Mas qual? – perguntei ansioso. – Já fiz arsénico e ouro, fósforo, exercício, *nux vomica*, banhos hidroterapêuticos, repouso, excitação, codeína e vapores aromáticos de amónia. Restará ainda alguma coisa na farmacopeia?

– Algures nestas montanhas – disse o médico –, cresce uma planta... uma planta florífera, que te cura-

rá; e é a única coisa que te pode curar. É uma espécie tão velha como o mundo mas, nos últimos tempos, tem-se tornado muito rara e difícil de encontrar. Tu e eu vamos ter que lhe dar caça. Já não estou no activo como médico: vou avançado na idade; mas aceito o teu caso. Terás que vir todos os dias à tarde e ajudar-me a caçar esta planta até que a encontremos. Os médicos da cidade lá saberão muito sobre coisas científicas novas, mas não sabem grande coisa sobre as curas que a natureza traz nos seus alforges.

E assim, todos os dias, o velho médico e eu dávamos caça à planta panacea pelos montes e vales de Blue Ridge. Juntos, subíamos com dificuldade picos íngremes, tão escorregadios de folhas de Outono caídas que tínhamos de nos agarrar a todos os ramos e rebentos de árvore que estivessem ao nosso alcance para evitarmos cair. Atravessámos a custo ravinas e precipícios, com fetos e loureiros que nos davam pelo peito; seguimos quilómetros a fio pelas margens dos riachos da montanha; abrimos caminho como índios por entre matagais de pinheiros... Explorámos ao longo de estradas, ao longo de encostas, ao longo de rios e ao longo de montanhas, na nossa busca pela planta milagrosa.

Como disse o velho médico, devia ter-se tornado muito rara e difícil de encontrar. Mas prosseguimos na nossa demanda. Dia após dia, perscrutámos os vales, escalámos os picos e calcorreámos os planaltos em busca da planta milagrosa. Nado e criado nas montanhas, ele nunca se cansava. Eu chegava muitas vezes a casa demasiado exausto para fazer fosse o que fosse além de cair na cama e dormir até de manhã. E assim continuámos durante um mês.

Uma tarde, depois de voltar de uma caminhada de dez quilómetros com o velho médico, Amaryllis e eu passeámos um pouco sob as árvores perto da estrada. Olhávamos para as montanhas que se cobriam com os seus mantos púrpura-real para o repouso nocturno.

– Fico contente por já estares bem – disse ela.  
– Quando aqui chegaste, fiquei assustada. Pensei que estavas mesmo doente.

– Já estar bem! – quase gritei. – Não sabes que eu só tenho uma hipótese em mil de sobreviver?

Amaryllis olhou para mim surpreendida.

– Ora essa – disse ela –, estás tão forte como uma mula de lavar o campo, dormes dez a doze horas por noite e comes uma dispensa inteira por refeição. Que mais queres?

– O que te digo – disse eu –, é que a não ser que encontremos esta planta mágica – isto é, a planta de que andamos à procura – a tempo, nada me pode salvar. É o que o médico me diz.

– Que médico?

– O doutor Tatum... o velho médico que vive mais ou menos a meio da encosta da Montanha Black Oak. Conhece-lo?

– Conheço-o desde que me conheço. E é lá que vais todos os dias... é ele que te leva nessas longas caminhadas e subidas que te devolveram a força e a saúde? Deus abençoe o velho médico.

Nisto, o velho médico em pessoa vinha aproximando-se lentamente pela estrada na sua carroça velha e desengonçada. Acenei-lhe e gritei-lhe que apareceria por lá no dia seguinte à hora habitual. Ele parou o cavalo e chamou Amaryllis. Ela abeirou-se dele e falaram

os dois uns cinco minutos enquanto eu fiquei à espera. Posto isso, o velho médico seguiu caminho.

Quando entrámos em casa, Amaryllis puxou com dificuldade uma enciclopédia da estante e procurou uma palavra.

– O médico disse – disse-me ela – que não precisas de voltar a aparecer como doente, mas que ficará muito contente se o visitares como amigo, sempre que quiseses. E depois disse-me para procurar o meu nome na enciclopédia e dizer-te o que significa. Ao que parece, é o nome de um género de plantas floríferas, e também o nome de uma rapariga do campo, em Teócrito e em Virgílio. Compreendes o que o médico quis dizer com isto?

– Compreendo – disse eu. – Agora compreendo.

Uma palavrinha, dirigida a qualquer irmão que se veja sob o feitiço da intranquila Dona Neurastenia.

A fórmula é verdadeira. Ainda que por vezes um tanto ou quanto às cegas, os médicos das cidades de pedra tinham acertado no medicamento específico.

E quanto a exercício, recomendo-vos o bom doutor Tatum na Montanha Black Oak – cortem pela estrada à direita ao chegar à casa da congregação metodista que fica no bosque de pinheiros.

Repouso absoluto e exercício!

E haverá repouso mais terapêutico do que estar sentado à sombra na companhia de Amaryllis e, com um sexto sentido, ler o idílio sem palavras de Teócrito, composto por montanhas azuis debruadas a ouro, marchando ordenadamente para os dormitórios da noite?

Sherwood Anderson

*Respeitabilidade*

Tradução de Paula Elyseu Mesquita

**Sherwood Anderson** (1876-1941) nasceu em Camden, Ohio, estado onde viveu pacatamente até 1925. Saiu da escola aos catorze anos para trabalhar e em 1908 começou a escrever contos e romances nos tempos livres. Em 1912 deixou o emprego e a família e partiu em busca de uma nova vida em Chicago, onde trabalhou na área da publicidade, conviveu com um grupo de artistas e intelectuais, incluindo Hemingway, Theodore Dreiser e Edgar Lee Masters. Em 1924 mudou-se para Nova Orleães, onde igualmente encontrou um estimulante círculo literário e artístico, incluindo William Faulkner, seu amigo e discípulo, e John dos Passos, entre outros. Durante este período esteve ligado à revista *The Double Dealer*. Mais tarde tornou-se proprietário de dois jornais no Estado da Virginia, onde assinava muitos dos artigos sob o pseudónimo Buck Fever, personagem ficcional que criou. Morreu em 1941, no Panamá, em vésperas de uma visita com a sua quarta mulher à América do Sul, onde pretendia observar *in loco* as condições laborais. Entre os títulos publicados contam-se os romances *Windy McPherson's Son* (1916), *Marching Men* (1917), *The Triumph of the Egg* (1921) e *Dark Laughter* (1925). O conto de Anderson aqui incluído é retirado do seu mais famoso romance/colectânea de contos, *Winesburg, Ohio* (1919), um retrato da vida numa pequena cidade da América profunda.

Quem já viveu em cidades e passou pelos parques em tardes de Verão, talvez já tenha visto um desses símios grotescos, sentado, a piscar os olhos, a um canto da sua jaula de ferro, criatura de feios papos descaídos e baixo ventre de um roxo-vivo. Estes macacos são autênticos monstros. No absoluto da sua fealdade alcançaram uma espécie de beleza perversa. As crianças que param em frente à jaula ficam fascinadas, os homens viram a cara com ar de repulsa e as mulheres detêm-se por instantes, tentando talvez recordar com qual dos homens seus conhecidos aquela coisa vagamente se parece.

Para quem na sua juventude tivesse vivido em Winesburg, Ohio, este monstro na jaula não teria qualquer mistério. «Parece o Wash Williams», diriam. «Sentado ali ao canto, o bicho é tal e qual o velho Wash quando se sentava na relva do jardim da estação, nas noites de Verão, depois de fechar o escritório.»

Wash Williams, o operador de telégrafo de Winesburg, Ohio, era a mais feia criatura da cidade. Era enorme, tinha um pescoço fininho e pernas franzinas. Era sujo. Tudo nele era sujo. Até a parte branca dos seus olhos parecia manchada.

Mas estou a ir depressa demais. Nem tudo no Wash era sujo: cuidava bem das mãos. Tinha os dedos gordos, mas havia elegância e sensibilidade naquela mão pousada sobre a mesa, junto do mecanismo, no gabinete do telégrafo. Na sua juventude, Wash fora considerado o melhor telegrafista de todo o Estado, e apesar da despromoção que o levava ao obscuro gabinete de Winesburg, ainda se orgulhava do seu talento.

Wash Williams não se relacionava com os homens da cidade onde vivia. «Não quero nada com essa gente», dizia, fitando com os olhos semicerrados de cansaço os homens que caminhavam pela plataforma da estação, passando em frente do gabinete do telégrafo. Subindo a Main Street, passava à noite pelo *saloon* de Ed Griffith, e depois de beber espantosas quantidades de cerveja, cambaleava até ao seu quarto na pensão New Willard e para a cama, dormir.

Wash Williams era um homem de coragem. Tinha-lhe acontecido uma coisa que o fizera odiar a vida, e ele odiava-a do fundo do coração, com o arrebatamento de um poeta. Em primeiro lugar, odiava as mulheres. «Cabras», chamava-lhes. Pelos homens nutria sentimentos um tanto diferentes: tinha dó deles. «Não deixam todos que uma cabra qualquer lhes tome conta da vida?»

Em Winesburg ninguém prestava atenção a Wash Williams nem ao seu ódio do próximo. Mrs. White, a

mulher do banqueiro, queixou-se certa vez à companhia do telégrafo, dizendo que o gabinete de Winesburg era sujo e tinha um cheiro abominável, mas a queixa não deu em nada. Certos homens respeitavam o operador. Instintivamente pressentiam em Wash um rancor fulgurante por qualquer coisa contra a qual não tinham a coragem de se ressentirem. Quando Wash andava pelas ruas, um homem desses sentia-se impellido a prestar-lhe homenagem, a tirar o chapéu ou a curvar-se diante dele. Isso mesmo sentia o supervisor dos operadores de telégrafo da linha-férrea que atravessava Winesburg. Tinha destacado Wash para o obscuro escritório de Winesburg para não ter de o despedir e ali tencionava mantê-lo. Ao receber a carta de reclamação da mulher do banqueiro, rasgara-a, rindo sem alegria. Por qualquer motivo, lembrara-se da sua própria mulher enquanto rasgava a carta.

Wash Williams fora casado, em tempos. Quando ainda era jovem, casara com uma mulher em Dayton, Ohio. A mulher era alta e delgada, com olhos azuis e cabelo louro. O próprio Wash era um rapaz bem-parecido. O amor que sentia por ela consumia-o da mesma forma que o ódio que viria a sentir pelas mulheres.

Só uma pessoa em toda a cidade de Winesburg conhecia a história do acontecimento que deformara a pessoa e o carácter de Wash Williams. Uma vez Wash contou a história a George Willard, o que veio a acontecer da seguinte maneira:

Certa noite, George Willard tinha ido passear com Belle Carpenter, uma modista de chapéus de senhora que trabalhava numa chapelaria pertencente a Mrs. Kate McHugh. O rapaz não estava apaixonado pela

jovem (que na verdade já tinha um pretendente, o *barman* do *saloon* de Ed Griffith), mas enquanto caminhavam sob as árvores, trocavam um ou outro beijo. A noite e os seus próprios pensamentos tinham despertado algo nos dois jovens. Quando regressavam à Main Street, passaram pelo pequeno relvado ao lado da estação ferroviária e viram Wash Williams, que parecia dormir na relva debaixo de uma árvore. Na noite seguinte, George Willard e o telegrafista saíram juntos. Foram descendo ao longo da linha do comboio e sentaram-se em cima de uma pilha de travessas de assentamento de caminho-de-ferro que apodreciam junto aos carris. Foi então que o telegrafista contou ao jovem jornalista a história do seu ódio.

George e o estranho homem disforme que vivia no hotel do seu pai tinham estado a ponto de falar uma dúzia de vezes. O rapaz olhava o hediondo rosto manhoso, de olhar perdido pela sala de jantar do hotel, e mordida-se de curiosidade. Pressentia qualquer coisa por detrás daquele olhar fixo, como se o homem que nada tinha a dizer aos outros tivesse alguma coisa para lhe contar a ele. Sentado na pilha de vigas, numa noite de Verão, George aguardava, expectante. Como o telegrafista se mantivesse em silêncio e parecesse ter mudado de ideias, tentou ele fazer conversa: «Alguma vez foi casado, Mr. Williams?» começou. «Imagino que sim, e que a sua mulher tenha morrido, é isso?»

Wash Williams cuspiu uma torrente de obscenidades. «Sim, está morta», concordou. «Está ela morta como estão mortas todas as mulheres. É uma morta-viva, caminhando à vista dos homens e tornando a terra fétida com a sua presença.» Olhando o jovem nos olhos,

pôs-se roxo de fúria. «Não metas ideias tolas nessa cabeça», ordenou. «A minha mulher está morta; sim, sem dúvida. Digo-te eu, as mulheres estão todas mortas, a minha mãe, a tua mãe, aquela morena alta que trabalha na chapelaria e com quem te vi passar ontem – todas elas estão todas mortas. Digo-te eu que há qualquer coisa de podre nelas. Fui casado, fui. A minha mulher já estava morta antes de se casar comigo, era uma coisa abjecta saída de uma coisa ainda mais abjecta do que ela. Foi-me enviada para fazer da minha vida um inferno. Fui um idiota, entendes? Como tu és agora, e por isso casei-me com aquela mulher. Gostava que os homens começassem a entender um bocadinho as mulheres. Elas vêm ao mundo para impedir os homens de fazerem com que este mundo valha a pena. É uma tarmóia da Natureza. Agh! São criaturas rasteiras, rastejantes, serpenteantes, elas, com as suas mãozinhas suaves e os seus olhinhos azuis. Ver uma mulher dá-me vómitos. Nem sei por que não mato todas as mulheres que vejo.»

Meio assustado, mas também fascinado pelo brilho intenso dos olhos do velho medonho, George ouvia, ardendo em curiosidade. A escuridão caía e George inclinou-se, tentando ver a cara do homem que falava. Quando, na escuridão que se espalhava, deixou de ver a face roxa e inchada e os olhos brilhantes, tomou-o uma ideia curiosa. Wash Williams ia falando num tom baixo e monocórdico que tornava as suas palavras ainda mais terríveis. Na penumbra, o jovem repórter imaginava-se agora sentado na pilha de travessas ao lado de um jovem bem-parecido com cabelo preto e olhos negros e brilhantes. Havia algo de quase belo na voz de

Wash Williams, o torpe, enquanto contava a sua história de ódio.

Sentado sobre as vigas do caminho-de-ferro na escuridão, o telegrafista de Winesburg transformara-se em poeta. O ódio elevava-o a essa condição. «Por te ter visto a beijar os lábios dessa Belle Carpenter é que te estou a contar a minha história», disse. «Quero avisar-te para teres cuidado. Talvez já andes com sonhos nessa cabeça. Quero destruí-los.»

Wash Williams começou a contar a história da sua vida de casado com a rapariga alta, loura e de olhos azuis que conhecera quando era um jovem telegrafista em Dayton, Ohio. Aqui e ali a história era pontuada de belos momentos que intercalavam com jorros de terríveis imprecações. O telegrafista tinha casado com a filha de um dentista, a mais nova de três irmãs. No dia do seu casamento, pela sua competência, fora promovido a despachante, com aumento de salário, e enviado para um escritório em Columbus, Ohio. Ali assentou com a sua jovem mulher e começou a pagar uma casa a prestações.

O jovem telegrafista estava perdidamente apaixonado. Com uma espécie de fervor religioso, contornara as armadilhas da juventude e mantivera-se virgem até ao casamento. Traçou a George Willard o quadro da sua vida na casa em Columbus, Ohio, com a sua jovem mulher. «No quintal atrás da nossa casa plantávamos legumes», disse, «sabes, ervilhas e milho e esse tipo de coisas. Fomos para Columbus no início de Março e assim que os dias ficaram mais quentes, comecei a trabalhar no jardim. Revolvia a terra negra com uma pá, enquanto ela corria por ali às gargalhadas, fingindo-se assustada com as minhocas que eu ia desenterrando. No

final de Abril chegou a altura de semear. Ela punha-se nos carreiros entre os canteiros, com um saco de papel na mão. O saco estava cheio de sementes. Ela ia-me dando as sementes aos poucos de cada vez, para eu as enterrar no solo quente e macio.»

Por instantes, houve uma quebra na voz do homem que falava na escuridão. «Eu amava-a», disse. «Não nego que seja um tolo. Ainda a amo. Ali, sob o pôr do Sol da tarde de Verão, rastejei pelo solo negro e lancei-me aos seus pés. Beije-lhe os sapatos e os tornozelos. Quando a bainha da saia me tocou o rosto, tremi. Quando passados dois anos dessa vida descobri que ela tinha conseguido arranjar outros três amantes que vinham regularmente a nossa casa quando eu estava fora a trabalhar, não quis tocar-lhes nem com um dedo, nem a eles nem a ela. Mandei-a para casa da mãe e não disse nada. Não havia nada a dizer. Tinha quatrocentos dólares no banco e dei-lhos. Não lhe perguntei razões. Não disse nada. Quando se foi embora, chorei como um garoto tonto. Passado pouco tempo consegui vender a casa e mandei-lhe esse dinheiro.»

Wash Williams e George Willard ergueram-se do amontoado de vigas e foram caminhando ao longo dos carris em direcção à cidade. O telegrafista terminou a sua história rapidamente, sem fôlego.

«A mãe dela mandou chamar-me», contou. «Escreveu-me uma carta e pediu-me para ir até sua casa, em Dayton. Quando lá cheguei eram mais ou menos estas horas, início da noite.»

A voz de Wash Williams elevou-se quase a um grito. «Estive sentado na sala de visitas durante duas horas. A mãe dela levou-me para lá e lá me deixou. Era

uma casa requintada. Eram o que se chama gente respeitável. Na sala havia cadeiras requintadas e um sofá. Todo eu tremia. Odiava os homens que eu julgava terem-na desonrado. Estava farto de viver sozinho e queria-a de volta. Quanto mais esperava, mais brando me ia tornando. Cheguei a pensar que se ela entrasse e me tocasse apenas com a mão eu talvez desmaiasse. Estava morto por perdoar e esquecer.»

Wash Williams deteve-se e olhou George Willard fixamente. O corpo do jovem tremeu como se tomado de um arrepio. De novo a voz do homem se tornou baixa e suave. «Ela entrou na sala nua», continuou. «Foi a mãe. Enquanto eu esperava sentado ela estava a despir a rapariga, ou talvez a convencê-la a despir-se. Primeiro ouvi vozes atrás da porta que dava para um pequeno vestíbulo e a seguir a porta abriu-se devagar. A rapariga estava envergonhada e ficou imóvel a olhar para o chão. A mãe não entrou. Depois de empurrar a rapariga porta adentro, deixou-se ficar no vestíbulo, a ver se nós – enfim, percebes – à espera.»

George Willard e o telegrafista chegaram à rua principal de Winesburg. As luzes das montras jaziam vivas e brilhantes em cima dos passeios. As pessoas moviam-se entre conversas e risos. O jovem repórter sentiu-se indisposto e fraco. Na sua imaginação, também ele se tornara velho e disforme. «Não cheguei a matar a mãe», disse Wash Williams, olhando a rua para cima e para baixo. «Bati-lhe com uma cadeira, só uma vez e nisto entraram os vizinhos e tiraram-me a cadeira. Gritou muito alto, estás a ver. Nunca mais terei oportunidade de a matar. Morreu com uma febre um mês depois do que aconteceu.»

Willa Cather

*Uma matinée de Wagner*

Tradução de Graça Macedo

**Willa (Sibert) Cather** (1873-1947) nasceu no Estado da Virgínia mas, aos nove anos mudou-se com a família para o Nebraska, uma região de colonos e pioneiros cuja realidade muito viria a influenciar a sua obra. Frequentou a Universidade de Nebraska-Lincoln e, depois de terminar os estudos, trabalhou vários anos como jornalista e professora de inglês e latim em Pittsburgh. Aos trinta e dois anos mudou-se para Nova Jorque onde, durante seis anos, foi membro da redacção da *McClure's Magazine*. A partir de 1912 passou a dedicar-se exclusivamente à escrita. Não obstante ter sido muito discreta quanto à vida privada, são conhecidas as suas relações com mulheres, tendo vivido, nomeadamente, com Edith Lewis. A sua bibliografia é constituída essencialmente por romances e contos, embora a sua primeira publicação, em 1903, tenha sido um volume de poesia. De entre os doze romances, inéditos em Portugal, destacam-se *O Pioneers!* (1913), *The Song of the Lark* (1915), *My Antonia* (1918), *One of Ours* (1922), que lhe valeu o Pulitzer Prize, e *Death Comes from the Archbishop* (1927). O tema mais recorrente na sua obra é a dura vida dos imigrantes nas regiões isoladas do Nebraska, tendo criado personagens femininas notáveis pela capacidade de resistência a condições de vida extremamente difíceis. O conto que aqui apresentamos, *Uma matinée de Wagner*, constitui um exemplo brilhante de exploração destas temáticas, aliando precisão e contenção a uma grande riqueza de linguagem.

Recebi certa manhã uma carta escrita em tinta desmaiada, num papel de linhas azuis, com o carimbo dos correios de uma pequena aldeia do Nebraska. Esta missiva, gasta e amarrotada, como se tivesse andado dias no bolso de um casaco lá não muito limpo, era do meu tio Howard e informava-me de que a minha tia recebera uma pequena herança de um parente solteiro, recentemente falecido, e que teria de vir a Boston para regularizar a situação dos bens. Pedia-me que fosse esperá-la à estação e que a ajudasse em tudo o que viesse a ser necessário. Ao reparar na data indicada para a chegada, apercebi-me de que era logo no dia seguinte. Muito à sua maneira, o tio Howard tinha protelado escrever a carta durante tanto tempo que, caso eu tivesse estado ausente de casa nesse dia, teria faltado de todo ao encontro com a pobre senhora.

O nome da tia Georgiana não evocava apenas a sua própria figura, simultaneamente patética e grotesca,

mas abria-me aos pés um abismo de recordações tão vasto e profundo que, quando a carta me escapou da mão, senti-me de repente alheio a todas as circunstâncias actuais da minha vida, mal na minha pele e deslocado no ambiente bem conhecido do meu escritório. Numa palavra, voltei a ser o moço de quinta desengonçado que a minha tia conhecera, atormentado por frieiras e pudores, de mãos rachadas e doridas pela debulha do milho. Tacteei os nós do polegar a medo, como se estivessem de novo em carne viva. Sentei-me de novo ao orgão de sala, a tropeçar nas escalas, com as mãos vermelhas e rígidas, enquanto ela, a meu lado, fazia luvas de lona para os debulhadores.

Na manhã seguinte, depois de ter de certo modo preparado a senhoria, dirigi-me à estação. Quando o comboio chegou, tive alguma dificuldade em encontrar a minha tia. Foi a última a descer e só depois de eu a ter metido na tipóia pareceu reconhecer-me de facto. Tinha viajado todo o caminho numa carruagem de dia; durante a jornada, a bata de linho ficara negra de fuligem e a touca preta, cinzenta de pó. Quando chegámos à minha pensão, a senhoria meteu-a logo na cama e só voltei a vê-la na manhã seguinte.

Se o aspecto da minha tia chocou Mrs. Springer, ela, respeitosa, não o deixou transparecer. Quanto a mim, continuei a ver a figura extravagante da minha tia com aquela sensação de reverência e respeito que reservamos a exploradores que perderam orelhas e dedos a norte da Terra de Franz Josef ou a saúde algures no Norte do Congo. A minha tia Georgiana tinha sido professora de música no Conservatório de Boston, em finais da década de sessenta. Num Verão, de visita à aldeola

algures nas Montanhas Verdes, onde os seus antepassados tinham vivido durante gerações, despertou as atenções imberbes do rapaz mais indolente e incapaz de todos os moços da aldeia e acalentou por este tal Howard Carpenter uma dessas paixões extravagantes que um rapaz do campo, bem-parecido, de vinte e um anos, pode às vezes inspirar a uma trintona angulosa de óculos. Quando regressou ao trabalho em Boston, Howard seguiu-a, e o desfecho desta paixão inexplicável foi ela ter fugido com ele, subtraindo-se às censuras da família e às críticas dos amigos, eclipsando-se os dois para a fronteira do Nebraska. Carpenter que, naturalmente, não tinha posses, obtivera uma concessão de terras em Red Willow County, a oitenta quilómetros do caminho-de-ferro. Aí, mediram eles próprios o talhão, percorrendo a planície numa grande carroça, a cuja roda tinham atado um lenço de algodão encarnado, contando-lhe as rotações. Escavaram um abrigo na encosta da colina avermelhada, uma dessas cavernas que serviam de casa a quem tão frequentemente regredia para condições de vida primitivas. Abasteciam-se de água nas lagoas em que bebiam os búfalos, e a magra reserva de provisões de que dispunham estava sempre à mercê de bandos de índios errantes. Durante trinta anos, a minha tia não se tinha afastado da herdade mais de oitenta quilómetros.

Mas Mrs. Springer não tinha conhecimento de nada disto e deve ter ficado bastante perturbada à vista daquilo em que se transformara a minha parente. Por baixo da bata de linho suja que, à chegada, era a característica mais visível do seu vestuário, trazia um vestido de um tecido preto cujos enfeites arrebitados

revelavam, sem qualquer dúvida, que se entregara nas mãos de uma costureira da província. O certo é que a figura da minha pobre tia teria apresentado dificuldades espantosas a qualquer costureira. Já de si descaídos, os ombros estavam agora tão metidos para dentro que quase se tocavam sobre o peito encovado. Não usava corpete, e o vestido, que atrás pingava, subia na barriga, formando uma espécie de bico. Os dentes postiços estavam mal ajustados, e a pele tão amarela como a de um mongol, devido à exposição constante a um vento impiedoso e à água alcalina que endurece a pele mais transparente até a tornar numa espécie de couro flexível.

Eu devia a esta mulher a maior parte do bem que me calhou na adolescência e nutria por ela uma afeição reverente. Durante os anos em que guardei o gado do meu tio, a minha tia, depois de ter cozinhado três refeições – a primeira das quais estava pronta às seis da manhã – e de ter metido na cama os seis filhos, ficava muitas vezes a passar a ferro até à meia-noite, comigo ao lado na mesa da cozinha, a ouvir-me recitar as declinações e conjugações de latim, abanando-me com brandura quando a cabeça me tombava de sono sobre uma página de verbos irregulares. Foi a ela, enquanto passava a ferro ou remendava, que pela primeira vez li Shakespeare, e o seu velho manual de mitologia foi o primeiro a vir parar às minhas mãos vazias. Ensinava-me também as notas e exercícios, no pequeno órgão de sala que o marido lhe tinha comprado, após quinze anos em que praticamente não vira um instrumento, fora o acordeão que pertencia a um dos trabalhadores agrícolas noruegueses. Sentava-se horas ao meu lado,

cerzindo e fazendo contas, enquanto eu me batia com *Der fröhliche Landmanni*, mas raramente me falava de música e eu percebia porquê. Era uma mulher piedosa; tinha o consolo da religião – e, pelo menos para ela, aquele martírio não era inteiramente sórdido. Uma vez em que eu estivera a matraquear umas passagens simples de uma velha partitura de *Euryanthe* que encontrara entre os seus livros de música, ela aproximou-se de mim e, pondo-me as mãos sobre os olhos, puxou-me com meiguice a cabeça para o seu ombro, dizendo numa voz trémula:

– Não gostes tanto, Clark, porque to podem tirar. Oh, meu querido, pede a Deus que, seja qual for o sacrifício, não seja esse.

Quando a minha tia apareceu, na manhã seguinte à da chegada, o seu estado ainda era semi-sonâmbulo. Não parecia aperceber-se de que estava na cidade em que vivera a juventude, no lugar por que ansiara avidamente durante metade da sua vida. Tinha enjoado tão terrivelmente durante a viagem que a única coisa de que se lembrava era do seu mal-estar e, para todos os efeitos, apenas algumas horas de pesadelo separavam o rancho de Red Willow County do meu escritório na Newbury Street. Eu tinha previsto proporcionar-lhe naquela tarde um pequeno prazer, em paga dos momentos maravilhosos que lhe devia quando ordenhávamos juntos no estábulo coberto de colmo e ela, por me ver mais cansado do que de costume ou porque o marido me tinha falado com rudeza, me descrevia a magnífica representação dos *Huguenotes* a que assistira em Paris quando era nova. A orquestra sinfónica ia apresentar às duas horas um concerto de música de Wagner

e eu tencionava levar a minha tia; no entanto, ao falar-lhe nisso, comecei a ter dúvidas sobre se ela gostaria de ir. No fundo, só podia desejar, para seu próprio bem, que o gosto dela por tais coisas estivesse morto e enterrado e que o longo combate tivesse finalmente chegado ao fim. Sugerí uma ida ao Conservatório e ao jardim municipal antes do almoço, mas ela parecia demasiado insegura para se arriscar a sair. Fez-me perguntas distraídas sobre várias mudanças na cidade, mas a sua grande preocupação era ter-se esquecido de deixar instruções sobre a necessidade de alimentar um certo bezerro enfezado a leite meio desnatado, «o bezerro da velha Maggie, lembra-te, Clark?», explicou, revelando ter-se claramente esquecido de há quanto tempo eu me tinha vindo embora. Também a preocupava não ter tido o cuidado de lembrar à filha que ficara na cave uma lata de cavalas acabada de abrir, que se estragaria se não fosse consumida de imediato.

Perguntei-lhe se alguma vez tinha ouvido uma ópera de Wagner e disse-me que não, embora conhecesse na perfeição os enredos e tivesse chegado a possuir a partitura para piano do *Holandês Voador*. Comecei a pensar que talvez tivesse sido preferível deixá-la voltar para Red Willow County sem a despertar e lamentei ter sugerido o concerto.

Contudo, a partir do momento em que entrámos na sala de concertos, ela tornou-se um pouco menos passiva e inerte e pareceu dar-se conta pela primeira vez do ambiente em seu redor. Eu tinha sentido uma certa apreensão, não fosse ela tomar consciência do absurdo da sua indumentária ou sentir alguma espécie de embaraço penoso ao entrar de repente no mundo para o

qual tinha estado morta durante um quarto de século. Mas, uma vez mais, descobri quão superficialmente a tinha julgado. Sentou-se a olhar à sua volta com os mesmos olhos impessoais e quase tão petrificados com que um Ramsés de granito de um museu observa a espuma e nevoeiro que fluem e refluem junto ao seu pedestal – dele separado pela passagem solitária dos séculos. Observei este mesmo distanciamento em velhos mineiros que entram por acaso no Brown Hotel de Denver, os bolsos cheios de metal sonante, as roupas sujas, as faces macilentas por barbear; ficam de pé nos corredores apinhados, tão solitários como se ainda estivessem num campo gelado do Yukon, conscientes de que certas experiências os isolaram dos seus semelhantes por um abismo que nem todo o ouro do mundo pode preencher.

Os nossos lugares eram na ponta esquerda do primeiro balcão, em frente da arcada e por baixo do segundo balcão, autênticos jardins suspensos, reluzentes como campos de tulipas. O público da *matinée* era essencialmente constituído por mulheres. Esbatiam-se os contornos das faces e das silhuetas – em boa verdade, qualquer espécie de impressão linear – para só sobressaírem a cor dos corpetes que passavam, o brilho dos tecidos suaves e firmes, sedosos e puros: vermelho, malva, rosa, lilás, púrpura, cru, rosa-pálido, amarelo, creme e branco, todas as cores que um impressionista descobre numa paisagem iluminada pelo Sol e aqui e além, a sombra morta de uma sobrecasaca. A minha tia Georgiana olhava para elas como se fossem outras tantas pinceladas de tinta numa paleta.

Quando os membros da orquestra apareceram e ocuparam os seus lugares, ela estremeceu levemente, de expectativa, e olhou com vivo interesse para baixo, por cima do corrimão, para aquele grupo invariável, talvez a primeira coisa inteiramente conhecida que lhe surgia à vista desde que deixara para trás a velha Maggie e o bezerro enfezado. Eu sentia o profundo efeito que todos esses pequenos pormenores produziam nela, pois não esquecera o que eu próprio tinha sentido, regressado da faina infundável da lavoura, entre carreiros verdes de milho, num lugar em que, como numa roda de nora infundável, se podia caminhar desde o romper da aurora até ao crepúsculo sem descortinar a sombra de uma alteração. As silhuetas distintas dos intérpretes, o brilho do linho, o negro sombrio dos casacos, as formas amadas dos instrumentos, as manchas de luz amarela projectadas pelos candeeiros sombreados a verde nos bojos lisos e envernizados dos violoncelos e das violas de gamba, atrás a floresta afagada pelo vento, dos arcos e dos braços dos violinos – eu lembrava-me de que, da primeira vez que ouvira tocar uma orquestra, os longos golpes de arco pareciam arrancar-me o coração como a varinha de um ilusionista desenrola de um chapéu metros e metros de serpentinas.

O primeiro número foi a abertura do *Tanhäuser*. Quando as trompetas esboçaram os primeiros acordes do Coro dos Peregrinos, a tia Georgiana agarrou-me na manga do casaco. Foi então que compreendi pela primeira vez que, para ela, isto rompia um silêncio de trinta anos; o silêncio inimaginável das planícies. Durante o confronto entre os dois temas, durante o delírio do tema do *Venusberg*, com o seu torvelinho de cordas, fui toma-

do por uma sensação avassaladora do desperdício e da dissipação, que somos tão impotentes para combater; e voltei a ver a casa alta e nua na pradaria, negra e sinistra como uma fortaleza de madeira; o laguinho escuro onde aprendi a nadar, a margem marcada por pegadas de gado secas pelo Sol; os bancos de argila escavados pela chuva junto à casa nua, os quatro pés de freixo onde se penduravam sempre os panos da loiça a secar, em frente da porta da cozinha. O mundo ali era o mundo plano dos Antigos; a leste, um campo de milho que se estendia até ao romper da aurora, a oeste, uma cerca com gado que ia até ao pôr do Sol; no meio, as conquistas da paz, compradas mais caras que as da guerra.

A abertura terminou; a minha tia largou-me a manga do casaco, mas não disse nada. Continuava sentada a olhar fixamente para a orquestra, através de trinta anos de marasmo, através das imagens acumuladas pouco a pouco por cada um dos trezentos e sessenta e cinco dias de cada um desses anos. Tentei imaginar o que isto representava para ela. Sabia que fora, no seu tempo, uma boa pianista e que tivera uma formação musical superior à da maioria dos professores de música de há um quarto de século. Falara-me muitas vezes das óperas de Mozart e de Meyerbeer, e lembrava-me de a ouvir cantar, anos atrás, certas melodias de Verdi. Quando estive doente com febre em casa dela, vinha sentar-se junto à minha enxerga ao entardecer – enquanto o ar fresco da noite entrava pelo mosquiteiro gasto pregado sobre a janela e eu, deitado, observava uma certa estrela cintilante que tingia de vermelho o milheiral – e entoava *Home to our mountains, O let us*

*return*, de uma forma capaz de despedaçar o coração de um rapaz do Vermont, já quase morto de saudades da sua terra.

Observei-a com atenção durante o prelúdio do *Tristão e Isolda*, tentando em vão imaginar o que representaria para ela o turbilhão impetuoso das cordas e dos sopros, mas continuava a fixar silenciosamente os arcos dos violinos no seu movimento oblíquo descendente como bátegas de chuva num aguaceiro de Verão. Esta música transmitir-lhe-ia alguma mensagem? Teria conservado suficiente capacidade para apreender esta força que tinha iluminado o mundo desde que ela o deixara? Eu sentia uma curiosidade febril, mas a tia Georgiana continuava silenciosa como uma esfinge. Manteve a mesma imobilidade completa durante o número do *Holandês Voador*, embora as mãos se lhe agitassem mecanicamente sobre o vestido preto, como se estivessem elas mesmas a recordar a partitura para piano que outrora tinham tocado. Pobres e velhas mãos! Tinham sido forçadas e deformadas até se tornarem meros tentáculos para agarrar coisas, levantar pesos e amassar; as palmas inchadas, os dedos tortos e nodosos – num deles, um anel fino e gasto que outrora fora uma aliança de casamento. Ao apertar e acalmar suavemente uma das mãos que se movia no escuro, recordei, com um tremor nas pálpebras, os serviços que me tinham prestado noutros tempos.

Logo que o tenor começou a cantar a *Morgenlich leuchtend*, ouvi uma breve respiração crispada e virei-me para a minha tia. Tinha os olhos fechados, mas escorria-lhe um brilho de lágrimas pela cara e, logo depois, também se marejaram os meus olhos. Então era verda-

de, nunca morre realmente – a alma que é capaz de um sofrimento tão atroz e tão interminável; apenas definha à superfície, como o estranho musgo que pode manter-se numa prateleira cheia de pó durante meio século para, quando mergulhado em água, reverdecer. E ela assim chorou durante o desenvolvimento e elaboração da melodia.

No intervalo, antes da segunda parte do concerto, interoguei a minha tia e fiquei a saber que já conhecia a «*Morgenlich leuchtend*». Uns anos antes, aparecera à deriva, no rancho de Red Willow County, um jovem Alemão, vaqueiro e errante, que em criança tinha cantado no coro de Bayreuth, juntamente com todos os outros rapazes e meninas da aldeia. Aos domingos de manhã, tinha o costume de se sentar na cama de lençóis de guingão do quarto dos trabalhadores que dava para a cozinha, limpando o couro das botas e da sela, entoando a *Morgenlich leuchtend* enquanto a minha tia lidava na cozinha. Ela não descansara até o convencer a frequentar a igreja local, embora, tanto quanto pude compreender, a única aptidão dele para tal fosse uma cara de menino e o facto de ser mensageiro daquela melodia divina. Pouco tempo depois, ele fora à cidade num 4 de Julho, andara embriagado durante vários dias, perdera o dinheiro ao jogo, apostara cavalgar um novilho texano castrado e desaparecera com uma clavícula fracturada. A minha tia contou-me tudo isto com uma voz rouca e de uma forma incoerente, como se estivesse a falar nos débeis intervalos de uma enfermidade.

– A verdade é que agora temos, sem dúvida, coisas melhores do que o velho *Trovatore*, não acha, tia Geor-

gie? – perguntei fazendo um esforço bem-intencionado para me mostrar jovial.

Os lábios dela tremeram e levou rapidamente o lençinho à boca. Foi por detrás dele que murmurou:

– E tu tens andado a ouvir coisas destas desde que te vieste embora, Clark?

Aquela pergunta foi a mais branda e a mais triste das censuras.

A segunda parte do programa era constituída por quatro números do *Anel* e terminou com a marcha fúnebre de Siegfried. A minha tia chorou em silêncio, mas quase continuamente, como um batel a transbordar numa chuvada. De vez em quando, levantava os olhos baços para as luzes que ornamentavam o tecto, brilhando suavemente por trás dos globos de vidro fosco; para ela eram, com certeza, estrelas verdadeiras. Eu ainda estava na dúvida quanto ao grau de compreensão musical que conservava, ela que durante tantos anos apenas ouvira cantar espirituais em cerimónias metodistas na escola da aldeia. Era-me completamente impossível imaginar até que ponto essa capacidade tinha sido dissolvida em barreiras de roupa suja ou amassada com o pão ou ordenhada para o fundo de um balde de leite.

O dilúvio de som continuava a jorrar; nunca soube o que descobriu ela nessa torrente deslumbrante; nunca soube até onde a transportou ou por que ilhas de felicidade a fez passar. Pelo tremor da face, era mais levado a crer que, antes dos últimos números, tinha sido transportada para o lugar onde estão miríades de sepulturas, para os cemitérios anónimos e cinzentos do

mar; ou para um qualquer universo de morte ainda mais imenso, onde, desde que o mundo é mundo, a esperança jaz com a esperança e o sonho com o sonho e, renunciando, dormem.

O concerto acabou; os espectadores faziam fila para sair da sala, tagarelando e rindo, contentes por se descontrárem e reencontrarem a realidade da vida, mas a minha tia não fez qualquer esforço para se levantar. O harpista enfiou o instrumento na cobertura verde de feltro; os flautistas sacudiram a água dos bocais; os membros da orquestra saíram um a um, deixando o palco às cadeiras e às estantes das pautas, vazio como um milheiral no Inverno.

Disse qualquer coisa à minha tia. Ela desfez-se em lágrimas e soluçou, implorando:

– Não quero ir-me embora, Clark, não quero ir!

Compreendi. Esperavam-na, mesmo à porta da sala de concertos, o laguinho escuro, as encostas com pegadas de gado; a casa alta por pintar, as tábuas deformadas pelos elementos, nua como uma torre; os rebentos de freixo anão, com os panos de loiça pendurados a secar; os perus escanzelados na muda da pena, debicando restos de comida junto à porta da cozinha.



Peter Carey

*O Gordo na História*

Tradução de Luís Rodrigues

**Peter Philip Carey** (1943-) nasceu na Austrália, em Bacchus March no Estado de Victoria, a 7 de Maio. Frequentou cursos de Química e Zoologia na Universidade de Monash, mas acabou por desistir dos estudos após sofrer um acidente de viação, ao que encerrou carreira na área da publicidade. Foi no seu período como redactor em várias agências espalhadas pelo mundo, durante as décadas de 1960 e 1970, que Carey entrou em contacto com muita da literatura contemporânea e produziu grande parte dos seus contos, entre os quais *The Fat Man in History* de 1974, que dá o título a um dos seus dois livros de contos. «Entretém-se com estas teorias, tem uma paixão por construções destas, edificando ideias como castelos de cartas, aumentando-as até ficar com vertigens e a tremer das alturas», escreve Carey em *O Gordo na História*. Influenciado pela literatura de ficção científica e especulativa e por figuras encontradas durante uma visita à Indonésia, Carey imagina uma Melbourne distópica onde os gordos são os oprimidos. Prenunciam-se aqui alguns dos temas predilectos do autor, como a culpa e a vergonha, o engano, a prisão e a sombra do imperialismo, culminando a história num dos surpreendentes desfechos que se tornaram sua imagem de marca. Desde a década de 1980 que o autor se dedica quase exclusivamente à escrita de romances, de entre os quais se destacam *Oscar and Lucinda* e *True History of the Kelly Gang*, ambos galardoados com o Booker Prize. *My Life as a Fake* (romance feérico e «pessoano» sobre um poeta que não existiu) e *Theft*, de 2006, são dois dos seus últimos trabalhos. Em princípio da década de noventa mudou-se para Nova Iorque onde vive e ensina.

## 1.

Tem os pés doridos. O empório parece interminável, enquanto ele avança, num estranho passo arrastado, com os lençóis de cama de casal debaixo do braço. É como um pesadelo – a saída à vista mas que nunca se aproxima, o calor opressivo, o enxame constante de corpos que correm ao seu encontro como insectos atraídos, e depois repelidos, por um veículo a alta velocidade.

Está a suar bastante, a tentar parecer calmo. Os lençóis estão mal embrulhados. Embrulhou-os sozinho, tendo-se surpreendido com a própria coragem. Pegou nos lençóis (de casal, porque não havia individuais em azul) e foi até ao balcão dos embrulhos, de onde tirou um pedaço de papel pardo e deitou mãos à obra. Com um sorriso submisso, perguntou à empregada que o olhava indagativamente «Não se importa, pois não?»

A empregada desviou o olhar.

As calças dele são grandes, largas e antiquadas. Felizmente, têm bolsos muito grandes e os bolsos contêm agora várias latas de ostra fumada. As ostras fumadas são fáceis, sempre em grandes cestos à entrada da secção de *self-service*. Muitas vezes se tem perguntado porque o fazem, porquê deixá-las lá fora? Para serem mais fáceis de roubar, por serem difíceis de vender? Será a forma de lhes darem sustento a ele e aos amigos? Terá, porventura, algum gordo mantido o seu emprego no empório? Entretém-se com estas teorias, tem uma paixão por construções destas, edificando ideias como castelos de cartas, aumentando-as até ficar com vertigens e a tremer das alturas.

Ao aproximar-se da porta giratória hesita, tentando avaliar a melhor forma de aí entrar. A porta gira depressa, cuspidando pessoas para dentro da loja, clientes de última hora. Ele escolhe o seu espaço e avança, apressando-se para lá chegar a tempo. Deirdre, minúscula e a fazer lembrar um pássaro como sempre, é atirada porta giratória fora, choca com ele, sopra-lhe a palavra «grosseirão», e apressa-se loja dentro, deixando-o com uma sensação de espanto embrutecido, de surpresa por ver uma cara tão bonita expressar tanto medo e ódio com tanta rapidez.

Claro que não era Deirdre. Mas Alexander Finch reflecte que podia ter sido. Enquanto dá uma triste volta na porta e avança devagar pela rua, pondera como é estranho que a revolução tenha produzido esta ideia que viria a afectar-lhe tão drasticamente a vida: ser gordo é ser opressor, é ser ganancioso, é ser pré-revolucionário. É impossível saber se teve origem no povo ou se lhe foi ministrada pela propaganda revolucionária. É certo que,

nos anos antes da revolução, muitos dos gordos ou eram americanos, ou eram paus-mandados dos americanos, ou eram os ricos simpatizantes dos americanos. Mas, naqueles anos, as pessoas tinham uma mentalidade mais razoável e conseguiam aceitar a ideia de gordos como Alexander Finch estarem contra os americanos e contra o velho regime dankista.

Alexander Finch sempre se considerara senhor de uma cara e de um corpo adoráveis. Não pensava assim por presunção. Na escola, chamavam-lhe «Fofinho», e no jornal todos o tratavam por «Ursinho» ou «Ursinho de Peluche». Ele até assinava os seus *cartoons* «Ursinho», e quando se incluía no *cartoon*, era sempre como um homem perplexo, redondo e rabudo, a observar as palhaçadas do mundo com olhos risonhos e paternais.

Não obstante, a pouco e pouco, a forma como o mundo via Alexander Finch e, em consequência disso, a forma como Alexander Finch se via a si próprio acabaram por se alterar. Foi obrigado a tornar-se num *cartoon* diferente, um dos seus próprios «americanos balofos»: grotescos, gananciosos, inimigos do povo.

Mas nos primeiros dias após a revolução ainda não se tinha dado a mudança. Ou, se tinha, Finch andou demasiado ocupado para reparar nela. Como secretário do Trigésimo Segundo Distrito, tomava apontamentos, fazia actas, escrevia boletins semanais, redigia relatórios de dez em dez dias para o Comité Central dos Setenta e Cinco, e, ainda assim, lá arranjava tempo todos os dias para fazer um *cartoon* para o jornal e para se lembrar de que General Kooper se escrevia com «K» e não com «C» (Miles Cooper era um dos infames traidores da revolução). Para além disso, era responsável

por inspeccionar e comunicar o estado das propriedades do Trigésimo Segundo Distrito, e por investigar casos de provação e de pobreza onde quer que os encontrasse. E se, nestes primeiros dias, acabasse por vezes envolvido em desagradáveis equívocos, considerava-os apenas isso e nada mais. As pessoas estavam acostumadas a ver todos os oficiais gordos como americanos ou então como homens de Danko, porque só os americanos e os seus amigos tinham comida suficiente para engordar. Uma vez por outra, Finch tentava explicar a natureza da obesidade glandular e salientar que não era um oficial a sério, mas sim o *cartoonista* «Ursinho», que sempre fora anti-Danko.

Por vezes, Finch tinha vergonha da sua gordura, nos primeiros dias, quando o povo passava fome. Mas, paradoxalmente, não foi até a situação melhorar, quando a produção atingiu e ultrapassou os valores pré-revolucionários e os problemas de distribuição ficaram, por fim, mais ou menos resolvidos, que a questão da gordura veio à ribalta. E então, claro, o alimento já não era problema. Quando muito, havia fartura e falava-se em despejar cereal no mercado mundial. Em vez disso, acabou despejado no mar.

Mesmo então, os comités distritais e o Comité dos Setenta e Cinco nunca aprovaram moções directamente relacionadas com os gordos. Em vez disso, a palavra «gordo» entrou à socapa na linguagem, na forma de um adjectivo novo, sinónimo de ganancioso, feio, imoral, preguiçoso, obsceno, malvado, porco, desonesto, desleal. Não era justo. Não era boa altura para se ser gordo.

Alexander Finch, hoje secretário do grupo clandestino «Gordos Contra a Revolução», carrega os seus len-

çóis de cama de casal e latas de ostra fumada no sentido norte, pelas ruas quentes da cidade. Os seus olhos estreitos e amendoados quase se fecham, e ele observa o mundo por uma reconfortante cortina de pestanas. Mexe-se devagar, um gordo de camisa de algodão branco, calças cinzentas folgadas, e um coxear tão leve que se podia considerar um andar gingão. A camisa ostenta grandes manchas de suor, como pinceladas toscas, marcas deliberadamente aplicadas. Ninguém choca com ele. Nos semáforos, chega-se para o lado, afastando-se dos magotes. Parece tratar-se de um acordo mútuo.

Os lençóis debaixo do braço parecem-lhe pesados e húmidos. Não está certo de que se tenha safado. Podem ainda vir a segui-lo (não se atreve a olhar em volta), segui-lo até à casa, para descobrir o que mais pode ter roubado. Sorri ao pensar em todas aquelas latas de ostra fumada na incineradora do quintal, as centenas de latas que vão encontrar. E o barril de cerveja que Fantoni roubou. E o pequeno buda que ele próprio furtou para o aniversário de Fantoni, mas com o qual acabou por ficar, tanta pena teve (ou terá sido tanto gostou?) da estatueta gorducha. Acusa-se de egoísmo mas reflecte que um pouco de egoísmo é tónico para um gordo hoje em dia.

Passam por ele dois jovens a correr, dando-lhe um encontrão de cada lado. Ele supõe que foi intencional, mas não tem a certeza. A sua situação é toda assim, uma tirania de subtilezas. Ser despedido do único jornal que sempre fora solidário com Kooper e com as suas ideias por motivos de «desleixo» e «erros ortográficos». Rira-se alto. «Erros ortográficos». Era quase tradição os *cartoonistas* escreverem mal. Era o que se esperava de-

les, e a ortografia era cuidadosamente revista. Mas agora diziam-lhe que a sua ortografia era uma maçada e uma perda de tempo, e de qualquer forma ele era «geralmente desleixado no modo de estar e de vestir». Será que «desleixado» queria dizer «gordo»? Não lhes perguntou. Não quis envergonhá-los.

2.

O táxi de Milligan está estacionado em frente à casa. O táxi é como Milligan: muito vivo e reluzente e pintado às riscas azuis e amarelas iridescentes. O próprio Milligan pintou-o à pistola. Parece um carrinho de choque do Luna Park, incluindo a desordem de estrelas cor-de-rosa estampadas na porta do condutor.

Milligan deve ter adormecido.

Para lá do táxi de Milligan, a casa está muito sossegada. É muito monótona, pintada com as cores das estações de caminhos-de-ferro e das escolas: verde-vivo e creme sujo. Nota-se a ferrugem através da tinta creme da sacada em ferro forjado e dois pares de cuecas grandes pendem, moles, de um estendal na varanda do andar de cima.

É uma de seis casas, todas idênticas, rodeadas por grandes quarteirões de apartamentos em betão e baldios onde crescem cardos secos. A estrada em si é das principais e preserva ainda parte da sua grandiosidade pré-revolucionária: filas de grandes olmeiros formam uma avenida que leva à cidade.

O pequeno jardim está cheio de ervas daninhas e rabanetes do Glino. Finch abre a porta da frente com cautela, na esperança de que esteja mais fresco lá den-

tro mas sabendo que não vai estar. Tacteia o chão na meia-luz, à procura de cartas. Não há – Fantoni deve tê-las levado. Ainda consegue distinguir as manchas escuras na porta, no sítio onde May se sentou e ficou três horas a bater com a cabeça. Ninguém se deu ao trabalho de limpar o sangue.

Finch põe-se na passagem sombria à escuta. A casa dá a sensação de ser um lugar onde ninguém trabalha, uma espécie de moleza. May está no andar de cima a ouvir o seu disco de Sibelius. O disco está muito riscado e deixa May rabugento, mas é o único que ele tem e toca-o incessantemente. A música atravessa o calor intenso do corredor e Finch espera que Fantoni não esteja na cozinha a ler a «correspondência» – não quer que Fantoni veja os lençóis. Arrasta os pés devagar pelo corredor, passando o fundo da escadaria íngreme, pelo estranho balcão onde Glino faz as suas refeições vegetarianas, e entra na cozinha onde Fantoni, de camisa havaiana às flores e fumando charuto, está a ler a sua «correspondência» e a repuxar o grande bigode que parcialmente lhe esconde a pequena boca. Finch sempre achou estranho que um homem tão grande tivesse uma boca tão pequena. Também as mãos de Fantoni são pequenas, mas os antebraços são grandes e musculados. Tem a cabeça quase rapada, coberta de cerdas curtíssimas, e a nuca está dividida por uma série de estranhas pregas. Fantoni é o mais novo dos seis gordos que vivem na casa. Ex-fiscal de estacionamento, com cerca de vinte e oito anos, é o ladrão mais talentoso deles todos. Sem Fantoni estariam à beira da fome, a subsistir das pensões. Só Milligan tem outras fontes de rendimento.

Fantoni tem contactos por todo o lado. É capaz de arranjar comida. É capaz de arranjar tudo menos a dinamite de que precisa para rebentar com a Estátua 16 de Outubro. Andou dois meses à procura da dinamite. Fantoni é o líder e o dinamizador dos «Gordos contra a Revolução». Os outros são como um exército mercenário, lutando pela causa de Fantoni, que é «dar uma lição aos macaquinhos».

Fantoni não levanta os olhos quando Finch entra. Não levanta os olhos quando Finch o cumprimenta. Não faz nada para acusar a presença de Finch. Isto porque está ocupado com «a minha correspondência», cuja natureza nunca revelou a ninguém. Desta vez, Finch alegra-se por Fantoni não levantar os olhos, e sai para o alpendre com o telhado em fibra de vidro verde, passando pela bicicleta novinha em folha de Fantoni e as ervas de Glino, pelo caminho cimentado fora, passando a janela da cozinha, e chega àquilo a que chamam «as novas dependências».

«As novas dependências» são dois quartos acrescentados às traseiras da casa. As suas paredes exteriores são de chapa ondulada, pintadas de vermelho-escuro, da cor da ferrugem. Lá dentro são um bocadinho mais agradáveis. Uma está vaga. Finch fica na outra. O quarto de Finch está cheio de bricabraque – livros, jornais, o buda, uma estampa de Reubens, postais de Itália com reproduções de quadros renascentistas. Tem um mapa dos primórdios da Islândia na parede sobre a cabeceira da cama de contraplacado, um tapete cinzento em pele de cabra a tapar os buracos maiores na alcatifa castanha, uma lanterna de papel chinesa envolvendo o globo nu da lâmpada.

Abre a porta, dá um passo atrás, e esboça uma enorme careta cómica de gordo para indicar o seu nojo a um observador invisível.

O quarto não tem isolamento. E com cada dia de calor tem ficado mais quente. Às quatro da manhã arrefece um pouco, e às sete começa outra vez a aquecer. O calor reaviva os cheiros estranhos de anteriores habitantes, estranhos suores e esperanças que ressumam no calor, fantasmas de sonhos e de desinfetante entornado.

A janela não abre. Não há mosquiteiro na porta. A sua escolha é entre a asfixia e os mosquitos.

Há um ano apenas, fizera uma série de *cartoons* sobre as condições de habitação. Mostrara barracas em chapa ondulada, moscas enormes, ratazanas ferozes, e Danko em pessoa a meter a renda ao bolso. Os homens de Danko fizeram-lhe uma visita quando o quarto *cartoon* apareceu. Ameaçaram prendê-lo por traição, bater-lhe, torturá-lo. Ficou muito assustado, mas eles não fizeram nada.

E agora está a viver num quarto de chapa ondulada, com varejeiras enormes e uma ou outra ratazana. Estranhamente, agrada-lhe já não ser um mero observador, mas é um prazer pequenino, demasiado pequeno para vencer a sensação de desespero que os cheiros e o calor sufocante induzem nele.

Abre o pacote mal embrulhado com os lençóis e estende-os na cama. O azul é fresco. Por isso queria tanto o azul, por ser mais fresco do que o branco, e porque não revela tanto a sujidade. Os lençóis velhos tinham mudado de cor para um castanho repugnante. Se não estivessem registados no inventário, já os teria levado

para a rua para os queimar. Em vez disso, enrola-os todos e enfia-os debaixo da cama.

Se Fantoni tivesse visto os lençóis, teria havido discussão. Teria sido acusado, mais uma vez, de ceder aos seus caprichos, de roubar artigos de luxo em vez de comida. Mas Fantoni conseguia sempre arranjar comida suficiente.

Despe as roupas encharcadas de suor que se lhe colam ao corpo e atira-as para cima do tapete de pele de cabra. Ao debruçar-se para tirar as peúgas, tem um vislumbre do corpo. Endireita-se devagar, admirado. É Alexander Finch, cujo pai se chamava Senti, mas que dizia chamar-se Finch porque vendia cigarros americanos no mercado negro e achava o nome Finch muito americano. É Alexander Finch, trinta e cinco anos de idade, muito gordo, muito cansado e, de súbito, irremediavelmente triste. Tem quatro grandes pregas de gordura descaídas como uma cortina de carne suspensa do umbigo. Os seus pneus sobresselentes. Agarra as banhas com a mão, apertando-as, com vontade de as arrancar. Aperta-as até doerem, ao que as aperta com mais força ainda. Não obstante todas as estampas de Reubens, não obstante todos os pequenos budas, já não tem orgulho ou sequer alegria em ser gordo. Já não é o Ursinho. Mas ainda não é Fantoni ou Glino – não odeia os macaquinhos. E por muito que o finja, nunca convence completamente. É suspeito de brandura.

É Finch, cujo pai se chamava Senti, cujo pai não era gordo, cuja mãe não era gorda, cujo avô bem podia ter-se chamado Chong ou Ching – se não, como explicar os olhos estreitos e os cabelos negros eriçados?

3.

Há seis gordos nesta casa: Finch, Fantoni, May, Milligan, Glino, e um que nunca divulgou o nome. O-homem-que-não-revela-o-nome está ali desde o princípio. É mais alto, pesado e forte do que qualquer dos outros, incluindo Fantoni. Finch calculou o peso dele em cento e quarenta quilos. O-homem-que-não-revela-o-nome tem uma cara grande e dura com o nariz partido. Crescem-lhe pêlos por todo o lado, saem-lhe do nariz, dos ouvidos, florescem-lhe em grandes e farfalhudas sobranceiras brancas, nas mãos, nos dedos e, reparou Finch, nas enormes costas abauladas. É o único inquilino original. Foi por sua causa que Florence Nightingale sugeriu o lugar a Fantoni, pensando que encontraria um amigo noutra gordo. Fantoni ofereceu-se para acomodar Milligan. Cerca de um mês volvido, Finch e May vinham a descer a Avenida 16 de Outubro (em tempos chamada Praça Real) quando viram três homens conversando à varanda do quarto de Fantoni. Fantoni acenou-lhes. May acenou também, Milligan gritou-lhes que subissem, e assim fizeram. Glino mudou-se uma semana mais tarde, mandado com uma carta de apresentação de Florence Nightingale.

Foi Fantoni que congeminou o plano, hoje lendário, para afastar os outros inquilinos. E embora o-homem-que-não-revela-o-nome nunca tenha participado no plano, nunca interferiu ou denunciou o caso às autoridades.

O-homem-que-não-revela-o-nome fala pouco e mantém-se isolado. Mas dá sempre os bons-dias e as boas-noites e, certa vez, discutiu a Islândia com Finch,

no dia em que Finch trouxe o mapa para casa. Finch crê que tivesse sido marinheiro, mas Fantoni afirma que é Calsen, um acadêmico, expulso da universidade por seduzir uma das «magricelas».

Finch põe-se diante do espelho, com as mãos a apertar a barriga. Pensa no que Fantoni diria se soubesse que Finch estivera noivo de duas diminutas raparigas, Deirdre e Anne, raparigas frágeis com os braços delicados de crianças, que o tinham amado, completa e irracionalmente, e ele a elas, antes da revolução.

4.

May vira o disco de Sibelius para o lado dois e começa mais uma carta para a mulher. Começa ele, Querida Iris, uma notinha apenas para dizer que está tudo bem.

5.

Finch está sentado na cozinha, a folhear o livro sobre Botticelli que acabou de comprar. Custou-lhe metade do dinheiro da pensão. Não está ninguém em casa. Ele vira cada página devagar, apreciando o papel caro tanto quanto as reproduções.

Atrás de si, ouve a chave na porta da frente. Põe o livro no armário por baixo do lava-loiça, no meio das caçarolas, e começa a lavar as garrafas de leite; são às dúzias, todas sujas, todas malcheirosas.

Ouvem-se palavrões e arquejos no corredor. Consegue ouvir Fantoni dizer, o sacaninha, o cabrãozinho. Glinó diz qualquer coisa. Há uma sensação invulgar de urgência nas suas vozes. Entram os dois na cozinha ao

mesmo tempo. Têm a roupa coberta de porcaria, mas Fantoni está de fato-macaco.

Diz Glino, fomos a Deer Park.

Há uma fábrica de explosivos em Deer Park. Há meses que Fantoni vem discutindo o assunto. Ninguém lhe sabia dizer que tipo de explosivo se fabricava aí, mas ele estava convencido de que era dinamite.

Fantoni empurra Finch para longe do lava-loiça e começa a lavar a sujidade das mãos e da cara. Diz ele, os sacaninhas tinham pistolas.

Finch olha para Glino, que está encostado à porta, de olhos fechados, a abrir e a fechar as mãos. Está a tremer. Tem um arranhãozinho numa das faces redondas e glabras, e o sangue derrama-se-lhe através da pele transparente. Diz ele, já pensava que ia dentro outra vez, pensava que íamos de certeza.

Diz Fantoni, cala-te, Glino.

Diz Glino, meu Deus, se alguma vez tivesses estado num lugar daqueles, nunca mais ias querer ver outro.

Está a falar da prisão. O susto parece ter-lhe dominado parte da timidez. Diz ele, meu Deus, que eu não aguentava.

Finch, passando uma toalha a Fantoni para que se enxugasse com ela, pergunta, arranjarão a dinamite?

Volve Fantoni, ora, o que é que *achas!* Já passou a hora de te ires deitar.

Finch sai, preocupado com o livro de Botticelli.

## 6.

Florence Nightingale não tardará a chegar para cobrar as rendas. Oficialmente, chega às oito da noite,

mas às sete e meia chegará em segredo, pelo quintal das traseiras, para visitar Finch nas «novas dependências».

Finch tomou duche cedo e barbeou-se com cuidado. E espera no quarto, com a porta fechada para ter privacidade, conferindo com olhar sério para ver se está tudo bem arrumado.

Estas visitas nunca são mencionadas aos outros, há um acordo tácito de que nunca o serão.

Ouve-se uma pancadinha à porta e entra Florence Nightingale, a sorrir timidamente. Diz ela, uau, que calor. Traz um vestido amarelo simples e sandálias de couro atadas nos tornozelos ao estilo romano. Fecha a porta com exagerada cautela e vai em bicos dos pés até junto de Finch, que está de pé, todo sorridente com a cara cingida num enorme sorriso.

Diz ela, olá, Fofinho, e beija-o na face. Finch abraça-a e dá-lhe palmadinhas nas costas. Diz ele, que calor...

Como de costume, Finch senta-se na cama e Florence Nightingale instala-se, estilo ioga, no tapete de pele de cabra a seus pés. Finch disse uma vez, até parece que Modigliani te pintou. E ficou contente por ela conhecer Modigliani e ter ficado lisonjeada pela comparação. Tem uma cara comprida e séria, e um nariz que é comprido na vertical, mas não horizontalmente. Os seus dentes são direitos e perfeitos, mas a dar um pouco para o comprido. Mas agora não estão visíveis, e a boca está fechada num estranho sorriso calmo que sugere melancolia. Sentem prazer na sua melancolia conjunta, Finch e Florence Nightingale. Os olhos dela, cinzentos, são muito grandes e estão muito abertos, e ela inspecciona o quarto em volta como sempre faz, em busca de novidades.

Diz ela, chegou aos quarenta graus... nem se podia tocar no volante, de tão quente.

Diz Finch, fui às compras. Comprei um livro sobre Botticelli.

Os olhos dela começam a dar voltas mais rápidas pelo quarto. Pergunta, onde, mostras-me?

Finch solta uma risadinha. Responde, está no armário da cozinha. O Fantoni voltou quando o estava a ler.

Diz ela, não devias ter medo do Fantoni, ele não te morde. Compraste lençóis azuis, lençóis *de casal*. Levanta o sobrolho.

Diz ele, não significa nada, foi só a cor.

Diz ela, não acredito em ti. Lençóis azuis *de casal*. Florence Nightingale gosta de lhe inventar uma vida amorosa secreta, mas ele não sabe porquê. Mas sentem prazer nisto, neste namorico sexual/assexual. Finch nunca tem a certeza do que pode significar, mas também nunca teve grandes esperanças em relação a Florence Nightingale, embora tenha feito amor com ela várias vezes, a dormir e meio a dormir. Não é suficientemente frágil. Há uma força que ela tenta esconder com a timidez de uma rapariguinha. E, às vezes, uma estranha falta de jeito, como se tivesse no pensamento uma força lógica a tentar negar a elegância do seu corpo. Senta-se no chão, com a cabeça caracteristicamente inclinada para o lado, de maneira que os longos cabelos lhe caem sobre um dos olhos. Pergunta, como está o Defensor da Liberdade?

Defensor da Liberdade era o nome que Finch dava a Fantoni. Diz Finch, oh nada, ainda não fizemos nada, só planos.

Diz ela, passei pela Estátua 16 de Outubro – continua lá.

Diz Finch, não conseguimos arranjar o explosivo. Se calhar pintamo-la só de amarelo.

Diz Florence Nightingale, se calhar deviam comê-la.

Finch adora a ideia. Diz, essa é boa, Nancy, essa é mesmo boa.

Diz Florence Nightingale, é o vosso papel, não é? Os glutões? Deviam agir em conformidade, da maneira que eles esperam que façam. Deviam comer tudo. Comer o Comité dos Setenta e Cinco. Balouça-se para trás e para a frente no chão, apertando os joelhos, equilibrando-se sobre o rabo.

Finch tenta não lhe espreitar pela saia acima. Diz ele, um festim.

Ela junta as mãos em jeito de megafone e diz, Os Gordos Contra A Revolução comeram o General Koo-per.

Diz ele, e o General Alvarez.

Diz ela, o Empório Central foi devorado a noite passada, descobertas bostas enormes na Avenida 16 de Outubro.

Diz ele, fazes-me sentir como nos velhos tempos, da gordura boa, não da má.

Diz ela, tenho de ir. Hoje cheguei atrasada. Trouxe-vos uns charutos, uns a mais para ti.

Levantou-se de um salto, beijou-o, e partiu antes de ele ter tempo de lhe agradecer. Permanece na cama, acalentando uma certa desilusão, a olhar fixamente para o tapete de pele de cabra.

Aos poucos, vai-se rindo para consigo, enquanto pensa em comer a Estátua 16 de Outubro.

7.

Florence Nightingale não tardará a chegar para cobrar as rendas. À excepção de Fantoni, que está no chuveiro, e Glino, que confecciona a sua refeição vegetariana ao pequeno balcão, está toda a gente na cozinha.

Finch senta-se no bidão de querosene junto ao anexo das traseiras, à espera de aproveitar qualquer brisa que apareça.

Milligan, de calções azuis muito justos, *t-shirt* amarela, e óculos de lentes azuis, está de cócoras a seu lado, a rir-se sozinho e a esfregar as mãos. Acaba de contar uma história, muito longa e complicada, de uma prostituta que tinha levado no táxi e que lhe tinha pago a dobrar para que a deixasse exercer a sua profissão no banco de trás. Fê-lo voltar o espelho para a frente. Ninguém quer saber se a história é verídica ou não.

Diz Milligan, é, pois.

Milligan veste a roupa como se fosse um espartilho, sempre muito apertada. Diz que lhe faz bem ao sangue, o aperto. Todavia, a carne irrompe-lhe em estranhos bojos das coxas, da barriga e dos braços. Parece ter sido amarrado, um peru sorridente pronto para o forno.

Milligan tem sempre uma história. A sua vida é uma farsa contínua, uma série de prostitutas e criminosos, «personagens», belas mulheres, excêntricas senhoras de idade, homossexuais e anormais com duas cabeças. Também sabe muitas anedotas. Finch e May sentam-se nas almofadas de veludo no quarto de Milligan para ouvir as histórias, mas é mau para May, que fica deprimido. As noites acabam invariavelmente com May em

fúria, a dizer, meu Deus, quero foder, quero tanto foder que até dói. Mas Milligan não pára de rir, de certo modo nunca se apercebendo do quanto isso afecta May.

May, Finch, Milligan e o-homem-que-não-revela-o-nome recostam-se na cozinha, a beber a cerveja caseira de Glino. Finch sugeriu que lavassem as garrafas de leite sujas antes que Florence Nightingale chegasse e todos concordaram que era boa ideia. No entanto, deixaram-se ficar sentados, a beber a cerveja caseira de Glino. Ninguém gosta da cerveja, mas de todas as coisas difíceis de roubar, o álcool é a pior. Nem Fantoni o consegue arranjar. Certa vez, lá conseguiu obter um barril de trinta litros de cerveja, mas teve de esperar um ano no quintal até Glino arranjar um cilindro de gás e o aparelho para a tirar. Andaram dia e meio bêbedos à conta desse lote, e quase acabaram todos presos quando saíram para ir mijar na placa comemorativa à porta da repartição oficial do Quinquagésimo Quarto Distrito.

Ninguém diz muito. Bebericam a cerveja de Glino em frascos de compota e olham em redor como se pensassem em formas de arrumar a cozinha, de tirar as garrafas de leite, de fazer qualquer coisa com o caixote do lixo – uma caixa de cartão que já a semana passada estava cheia e de onde transbordam cascas de ovo, latas e côdeas para o chão. De quando em quando, May lê qualquer coisa de um jornal antigo, rindo-se muito alto. Quando May se ri, Finch sorri. Fica feliz por ver May a rir, uma vez que, quando não se ri, significa que está muito triste e capaz de partir coisas e de se aleijar. A testa de May continua marcada da vez em que esteve três horas a bater com a cabeça na porta da frente. Ainda há sangue na pintura.

May anda sempre de sobretudo, mesmo esta noite com o calor. A sua forma é amorfa. Tem duplo queixo e uma cara murcha que lhe pende do nariz. Está a ficar careca e incomoda-o perder o cabelo. Dorme a maior parte do dia para fugir às depressões e passa as noites a vaguear pela casa, bebendo intermináveis copos de água, escutando o seu disco, e gemendo em surdina enquanto tenta dormir.

May é o único que era casado antes da revolução. Veio para a cidade quando foi despedido do seu trabalho como vendedor de frigoríficos, e a mulher era para se juntar a ele mais tarde. Agora não a encontra. Ela vendeu a casa e ele está continuamente a escrever-lhe cartas, ao cuidado de todos aqueles de quem ele se lembra e que possam saber do seu paradeiro.

May está também apaixonado por Florence Nightingale e, nisto, não é diferente dos outros cinco, nem mesmo de Fantoni, que declara achá-la magrinha e subalimentada.

Florence Nightingale é sua amiga, confidente, cobradora, mascote. Trabalha para a revolução, mas é contra. Não tardará a chegar. Todos a esperam. Falam do que ela trará vestido.

Milligan, fitando intensamente o seu grande relógio *Omega*, diz, bip, bip, bip, ao terceiro sinal...

Toca a campainha da frente. É Florence Nightingale.

O-homem-que-não-revela-o-nome levanta-se de um salto. Diz, eu abro, eu a bro. Tem um ar muito sério, mas a cara desgastada e arruinada parece muito dócil. Diz, eu abro. E parece ofegante. Avança corredor fora em passadas grandes e rápidas, de costas ar-

queadas pela urgência, como um animal selvagem, um rinoceronte, a abrir caminho pelo matagal. Consta que tem um caso com Florence Nightingale, mas tal não parece possível.

Acotovelam-se todos na cozinha, grandes corpos macios comprimindo-se junto à porta. Quando Florence Nightingale se aproxima, há muitos empurrões, e Milligan dança em volta do grupo, incapaz de passar, gritando «abram alas aí, abram alas para a senhora dos grandes olhos azuis» na sua voz aguda e nasalada, e todos se empurram em todas as direcções ao mesmo tempo. Por fim, é Fantoni que chega do chuveiro e diz, «Porra, deixem um gajo passar.»

Ficam todos muito calados. Não gostam de o ouvir praguejar diante de Florence Nightingale. Só Fantoni o faria, mais ninguém. Acena-lhe agora com a cabeça e faz sinal para que ela se sente numa das duas cadeiras. Fantoni fica com a outra. Para os restantes, há caixotes, bidões de querosene e um barril de cerveja vazio, que dizem provocar hemorróidas.

Fantoni enverga um fato de safari novo, mas ninguém se refere a ele. Fazem de conta que Fantoni veste o seu fato de lã branca, como de costume.

Florence Nightingale senta-se de maneira simples com as mãos enlaçadas no regaço. Cumprimenta-os a todos por nome, à vez; ao homem-que-não-revela-o-nome limita-se a dizer «Olá». Mas não é difícil ver que há algo entre os dois. O-homem-que-não-revela-o-nome arrasta os seus grandes pés pelo chão e esboça um súbito e enorme sorriso. Responde, «Olá».

Fantoni reúne então a renda, que pagam das suas pensões. A renda não é avultada, mas as pensões tam-

bém não o são. Só Milligan tem rendimento, o que lhe dá uma certa independência.

Finch não tem que chegue para a renda. Tencionava pedir a diferença emprestada a Milligan, mas esqueceu-se. Agora está demasiado envergonhado para a pedir diante de Fantoni.

Diz, ando um bocado teso.

Responde Florence Nightingale, deixa lá, tentas arranjar para a semana. Conta o dinheiro e passa a todos um recibo. Finch tenta chamar a atenção de Milligan.

Mais tarde, enquanto todos fumam os charutos que ela lhes trouxe e bebem a cerveja caseira de Glino, ela diz, detesto este emprego, ficar-vos com este dinheiro todo é horrível.

Glino está sentado no barril de cerveja. Pergunta, que emprego gostavas de ter? Mas não olha para Florence Nightingale. Glino nunca olha para ninguém.

Responde Florence Nightingale, podia vir para aqui tratar de vocês. Podíamos viver juntos e eu fazia-vos crepes Suzete.

E pergunta Fantoni, e depois quem é que nos trazia os charutos? E todos se riem.

## 8.

Estão todos ligeiramente bêbedos.

Diz Florence Nightingale, Glino, toca uma música.

Glino não diz nada, mas parece dobrar-se ainda mais, de tal forma que os ombros largos se fundem com a grande janela do seu quarto. O fino cabelo branco cai-lhe sobre a cara.

Dizem todos, vá lá, Glino, toca uma música. Até que, por fim, Glino tira a harmónica do bolso e, sem levantar os olhos, começa a tocar. Toca muito devagar. Deixa Finch a pensar num albatroz, um albatroz voando sobre um vasto oceano vazio. O albatroz não vai a lado algum. Glino tem a cabeça tão inclinada que ninguém consegue ver a harmónica, está-lhe ensanduichada entre o nariz e o peito. Só as mãos rosadas e translúcidas se mexem lentamente de um lado para o outro.

Então, como que mudando de ideias, o albatroz torna-se um cigano, um pedinte ou um trovador embriagado. Glino sacode a cabeça, bate com os pés, dança com as mãos.

Milligan levanta-se de um salto. Faz uma dança de marinheiro, Finch pensa que é o *hornpipe*, ou quiçá uma inventada, como as estrelas cor-de-rosa estampadas na porta do táxi. Milligan faz uma cara risonha e endiabrada, mexendo as sobranceiras para cima e para baixo por trás dos seus óculos de lentes azuis. Se ele pesasse menos, a cara até era capaz de ser bonita. A cara de Milligan está meio séria, meio trocista, concentrada na dança, e Florence Nightingale levanta-se lentamente. Dançam os dois, Florence Nightingale dando voltas e rodopios, com os cabelos a esvoaçar e os olhos quase fechados. A música fica cada vez mais rápida e os cinco gordos afastam-se de encontro à parede, como que atirados pela força centrífuga. Finch, afastando a mesa do caminho, sente que vai perder o equilíbrio. O rosto de Milligan está muito corado e a escorrer suor. A carne das suas coxas brancas e nuas estremece e sacode-se, e, por baixo da *t-shirt*, o peito salta para cima e para bai-

xo. Milligan dá uma volta repentina para o lado, atraído pelas paredes, e sucumbe pesadamente no chão.

Todos aplaudem. Florence Nightingale continua a dançar. O aplauso é obrigado a seguir ao ritmo da música e todos batem palmas a compasso. May está a dançar com Florence Nightingale. Move-se em *staccato*, está de pernas abertas, com o enorme sobretudo a adejar, e bate com os pés, rodopia, salta, grita, quase cai, pega em Florence Nightingale pela cintura e fá-la rodopiar e rodopiar, ambos tropeçam, mas nenhum pára. O rosto de May está transformado, está vivo. Os dentes na boca parcialmente aberta cintilam, brancos. O sobretudo é como uma capa mágica, um torvelinho belíssimo.

Florence Nightingale está constantemente a afastar o longo cabelo dos olhos.

Cai May. Finch ocupa o seu lugar, mas depressa fica sem fôlego, e cede-o ao homem-que-não-revela-o-nome.

O-homem-que-não-revela-o-nome recebe Florence Nightingale nos braços e ignora a música. Começa uma deslizante valsa lenta. Milligan sussurra ao ouvido de Glino. Glino fica um bocado a olhar, acanhado, faz uma pausa, e começa então a tocar uma valsa de Strauss.

Diz Finch, *O Danúbio Azul*. A ninguém em especial.

O-homem-que-não-revela-o-nome dança lindamente e com brio. Mantém Florence Nightingale ligeiramente afastada dele, tem a cabeça erguida e inclinada para o lado. Florence Nightingale sussurra-lhe ao ouvido. Ele olha-a e levanta as sobrancelhas. Dançam e dançam pela cozinha até Finch ficar quase tonto de vergonha. Pensa ele, parece um casamento.

Disse Glino, certa vez (sobre as prisões): «se alguma vez tivesses estado num lugar daqueles, nunca mais ias querer estar noutro».

Esta noite, Finch consegue vê-lo deitado no catre da sua cela, a tocar *O Danúbio Azul* e o albatroz, e a olhar para o tecto. Interroga-se se é assim tão diferente de agora: passam os dias metidos na cama, com medo de sair por não gostarem da maneira como as pessoas os olham.

Termina a dança e o-homem-que-não-revela-o-nome acompanha Florence Nightingale até à sua cadeia. Ele é tão grande que a trata como se estivesse embrulhada em celofane, um cavalheiro segurando flores.

Milligan ganha o seu próprio dinheiro. Pergunta a Fantoni, porque não danças?

Fantoni está encostado à parede, a fumar outro charuto. Fica um bom bocado a olhar para Milligan, até Finch se convencer de que o vai esmurrar.

Diz Fantoni, por fim, não sei dançar.

## 9.

Seguem todos pelo corredor com Florence Nightingale. Ao aproximar-se da porta da frente, ela deixa cair um envelope. O envelope tomba suavemente, às voltas no ar, e todos o contornam. Ficam à entrada a dizer-lhe adeus enquanto ela se afasta no seu carro preto do governo.

De volta à casa, Milligan baixa-se e apanha o envelope. Entrega-o a Finch e diz, para ti. O envelope traz um ofício com o timbre do Departamento da Habita-

ção. Diz, Exmo. Sr. Finch, o departamento lamenta o atraso com a sua renda. Se o assunto não se resolver nos sete dias regulamentares, ser-lhe-á exigido que encontre outro alojamento. Vem assinada, Nancy Bowlby.

Diz Milligan, que é?

Diz Finch, é da Florence Nightingale, por causa da renda.

Diz Milligan, sete dias?

Diz Finch, oh, é o trabalho dela, não tem culpa.

10.

May tem o quarto das traseiras, no primeiro andar. Finch está deitado na cama nas «novas dependências». Ouve Milligan chamar por May.

Diz Milligan, May?

Diz May, que é?

Diz Milligan, anda cá.

As suas vozes, a de Milligan distante, a de May mais próxima, parecem existir apenas na cabeça de Finch.

Diz May, que queres?

Grita Milligan, quero contar-te uma coisa.

Diz May, não queres nada, o que tu queres é que te vá aconchegar a roupa da cama.

Diz Milligan, não. Não quero nada.

As grandes gargalhadas roufenhas de Fantoni ouvem-se de mais longe ainda.

O-homem-que-não-revela-o-nome está a bater no tecto do quarto com uma vassoura. Finch bem o ouve, bum, bum, bum. O disco de Sibelius dá saltos. Grita May, pára lá com isso.

Diz Milligan, quero contar-te uma coisa.

Grita May, não queres nada.

Finch está despido, deitado nos lençóis azuis, e tenta trautear a canção do albatroz, mas já a esqueceu.

Diz Milligan, anda cá. May? May, quero contar-te uma coisa.

Diz May, mete-te na cama sozinho, preguiçoso do caraças.

Milligan dá risadinhas abafadas. As gargalhadas evoluem-se na noite.

Fantoni ri-se que nem um perdido.

Diz Milligan, May?

As passadas de May ecoam no soalho do quarto e atravessam o corredor até ao de Milligan. Finch ouve as gargalhadas de Milligan e os passos de May a regressar ao quarto.

Grita Fantoni, que queria ele?

Responde May, queria que lhe fosse aconchegar a roupa da cama.

Fantoni ri-se. May põe o disco de Sibelius a tocar mais alto. O-homem-que-não-revela-o-nome bate no tecto com a vassoura. O disco dá saltos.

## 11.

São quatro da manhã e ainda não clareou. Ninguém consegue vê-los. Assim que May e Finch saem de casa, um carro preto do governo afasta-se da berma mas, embora ambos o vejam, nenhum dos dois fala dele.

Está fresco às quatro da manhã, e sabe bem passear pelos baldios que cercam a casa. Há uma ou duas luzes acesas nos grandes quarteirões de apartamentos, mas todos parecem dormir.

Caminham devagar, com cuidado para não pisar os cardos.

Diz May, por fim, foi um disparate.

Diz Finch, eu sei.

Caminham um bom bocado. Finch pergunta-se porque crescem os cardos por estas bandas, porque estão tristes, porque só crescem onde o solo foi revolvido, e pergunta-se onde teriam crescido a princípio.

Pergunta, deixam-te triste?

Diz May, o quê?

Diz ele, os cardos.

May não responde. Diz, por fim, foi um disparate falares naquilo. É que ele come-a mesmo. Ele come-a *mesmo*.

Finch dá uma topada num enorme bloco de cimento. A dor parece-lhe merecida. Diz, não me passou pela cabeça – que ele fosse pensar na Nancy.

Diz May, ele come-a mesmo. Ele come-a, caraças. Já sabes como ele é.

Diz Finch, eu sei, mas eu não falei na Nancy, só na estátua.

May agasalha-se no sobretudo e encolhe o pescoço. Diz, tem *ar* de mau, *gosta* de ser gordo.

Diz Finch, é justo.

Diz May, ainda me lembro como era ser magro. Alguma vez te contei, tinha seis anos, mas lembro-me como se fosse ontem. Meu Deus, como era bom. Embora não creia que lhe desse valor na altura.

Diz Finch, cala-te.

Diz May, ele continua a ver se manda a porcaria da estátua pelos ares e ainda vai preso. Às tantas, vai ele pelos ares. Depois temos de ser nós a palmar tudo.

E vamos nós presos, ou então morremos à fome, que é o mais certo.

Diz Finch, ajuda-o a arranjar a dinamite e depois chiba-o à bófia. Ele não pode comer a Florence Nightingale enquanto estiver na prisão.

Diz May, e nós não comíamos nada. Não me importava muito se ele só quisesse ir para a cama com ela. Não me importava de ir eu para a cama com ela.

Diz Finch, talvez já esteja a ir.

May aperta mais o sobretudo e diz, não, o não-sei-quantos, o grandalhão, é que a anda a comer. Não os viste a dançar? É o gajo.

Diz Finch, simpatizo com ele.

May não responde. Chegaram à beira de uma estrada principal e dão meia-volta sem trocar palavra, afastando-se dos postes de iluminação, de regresso aos cardos.

Diz Finch, a ideia foi da Nancy. Perguntou porque não comíamos nós a estátua.

Diz May, já me contaste. São doidos. Ela também é doida, mas estava só a brincar. Já deviam saber que ele leva tudo a sério. Ele quer mesmo mandar tudo pelos ares, não é só a merda da estátua.

Diz Finch, é um fascista.

Diz May, o que é um fascista?

Diz Finch, é como o Danko... como o General Kooper... como o Fantoni. Vai cavar um buraco no quintal. Diz que é o churrasco.

## 12.

Dentro de duas horas, Finch já terá ganho dinheiro suficiente para a renda. Fantoni paga-lhe à hora. Dentro

de duas horas, estará despachado, ao que irá parar. Espera que ainda haja duas horas de trabalho. Estão a cavar um buraco no meio da azeda-graúda no quintal. É uma trincheira parecida com uma vala, mas com apenas um metro de fundo. Pediu o dinheiro a Milligan, mas Milligan já tinha emprestado a Glino e May.

Fantoni enverga um par de calças de May para não sujar as dele. Está de tronco nu e trabalha com um alvião. Finch afasta a terra que Fantoni solta; tem uma pá. Tanto a pá como o alvião são novos; surgiram por milagre, como tudo o que Fantoni quer.

Escolheram o lugar junto à janela de Finch, onde a privacidade é completa, resguardado que está das casas vizinhas. É um lugarzinho privado, que Fantoni normalmente usa para tomar banhos de sol.

O cimo da cabeça hirsuta de Fantoni está banhado em suor, e pequenas gotas acabaram contidas nas pregas da nuca; Fantoni solta estranhos grunhidos entre cada vaivém do alvião e entabula conversa com Finch, que está demasiado exausto para lhe responder.

Diz ele, quero a coisa toda... por escrito, OK?... escreve tudo... os motivos todos... exactamente como me explicaste.

Finch apanha cada vez menos terra na pá. Continua a apontar à terra e a esforçar-se mais, reunindo poucos torrões soltos. Diz ele, sim.

Fantoni tira-lhe a pá. Diz, escreve agora, escreve os motivos todos como me disseste, e eu conto isso como tempo a trabalhar. Que tal?

E ele não sabe bem que tal é. Não pode crer em nada daquilo. Não pode crer que ele, Alexander Finch, esteja a cavar um churrasco para cozinhar uma linda

rapariga chamada Florence Nightingale no quintal de uma casa situada no que antes fora a Praça Real. Não teria acreditado, e continua sem acreditar.

Responde, obrigado, Fantoni.

Diz Fantoni, o que eu quero, Finch, é uma coisa chamada fundamentação racional... são essas as palavras, não são... são fundamentações racionais.

### 13.

#### *Fundamentação Racional*, por A. Finch

O que se segue é o plano de acção recomendado para os gordos contra a Revolução.

Recomenda-se aos Gordos desta organização que adoptem uma atitude de amor militante, consumindo em corpo um superior hierárquico da revolução, um oficial da revolução ou um monumento à revolução (p. ex.: a Estátua 16 de Outubro).

Tal acto estaria, aos olhos da revolução, em conformidade connosco. Os Gordos desta sociedade foram já implicitamente acusados de (entre outras coisas) gostar demasiado de comida, de gostar demasiado de si próprios, com exclusão da revolução. Comer um membro ou monumento à revolução poderia ser visto como uma forma de dirigir todo este amor para a própria revolução. Os Gordos incorporariam tudo o que de bom e nobre pode haver na revolução, e expeliriam o excremento do que é mau. Por outras palavras, os corpos dos Gordos irão purificar a revolução.

Alexander Finch treme violentamente, embora esteja muito calor. Passa o rascunho a limpo. Quando

acaba, vai à casa de banho do primeiro andar e tenta, sem êxito, vomitar.

Fantoni está a supervisionar a entrega de um carregamento de madeira, carvão e acendalhas no quintal. Está muito bem vestido num fato branco de lã fina. Fuma um dos charutos de Florence Nightingale.

Quando Finch vem a descer as escadas, ouve um grande berro e depois, dois degraus mais abaixo, um estrondo. Vem do quarto de May. E Finch sabe, sem ter visto, que May atirou o aquário dos peixinhos vermelhos à parede. May adorava os seus peixinhos vermelhos.

14.

Ao jantar, Finch observa Fantoni a comer a omeleta que Glino lhe preparou. Fantoni corta pedacinhos delicados. Enterra os pedacinhos delicados no pequeno orifício carnudo por baixo do seu enorme bigode.

15.

May acorda-o às duas da manhã. Diz, acabei de descobrir onde ela está. Deve estar com o irmão. É onde ela deve estar. Escrevi-lhe uma carta.

Diz Finch, Florence Nightingale.

Diz May, a minha mulher.

16.

Glino sabe. Milligan sabe. May e Finch sabem. Só o-homem-que-não-revela-o-nome ignora o plano. Perguntou a Fantoni para que era o buraco no quintal. Res-

pondeu-lhe Fantoni, isso é cá connosco, não ias perceber.

17.

A delegação sai em bicos de pés do quarto de Finch. No anexo da cozinha, alguém tropeça na bicicleta de Fantoni. A bicicleta cai com um estrondo. Milligan solta uma risadinha. Finch esmurra-o com força nas costelas. No escuro, a cara de Milligan fica apanhada entre o riso e a surpresa. Volta a endireitar os óculos na cana do nariz e estuda Finch com atenção.

Os outros prosseguiram e estão agora a avançar em silêncio pela cozinha às escuras. Finch dá uma palmadinha no ombro de Milligan. Segreda, desculpa lá. Mas Milligan adianta-se para se juntar aos outros, no sítio onde se acotovelam, nervosos, à porta do quarto do homem-que-não-revela-o-nome.

Glino olha para Finch, que passa por eles e abre a porta devagar. Finch faz um sumário da situação. Sente um choque surdo e frouxo. Detém-se, mas os outros empurram-no para dentro do quarto. Só quando todos se reuniram no quarto, bem junto à porta, é que se apercebem de que o-homem-que-não-revela-o-nome está na cama com Florence Nightingale.

Florence Nightingale está deitada de lado, virada para a porta, tentando sorrir. O-homem-que-não-revela-o-nome parece muito mole e muito velho. Vasculha o amontoado de roupas junto à cama, e a sua respiração é o único som no quarto. É uma respiração rouca e pesada que só abranda quando ele encontra as cuecas. Tropeça ao vesti-las e Finch repara que estão do aves-

so. Lá diz, enfim, o-homem-que-não-revela-o-nome, manda a boa educação que se bata à porta.

Começa agora a vestir-se. Ninguém sabe o que fazer. Ficam a vê-lo entregar a Florence Nightingale as suas peças de vestuário, para que ela se possa vestir por baixo do lençol. Senta-se então à frente dela, ocultando-lhe parcialmente os esforços. Florence Nightingale já não faz por sorrir. Parece muito triste, quase assustada.

Diz Finch, por fim, isto é mais importante, lamento, mais importante do que bater à porta.

Aceitou um certo conhecimento novo e a aceitação fá-lo sentir-se forte, embora não faça ideia de que conhecimento se trata. Diz, o Fantoni planeia comer a Florence Nightingale.

Diz Florence Nightingale, debatendo-se com o *sou-tien* debaixo do lençol, nós sabemos, estivemos a falar nisso.

Milligan solta um risinho.

O-homem-que-não-revela-o-nome encontrou o roupão no armário do canto. Aí permanece, como um pugilista à espera entre dois assaltos.

Florence Nightingale olha fixamente para o seu vestido amarelo caído no chão. Glinó e May chocam quando tentam alcançá-lo ao mesmo tempo. Recuam ambos e ambos voltam a avançar. Por fim, é Milligan que se precipita em frente, apanha a peça de roupa, e a entrega a Florence Nightingale, que desaparece mais uma vez sob os lençóis. É quase impossível Finch tirar os olhos dela. Quer que saia da cama e se vista depressa, e que tudo aquilo fique resolvido.

Técnicamente, Florence Nightingale não enganou ninguém.

Diz Glino, temos de o impedir.

A cabeça de Florence Nightingale surge de debaixo dos lençóis. Sorri para todos. Diz, foram todos maravilhosos... amo-vos a todos.

É a primeira vez que Finch ouve Florence Nightingale dizer algo tão insincero ou tão falso. Quer que ela se desdiga.

Diz Finch, temos de o impedir.

Atrás de si, ouve um leve arrastar de pés. Olha em volta e depara-se com May, todo corado, esforçando-se por manter a porta fechada. Faz sinais desenfreados com os olhos para indicar que alguém tenta entrar. Finch encosta-se à porta, que o repele com o peso imenso de um sonho. Florence Nightingale esgueira-se para fora da cama, e Glino empurra Finch, que fica entalado entre duas forças opostas. Por fim, é o-homem-que-não-revela-o-nome que diz, deixa-o entrar.

Todos se afastam, mas a porta permanece fechada. Agrupados num semicírculo em redor, aguardam. Parece, por momentos, que tudo foi um engano. Mas a maçaneta lá roda e a porta abre-se devagar. Fantoni está à entrada, com o seu pijama branco de seda.

Pergunta, o que é isto, uma orgia?

Ninguém sabe o que dizer ou fazer.

## 18.

Glino continua a vomitar no cano de esgoto do quintal. Tem estado a vomitar desde madrugada e já se faz noite. Finch disse que o deviam deixar, por ser vegetariano, mas o-homem-que-não-revela-o-nome insistiu. Por isso obrigaram Glino a comer só um bocadinho.

O cheiro nauseabundo paira, carregado, sobre a casa.

May escuta o seu disco.

Finch já pensou várias vezes que também é capaz de vomitar.

O lençol azul usado para estrangular Fantoni jaz numa longa torcida entre a cozinha, o anexo da cozinha e o quintal lá fora, onde Glino se esforça por vomitar e onde o fosso do churrasco, embora já tapado, continua a fumar lentamente, com o fumo a evolvar-se da terra seca.

O-homem-que-não-revela-o-nome ficou com o roupão estragado. Está encharcado de sangue. Senta-se agora na cozinha, envergando o fato de safari branco de Fantoni. Está sentado a ler o correio de Fantoni. Sugeriu que seria melhor passarem a tratá-lo por Fantoni, não vá a polícia aparecer, e que seria melhor passarem a tratá-lo por Fantoni de qualquer maneira. Tem uma garrafa de uísque escocês na mesa a seu lado. Está aberta para todos, mas até agora só May bebeu dela.

Finch não consegue dormir. Bem tentou, mas só consegue ver a cara de Fantoni. Passa por cima de Glino e entra na cozinha.

Diz, Fantoni, dá-me uma bebida, se faz favor?

É um alívio poder chamar-lhe um nome.

## 19.

O-homem-que-não-revela-o-nome passou a residir no quarto de Fantoni. Já todos se habituaram a ele. Chama-se Fantoni.

Também chegou um homem novo, mandado por

Florence Nightingale com uma carta de apresentação. Até agora, o seu nome é desconhecido.

20.

*A Revolução numa sociedade fechada – um estudo de chefia entre os Gordos*, por Nancy Bowlby

Os líderes foram escolhidos com base na sua capacidade de cuidar do bem-estar material do grupo como um todo. Como é óbvio, as mesmas qualidades devem residir no legítimo herdeiro, embora estas qualidades nem sempre sejam óbvias durante o período de espera; por esta razão, julguei necessário mostrar favoritismo em relação ao legítimo herdeiro e assim aumentar o seu prestígio aos olhos do grupo. Este favoritismo traduzir-se-ia por vezes em pequenos presentes e, nos raros casos em que fosse necessário, demonstrações de afecto físico também.

Uma situação de «crise» era por vezes despoletada, *dens ex machina*, por sugestão, mas era usual surgir espontaneamente e bastava-lhe ser encorajada. Daí em diante, como discutirei mais à frente na dissertação, a «revolução» tomava um rumo semelhante, «Fantoni» era sempre eliminado com eficácia e o novo «Fantoni» passava a controlar o grupo.

Os resultados seguintes foram recolhidos de um estudo de vinte e três «Fantonis» sucessivos. Para além do «Fantoni» e do «Fantoni herdeiro», a composição do grupo permaneceu inalterada. Embora se possa admitir que os estudos até à presente data se encontrem em fase inicial, os resultados justificam, sem dúvida, a continuação das experiências com grupos maiores.

Shi Tiesheng

*Destino*

Tradução do chinês de Rosa Vieira de Almeida

**Shi Tiesheng** (1951-) nasceu em Pequim. É contista e ensaísta. Como tantos milhares de estudantes dos centros urbanos, durante a Revolução Cultural (1966-1976) Shi foi enviado para o campo como trabalhador. Entre 1969 e 1972 viveu na aldeia de Qingpingwan, na árida província de Shaanxi. Depois de um acidente que o deixou paraplégico, Shi volta para Pequim onde trabalha como operário. Só em 1979 é que inicia a sua carreira de escritor com a publicação de *Faxue jiaoshou ji qi furen* (*O Professor de Direito e a Sua Mulher*). Em 1983, o conto *Wo na yaoyuan de Qingpingwan* (*Aquela Minha Longínqua Qingpingwan*) ganha o Prémio Nacional de Melhor Conto e, dois anos depois, o mesmo prémio é concedido a *Nainai de xingxing* (*Estrelas da Avó*). Em 1991, Chen Kaige adapta o conto *Ming ruo qinxian* (*Fios da Vida*) para cinema, que é lançado no Ocidente com o título inglês *Life on a String*. Parte da obra de Shi Tiesheng, incluindo o seu mais conhecido ensaio *Wo yu ditian* (*Eu e o Templo da Terra*), encontra-se traduzida em inglês e francês. Ainda por traduzir, a sua mais recente obra *Wu de Dingyi zhi lu* (*A Minha Viagem em Dingyi*) foi publicada em 2005. *Suming* (*Destino*), o conto que aqui apresentamos, foi publicado pela primeira vez em 1988 na revista *Zhongshan*.

## 1.

Agora vou falar sobre mim. Vou contar a razão de me ter atrasado um segundo, ou de ter sido incapaz de me atrasar outro segundo, ou, até, de me ter adiantado um segundo, ou então mesmo, de ter sido incapaz de me adiantar mais um segundo, que fiquei paraplégico para toda a vida. A pessoa que eu era antes desse segundo via-se, sob todos os pontos de vista, certamente com um futuro risonho. Até esse segundo, já tinha recebido cerca de dezoito propostas de casamento, de treze raparigas, onze das quais incluindo fotografias. Eram todas muito bonitas o que talvez explique a razão por que acreditava num «futuro risonho». Mas nessa altura não estava para aí virado, a minha ambição era bem maior e eu respondia-lhes «não, neste momento estou noutra». As minhas pretendentes não escondiam a sua mágoa comentando, «Mo Fei» (o meu nome é Mo Fei),

«sempre queremos ver com que mulher divina te vais casar». Depois o segundo chegou. Depois o segundo passou. As minhas pernas, até aí fortes e bem feitas, começaram a perder a forma até acabarem transformadas em duas peças inúteis de mobiliário. Foi assim que a desgraça veio ter com alguém chamado Mo Fei passando a acompanhá-lo para o resto da vida. Durante anos, chorei que nem uma criança mas, sem outro remédio, acabei por me reduzir à escrita para ganhar a vida.

Houve uma vez uma jornalista que me perguntou como é que eu tinha vindo parar ao mundo das letras. Pensei durante algum tempo e respondi-lhe «foi por me ter perdido que cheguei até aqui». Ela sorriu comovida, «é muito modesto». Foi mesmo assim que ela disse «é muito modesto».

## 2.

A realidade não tem nada a ver com a modéstia. Quem sabe, talvez as recordações absurdas e idiotas do Décimo Tio fossem afinal premonições da minha infância. Dizem que os olhos das crianças são capazes de penetrar segredos e mistérios mas que, ao crescer, vão perdendo essa capacidade inata. Mas, claro, isto não tem importância. O importante é que as minhas pernas não mexem e não sentem nada, isto nada tem a ver com recordações absurdas e idiotas, é a realidade nua e crua. Aliás, pelos vistos, esta realidade não deixará de ser a realidade até ao final dos meus dias.

Antigamente, nunca insultava ninguém. Hoje em dia penso que só o facto de existir tanto palavrão no mundo prova que são indispensáveis. Não são só necessários, chegam a constituir verdadeiros veredictos finais.

## 3.

O acidente durou apenas um segundo, falar sobre isso agora é já relativamente pouco interessante. Era uma noite de Verão com nuvens, a lua escura, o céu pouco estrelado e na rua havia já muito pouca gente. Passou um camião com estrume cujo cheiro intenso se misturou com a doce frescura do orvalho nocturno — um cheiro invulgar. Ia para casa de bicicleta, sentia-me feliz e assobiava aquela ária muito conhecida do vendedor ambulante, na ópera *O Vendedor Ambulante e a Donzela* à qual eu tinha acabado de assistir. Achava-me genuinamente uma pessoa com sorte. Estava prestes a ir estudar para o estrangeiro, estava a pensar nisso, tinha a cabeça no outro lado do mundo, mas, claro, não me sentia limitado a esse canto do mundo — a terra é tão grande. Trazia na bolsa o passaporte, o visto, o bilhete de avião e uma série de outros documentos todos conseguidos ao fim de um ano e onze meses de esforço e sacrifício. A bolsa estava bem presa no cinto, e, a não ser que me arrancassem as calças, era praticamente impossível perdê-la. Quem desenhou a bolsa merecia uma boa recompensa, nesta e nas outras vidas. A temperatura baixou e levantou-se uma leve aragem. Nos prédios por que passei, ouvi uma pessoa a berrar insultos e outra que tocava um suave estudo de Chopin. Os

vendedores ambulantes, vindos de fora da cidade, preparavam-se para passar a noite espalhando os pertences pelos recantos mais escuros do passeio; bocejavam tão alarvemente que o barulho fazia lembrar os tambores dos antigos postos de vigia.

Uma noite de Verão habitual. Eu assobiava. A terra é de facto muito grande, durante as férias gostava de ir ao Grand Canyon no Colorado, e nas férias seguintes ia ver as Cataratas do Niágara. Entretanto ganhava mais uns dinheiros e fazia uma vida o mais simples possível e talvez até conseguisse ir ao Egipto ver as pirâmides de Gizé, e a Veneza, ver a Basílica de São Marcos, e ao Louvre, em França, e à Torre de Londres em Inglaterra, e ao Monte Fuji, no Japão, e à Reserva de Caça de Selous na Tanzânia, e, e...

Vou ver tudo, tudo mesmo, as oportunidades são tão poucas. Com um corpo forte e o vigor de um camelo até aguentava a travessia do Sahara; depois montava um acampamento, no sopé do Kilimanjaro, mas não caçava leões, os adoráveis leões.

Assobiava, não muito bem, mas aquela melodia mexia comigo. Não sou ascético. O Mo Fei não é um ascético – vai certamente encontrar uma mulher. Há-de ser muito bonita e boa, muito inteligente, muito saudável, muito romântica e generosa, muito delicada e meiga e há-de amar-me muito. Criativa, vai inventar toda a espécie de nomes amorosos para me tratar em privado. Sem dar importância a mais nada no mundo, vou provavelmente sentir-me idiota por apenas lhe poder dizer, «meu amor, meu amor, meu amor mais que-

rido». Ofendida, ela vai dar-me as mais doces estaladinhas na cara. Aos homens verdadeiros deve ser dada pelo menos uma oportunidade para se poderem confrontar com as suas próprias fraquezas. Depois de as assumir, o homem pode perceber que a sua masculinidade não foi posta em causa, pelo contrário, reforçou-se, o que leva a sua mulher a sentir-se orgulhosa dele para o resto da vida. A frescura da noite de Verão desperta as emoções das pessoas, arrebatá-lhes os pensamentos, em louvor da beleza de toda a criação.

Antes daquele segundo podemos dizer que Mo Fei não estava a sonhar. Pedalava pela rua fora a assobiar a ária do vendedor ambulante, planeando voltar, para servir a pátria, após os quatro anos do doutoramento. Eu seria incapaz de «esquecer a minha casa em Shu»<sup>1</sup>, Mo Fei não era esse tipo de pessoa, falando com inteira franqueza, sabem o que é que eu ia estudar? Pedagogia. É urgente formar novos quadros para implementar as prementes reformas da educação. Não que Mo Fei não tivesse capacidade para estudar Astrofísica ou Engenharia Genética, mas Mo Fei estava empenhado em seguir uma carreira na educação e, até àquele segundo, sempre tinha dado aulas num liceu.

Fui pedalando e entrei num beco estreito – era o único caminho que tinha para regressar a casa. No chão contorciam-se as sombras das árvores velhas. Depois provar-se-á que a dança de tais sombras pode ser justamente comparada a alguém que está a ser retalhado por milhares de facas. Eu ainda assobiava. Eu era inocente. Pensava voltar, depois de quatro anos, e então

podia ter um filho (mas, claro que antes disso precisava de me casar), ou até uma filha, talvez naquela altura o governo autorizasse os casais a ter um filho e uma filha, era-me indiferente o que viesse primeiro – acho que os homens e as mulheres devem estar em situação de igualdade – desejava apenas que o meu filho fosse como eu e a minha filha como a mãe, gostava muito que isto não fosse invertido. Não se deve pensar assim? Não consigo perceber o que é que isto tem de mal. Era uma pessoa inocente, naquela noite e antes daquela noite sempre tinha sido uma pessoa inocente. Inocente, sem pecados, pelo menos isto é verdade.

Assobiava aquela ária conhecida d'O *Vendedor Ambulante e a Donzela*, e avançava, de bicicleta, em direcção ao trágico segundo. Nesse momento, um motorista que eu estava destinado a conhecer precipitava-se também em direcção a esse segundo.

#### 4.

No quadro geral das coisas, era uma noite de Verão sem nada de especial; ou teria sido, não fora alguém deixar cair uma beringela no meio da estrada. Eu ia assobiando a ária d'O *Vendedor Ambulante e a Donzela* quando a roda passou por cima da beringela. Depois do acidente, vim a saber que a beringela era muito grande, dura e brilhante. A beringela fez com que as rodas guinassem para a esquerda e que eu fosse projectado dois ou três metros para a frente – projectado, aliás, para o meio do que iria acontecer naquele segundo. Ouvi os guinchos de uma travagem brusca. A minha sorte ti-

nha chegado ao fim, todos os belos planos de vida, que aqui já descrevi, perderam qualquer utilidade, a partir daquele momento, passaram a ser um grande monte de disparates. Cristalizados num sonho eterno.

A coisa teria ficado por ali – o problema é que não me matou logo, apenas me partiu a coluna ao meio. Depois disso, o passado desapareceu deixando atrás de si uma nuvem de pó. Uma vez assente a poeira, o mundo virou-me as costas – digo isto em relação a mim próprio, o mundo virou as costas a Mo Fei.

5.

Nos dias seguintes lembrei-me muitas vezes de um brinquedo a pilhas – era uma galinha que corria muito direitinha e quando embatia numa pedra dava uma cambalhota e continuava muito direitinha a correr no sentido oposto (devia ter dado um salto em frente e uma volta de cento e oitenta graus). Uma vez vi alguém a brincar com uma dessas galinhas, galinha que até chegou a pôr um ovo.

6.

Estava estendido no meio da estrada, tentei virar o corpo e pôr-me de pé mas não fui capaz. O jovem motorista, que mencionei há pouco, veio a correr ter comigo: «Como está?» perguntou-me. Eu respondi que me sentia estranho, que precisava de descansar um pouco. Então o motorista levou-me ao hospital.

Perguntei ao médico «quando é que fico bom? Estou prestes a partir para o estrangeiro e não tenho tempo a perder!» O médico e os enfermeiros ficaram calados e eu pensei que eles não tivessem percebido o que eu queria dizer. Despiram-me e levaram-me para a sala de operações, pedi-lhes que tomassem bem conta da bolsa, que estava presa ao cinto das calças, e ainda lhes disse a data do meu voo. Uma enfermeira suspirou e disse que já era tarde. Eu pensava que sim, que já era tarde e disse «pois, já é tarde, mas eu sou um caso urgente». A enfermeira olhou para mim, imóvel, por meio minuto. Então percebi, eles não tinham hipótese de entender, de entender a minha ambição de longos anos e o processo árduo que tinha sido chegar até aqui, também não conseguiam entender o esforço e suor deste último ano e onze meses, e por isso eram incapazes de compreender o que aquela bolsa significava para mim. Eu insisti com o médico, «não trema assim, faça o que tem a fazer com coragem. De Mo Fei não vai ouvir um único gemido, ou não fosse eu o Mo Fei». O médico apertou-me a mão e respondeu «Espero que consiga manter sempre esse espírito». Na altura não percebi o que estava implícito nas palavras dele.

7.

Rapidamente tudo se tornou claro: fui plantado numa cama de hospital como um arbusto «perene» plantado num vaso. Para os arbustos «perenes» o mundo é, até à morte, um vaso eterno, um canto, uma nesga de céu. Eu era um pouco mais forte. Mo Fei era um pouco mais forte. «Mo Fei, sempre queremos ver com

que mulher divina é que te vais casar» – esse Mo Fei era um pouco mais forte do que o «perene». Levantei a cabeça e chorei desalmadamente e senti-me novamente uma criança – se me tivessem visto ali teriam achado que era a encarnação perfeita de um completo idiota.

Tenho uma irmã mais velha que veio logo ter comigo de muito longe. Abraçou-me com força, como quando éramos miúdos, e tratou-me pelo meu nome de infância, «chh... – não estejas ansioso, não te preocupes, não fiques assim, não estejas assim. Seja o que for que te aconteça, eu vou cuidar de ti para sempre» («não chores, não faças fitas, o gafanhoto fugiu, não foi? Amanhã a mana apanha-te outro»). Mas isto já não era a minha infância, não tinha fugido gafanhoto nenhum, nunca houve gafanhoto nenhum. O que fugiu aqui foi uma coluna perfeitamente direita. Dei um empurrão à minha irmã e arranquei as minhas mãos dos seus dedos gelados, «Sai! Saiam daqui! Saiam todos!» A minha irmã abraçou-me, desta vez com imensa força. Olhei para o Sol, ainda era o mesmo Sol, mas e o céu? Era o mesmo ali por cima da terra.

A mãe não veio, ainda não tivemos coragem de lhe contar. O meu pai, alto e magro, era uma figura sombria, não dizia uma palavra, saiu em silêncio e entrou em silêncio. Tinha comprado imensas iguarias para eu comer. Pô-las em cima da mesa, tornou a sair mudo e a entrar calado, voltando ainda com mais comida que pôs ao lado da minha cama. Eu dei um grunhido e ele sobressaltou-se, atirei o vaso das flores para o escarrador e a chávena de chá para o penico, parti o relógio e ati-

rei-o para o caixote de lixo, varri para o chão tudo o que estava ao meu alcance e comecei a insultar toda a gente. Com as mãos atrás da cabeça e fitando o tecto, insultei o mundo com todas as obscenidades que conhecia; acabei a chorar convulsivamente até ao final do dia. Depois senti-me cansado, o coração feito em papa, como pasta de uma árvore que estivesse a apodrecer há mil anos. Às escondidas, dei um beliscão na anca – nada, recolhi rapidamente a mão, em pânico, com medo de ter tocado noutra pessoa. Mas onde raio é que isto vai parar? Naquele silêncio infundável, os pombos arrulhavam à janela... Vasto e ilusório, o mundo entre o céu e a terra também não lhes oferecia qualquer ponto de apoio.

Mas o que é que se passa? Ninguém queria contar ao Mo Fei.

## 8.

Um polícia explicou-me o que se tinha passado no desastre, «o jovem motorista não teve culpa – da forma repentina como o senhor foi parar ao meio da estrada, ninguém teria conseguido desviar-se. O motorista não ia acima do limite de velocidade nem estava alcoolizado, no fundo até foi expedito e conseguiu travar a tempo. Se ele tivesse travado um segundo depois» disse o polícia «perdoe-me a franqueza, o senhor estaria morto». Eu agradei e o polícia respondeu, «ora essa, explicar-lhe o que aconteceu faz parte do nosso trabalho». Perguntei-lhe se eu tinha tido culpa. A minha irmã disse-me para não ser mal-educado. O polícia respondeu,

«o senhor não teve culpa nenhuma, estava na faixa de rodagem de baixa velocidade e, além disso, ia do lado direito da estrada – o senhor é um cidadão respeitador das regras de trânsito. Mas, numa rua tão pouco iluminada, a beringela podia passar despercebida a qualquer ciclista». Eu disse «as sombras das árvores...». «Desculpe? Pois, há muitas sombras de árvores por ali, sim. Pelo que pudemos apurar no local do desastre, confirma-se que da sua parte não houve a intenção de passar por cima da beringela.» «Pudera!» berrei eu. «Mo Fei!» gritou a minha irmã. O polícia suspirou «o facto de o senhor ter caído foi um azar, tivesse sido um segundo antes, muito provavelmente o carro não lhe teria acertado». O médico também já tinha dito o mesmo, «foi um azar, por um triz e não lesionava a espinal medula, o resto está intacto».

«Então está mesmo a dizer que a culpa é minha?» «Não estou a dizer nada disso» respondeu o polícia «estou a dizer que com a estrada mal iluminada não é de espantar que lhe tenha escapado a beringela.» «Mas então afinal quem é que teve a culpa?» A minha irmã vociferava «Mo Fei...!» Eu dizia «mas então agora não posso perguntar de quem foi a culpa?» O polícia continuou «Camarada Mo Fei, o camarada tem direito a pedir uma indemnização monetária.» «Que se foda a vossa indemnização! Eu quero é a minha coluna de volta!» «Camarada Mo Fei, o seu pedido é ilógico, além do mais, peço-lhe que tenha uma atitude mais correcta com um agente em serviço.» «Sendo assim, tem obrigação de me dizer quem é que teve a culpa do desastre.» «Foi a beringela» respondeu ele «se acha que essa per-

gunta o leva a algum lado, então foi a beringela. Por que é que foi logo naquele segundo que foi implicar com ela?»

9.

Os dias passavam assim. Da minha janela via apenas o movimento do Sol desde que se levantava até que se punha. Os meus documentos jaziam na bolsa, num silêncio tumular, como manuscritos antigos registando lendas e eventos.

Não é humanamente possível reparar uma lesão da espinal medula, então os dias passavam assim. Havia frequentemente grupos de alunos de Medicina à minha volta, o professor explicava-lhes por que é que eu era um caso típico de paraplegia, «vejam como o doente tem o tronco normal e os membros inferiores atrofiados».

E os dias passavam assim. O meu aparelho digestivo funcionava espantosamente bem, despachava as coisas boas que me davam, petiscos que, depois de tratados, transformava numa massa malcheirosa. Os dias passavam assim.

Os girassóis foram apanhados. As sementes das tuberosas espalharam-se pela terra. Durante alguns dias houve papagaios de papel pendurados no céu, mas só durante alguns dias, depois foram desaparecendo progressivamente. A neve caía silenciosa. As crianças gritavam e corriam na neve comendo batatas-doces acabadas de assar. Suspirei «Ah, batata-doce...» O que

eu queria dizer era que o mundo, de facto, não tinha mudado, uma batata-doce continuava a ser a mesma coisa. A sombra do meu pai, alta e magra, ia a coxear pela neve para o fogareiro do vendedor de batata-doce...

Então os dias iam passando assim. Só o céu sabia como era injusto que esta fosse a existência de Mo Fei. Chorava um pouco e pensava um pouco, pensava um pouco e chorava um pouco, afinal a última pergunta do polícia talvez fosse a única a fazer sentido.

10.

A pouco e pouco fui-me lembrando – mais ou menos a duzentos metros do local do desastre tinha encontrado uma pessoa minha conhecida. Agora é que me lembro, ia eu a assobiar a ária do vendedor ambulante quando a vi a passear abanando-se com um leque. Gritei: «Ei!» Ele virou a cabeça para ver quem era: «Olha tu!» «Onde é que vais?» Respondeu-me que tinha vindo apanhar ar fresco e que estava agora a caminho de casa para se ir deitar, perguntou-me se eu não queria dar lá um salto para conversarmos um pouco. A casa dele era num prédio a cinquenta metros dali. Respondi-lhe que não, que nos encontraríamos no dia seguinte. Nem desci da bicicleta e, depois de dizermos adeus, cada um seguiu o seu caminho.

Embora não tivesse descido da bicicleta, agora que escrevo isto é que me lembro que estava a travar, foi isso mesmo, eu estava a travar, qual terá sido o tempo

gasto na travagem? Uns segundos, decerto não menos de um nem mais de cinco. Claro, se não tivesse perdido esse segundo, ou esses cinco segundos, com ele, teria passado por cima da beringela um ou cinco segundos antes – sim, sim, eu sei, a beringela teria necessariamente feito a bicicleta guinar para a esquerda, da mesma forma, e eu não teria conseguido escapar a ficar caído no meio da estrada. Mas o que viria a seguir é que poderia ter tornado tudo diferente: ao longe, o motorista teria visto alguém estendido no meio da estrada, e nessa situação, qualquer condutor teria travado, não é? Acho que sim. O carro teria parado. A dois centímetros de mim. Teria sido o suficiente. Estaria hoje no Grand Canyon no Colorado e não aqui plantado nesta cama de doente. Não. De certeza que não ia estar plantado nesta cama de doente. Esse Mo Fei, o Mo Fei que todos achavam que se ia casar com uma mulher divina.

11.

Já agora, uma coisa: até ao momento tinham sido apenas treze as pessoas que, por dezoito vezes, tinham pedido o Mo Fei em casamento, onze das quais tinham mesmo enviado uma fotografia. O facto de estes três números não terem aumentado mostra como o Mo Fei de hoje e o Mo Fei de ontem não são, nitidamente, o mesmo Mo Fei. A inversão entre o céu e a terra desordenou as coisas humanas.

Não tenho outros motivos para falar nisto, embora o Mo Fei, de facto, não tenha tido culpa.

Na realidade, as pretendentes também não tiveram culpa. Que uma rapariga sonhe com uma vida livre, romântica, abastada, — uma vida perfeita, no fundo —, não tem mal nenhum. Que um pai e uma mãe desejem que o seu genro seja o melhor de todos os genros e que seja motivo de felicidade e orgulho para o seu fim de vida, não tem mal nenhum. Depois de analisar esta teoria concluí que se os três números não aumentavam não era por culpa dos intermediários, não era por culpa dos amigos, não era por culpa de ninguém. Era inevitável, não havia nada a fazer — isto é tão certo como o céu ser alto e a terra densa, um burro será sempre maior do que um cão.

12.

O azar de Mo Fei adveio todo daquele lapso de tempo de um a cinco segundos.

É impossível não fazer uma pergunta tão lógica como esta — o que terá levado Mo Fei a encontrar uma pessoa conhecida a cerca de duzentos metros do local do desastre?

Isto faz-me pensar noutra questão: três a cinco minutos antes de encontrar o meu conhecido, estava a comer um *baozi*<sup>2</sup> numa tasca. Estava com fome, não era só gula, era mesmo fome, e quando se está com fome e se passa por um restaurante, é inevitável parar para comer. Se Deus me castigar por isso, não tenho nada a dizer. Entrei no restaurante onde me juntei a uma fila de seis pessoas, passando portanto a ser a sétima pessoa à espera da saída dos *baozi*. Perguntei quando é que

estariam prontos. A sexta pessoa da fila respondeu, «Olhe, chegou mesmo a horas, estão quase a sair. Eu é que já cá estou há meia hora...» Então fiquei à espera, sabia que sendo tão tarde já não haveria muito para comer lá em casa, e além disso já não comia há nove horas.

Pouco depois os *baozi* começaram a sair, a velhota que estava a vendê-los contava-os à medida que os punha nos pratos. Dos seis clientes à minha frente houve uns que comeram duzentos gramas de *baozi* na loja e outros que levaram dois quilos e meio para casa. Chegada a minha vez, a velhota disse-me que só restava um. Espreitei para dentro do cesto e perguntei «não há mais na cozinha?» Ela respondeu que não: «Só há este, quer ou não?» «E não vai cozer mais?» «Amanhã vou, hoje já são horas de fechar.» Olhei para o relógio pendurado na parede: vinte e duas e trinta. Comi então o único *baozi* que restava.

Agora deixem-me fazer aqui umas contas: se eu não tivesse comido um mas cinco *baozi* (a minha vontade inicial era comer cinco *baozi*), uma vez que cada *baozi* demora dois minutos a comer, eu teria saído do restaurante pelo menos oito minutos depois. Logo, ao encontrar o meu conhecido, ele estaria a ir para casa, que era a cerca de cinquenta metros dali; ora, uma pessoa normal não leva oito minutos a andar cinquenta metros. E ele é uma pessoa muito normal, isso posso eu garantir. Isto para dizer que se eu tivesse chegado ao restaurante mais cedo e tivesse ficado em quinto ou sexto lugar na fila, teria comido cinco *baozi*, não teria encontrado o meu conhecido, não o teria chamado, não teria

trocado quaisquer palavras com ele, não teria tido que travar a bicicleta, não teria tido que me atrasar aquele lapso de um a cinco segundos e não teria partido a coluna – e então o Mo Fei de hoje estaria no outro canto do mundo a esforçar-se para obter o seu doutoramento em Pedagogia, e não aqui, muito menos sentado nesta cadeira de rodas.

13.

Até agora está tudo relativamente claro. Mas prestem muita atenção ao que disse o sexto cliente na fila dos *baozi*, naquele pequeno restaurante, ele disse que já estava à espera há meia hora desde a saída do último cesto. Isto quer dizer que se eu não tivesse conseguido chegar meia hora antes ao restaurante, teria ficado em sétimo lugar na fila, teria necessariamente comido um único *baozi*, encontraria o meu conhecido, estaria atrasado entre um e cinco segundos e partiria a coluna – o Mo Fei de hoje estaria, à mesma, sentado nesta cadeira de rodas.

Temos de acreditar que isto foi obra do destino. Porquê? Porque quando a ópera *O Vendedor Ambulante e a Donzela* acabou eram vinte e duas em ponto. Independentemente da distância entre o teatro e o restaurante, e independentemente da velocidade a que eu pedalasse, não teria conseguido chegar ao restaurante meia hora antes das vinte e duas e trinta. É uma simples questão de aritmética. Isto quer dizer que quando parti de bicicleta para o teatro, já Deus tinha traçado o rumo de Mo Fei. Ninguém escapa ao destino.

14.

Agora falta-nos ver como é que Deus preparou a ida de Mo Fei à ópera.

Já vos disse que sempre fui professor de liceu. No dia do desastre acabei as aulas às dezoito e quinze, era o horário habitual, não vejo como é que aqui possa ter existido intervenção divina. O quarto período da parte da tarde era a minha aula de Física e às dezoito e quinze em ponto anunciei: «Terminou a aula!» Os alunos saíram um a um, depois saí eu. Fui ao pátio buscar a minha bicicleta, preparava-me para ir directamente para casa, apetecia-me passar algum tempo com os meus pais antes de partir para o estrangeiro. Nesse momento ouvi, atrás de mim, um aluno a perguntar, «Professor, posso ir para casa?» Só então é que me lembrei do aluno que tinha posto de castigo ao quarto tempo.

O que se passou foi isto: de repente, a meio da aula este aluno deu uma gargalhada, ele estava sentado na última fila ao lado da janela e era normalmente um aluno bastante bem-comportado – tanto que cheguei a pensar que ele fosse menos inteligente. Mande-o levantar-se. Ele levantou-se. Mande-o dizer porque é que se estava a rir. Ele baixou a cabeça e não disse nada. Eu disse, «Está bem, senta-te e presta atenção». Ele sentou-se mas continuou a rir. Mande-o levantar-se de novo. Ele levantou-se mais uma vez, «Mas afinal de que é que te estás a rir?» Ele não respondia. Percebi que estava a fazer um esforço enorme para controlar o riso, tapava a boca com a mão, como uma rapariga – eu sem-

pre suspeitei que ele pudesse ser pouco inteligente. «Senta-te e não voltes a rir», mandei eu. Ele sentou-se mas continuou a rir descontroladamente. A disciplina da turma começou a estar ameaçada: os alunos mais atrevidos tinham desatado também a rir. Não tive hipótese senão mandar sair o aluno dizendo-lhe, «Por favor vai lá para fora acalmar-te um pouco, senão ninguém vai conseguir acompanhar a aula». Saiu obediente. No fim das aulas quase me esquecia dele. Pelo menos, algumas perturbações emocionais devia ter – pobre miúdo.

«Podes ir para casa», respondi, «mas para a próxima porta-te bem.» Ele desatou outra vez a rir, a rir sem parar. Às tantas, já um pouco zangado, disse-lhe, «Mas porque raio te estás a rir?» Interroguei-o durante vinte minutos sem resultado algum, ele só ria sem responder às minhas perguntas. Nesta altura, a directora da escola, uma senhora de idade que todos respeitávamos muito, chamou-me, «Professor Mo, tenho um bilhete para a ópera, quer ir?» Perguntei que ópera era. «É *O Vendedor Ambulante e a Donzela*, quer ir?» «Mas porque me está a dar o bilhete, não vai?» Ela disse que adoraria ir mas tinha acabado de receber um telefonema do Ministério da Educação convocando-a para uma reunião urgente, já não podia ir à ópera – «Quer ir?» Eu respondi, «Quero». O resto já contei.

## 15.

Depois saí do hospital. O hospital não era muito longe de casa. Ia na cadeira de rodas, empurrada ora pelo meu pai ora pela minha mãe. Os choupos já ti-

nham voltado a florir e ao longe os cucos gemiam tristemente – sentia-me alheado do mundo. O vento acalmou e o barulho dos pássaros foi desaparecendo. Ouvi alguém a chamar por mim, «Mo Fei! Mo Fei! És tu, Mo Fei?» Respondi que sim, que era eu. Era uma colega do tempo da faculdade, «O que estás aqui a fazer?» «Onde é que achavas que eu devia estar?» «Não tinhas ido estudar para o estrangeiro? O que é que se passa contigo?» Eu disse, «Estás a perguntar-me a mim? A quem é que queres que eu pergunte?» Ela arregalou os olhos, parecia que só naquele momento é que tinha reparado nas minhas pernas, «O que é que te aconteceu?» «É simples, mais simples seria difícil.» Ela corou – na faculdade eu costumava dizer-lhe o mesmo quando ela não percebia problemas de Matemática. A minha mãe não conseguiu esconder as lágrimas e arrastou o meu pai para longe. «Foi uma questão de cinco *baozi*», disse eu, «ou de uma beringela.» Contei-lhe a história por alto. Ela só repetia, «Realmente, realmente, ah...» Eu respondi «Temos de admitir que é o destino». «Mo Fei, não digas isso. Mo Fei, tu tens é de ser forte.» Tinha os olhos cheios de lágrimas, «Mo Fei, tens de continuar a viver».

Vinda de longe, uma carta da minha irmã dizia o mesmo, «Tens de continuar a viver». O que ninguém me dizia era até quando é que era preciso «continuar a viver», inevitavelmente seria viver até à morte, mas quem é que não vive até à morte? A minha irmã dizia, «não te preocupes, do pão que houver em minha casa, um quarto será sempre para ti» (os restantes três quartos eram para ela, para o marido e para o meu sobrinho). No entanto, nesta longa caminhada da vida para

a morte há coisas bem mais importantes, coisas que nem a virtude da minha irmã me conseguia dar. Por isso comecei a escrever contos. Por isso, quando fui entrevistado pela jornalista, lhe disse que só por não ter quaisquer alternativas é que tinha descido a este ponto. Como se me tivesse tornado num fora-da-lei.

16.

Há muitos anos que me interrogo de que é que o aluno da carteira de trás, ao lado da janela, se ria tão descontroladamente? Esse foi o ponto de viragem da minha vida. De certeza que aquele miúdo é pouco inteligente, mas tinha um riso tão enigmático, como o mistério e a profundidade do destino. Será que as crianças têm mesmo uma capacidade de discernimento fora do comum? Não sei o que ele terá visto naquele momento. Se eu conseguisse desenhar com realismo a forma como ele ria, podia pôr a nu o verdadeiro espírito do destino.

Não tivesse sido aquele riso enigmático, não teria tido um bilhete para a ópera *O Vendedor Ambulante e a Donzela*, e o professor Mo Fei, rico e com um nome feito lá fora, estaria agora em casa com a mulher e um rancho de filhos.

17.

Naqueles anos tão duros, comecei a gostar de dormir. Tinha grandes esperanças em relação ao sono. Era como se achasse que ao acordar o mundo à minha volta seria diferente: acordava com suores frios, olhava para o silêncio do quarto banhado em luar e regozijava-me

por afinal ter sido apenas um pesadelo. Dava pulos de alegria e batia com as pernas – afinal tinha sido só um pesadelo. Desaparecia a Lua, apagavam-se as luzes da estrada e tocava o despertador. Levantava-me e preparava-me para a viagem, na rua, o ar estava fresco, eu ia a correr até ao aeroporto e apanhava o avião.

As pessoas com pesadelos deviam ser consideradas as mais felizes do mundo porque podem acordar – assim, vivem mais alegrias do que as pessoas sem pesadelos.

Naquela altura, só depois de acordar é que percebia que tinha sonhado que estava a acordar de um pesadelo. Ter bons sonhos é das coisas mais enganosas que há porque não se pode deixar de acordar.

O ideal é acordar quando se está a ter um sonho mau ou não acordar quando se está a ter um sonho bom. Mas comigo era sempre ao contrário.

Depois de passar dois anos na cama, comecei a escrever contos porque precisava de comer, beber e de me vestir, e de pagar a renda da casa, mas também porque, tanto esta profissão como o sono têm o condão de produzir os mesmos efeitos por vias diferentes. Além disso, a escrita tem, sobre o sono, uma vantagem – a liberdade. Se se quiser acordar a meio de um sonho mau, acorda-se a meio de um sonho mau, se se quiser continuar a dormir a meio de um sonho bom, continua-se a dormir a meio de um sonho bom – é o próprio que decide. Embora tivéssemos vivido sempre separados, hoje, eu e a escrita percorremos a vida juntos apoian-

do-nos mutuamente. Nada disto tem a ver com modestia.

## 18.

Finalmente houve um dia em que voltei a encontrar o tal aluno que sempre achei pouco inteligente. Ele tinha lido um conto meu numa revista, conseguiu descobrir-me e com um grupo de antigos colegas veio ver-me. Crescidos, os miúdos já tinham a barba rija, havia até dois que estavam para casar. Estivemos a recordar os tempos antigos rindo alegremente. Entretanto um deles sugeriu, «Vamos beber um copo em homenagem ao nosso professor Mo Fei que agora é escritor! Saúde!» Só naquela altura é que me lembrei de perguntar ao tal aluno por que é que ele naquele dia não parava de rir. Ele ficou envergonhado e disse que não tinha sido nada. Perguntei novamente, «Mas o que é que viste?» Ele respondeu, «Um cão» «Um cão? Um cão fez-te rir assim tanto?» Ele respondeu, «O cão...» e desatou a rir novamente, mas desta vez conseguiu controlar-se e ganhar de novo a compostura – apesar de tudo já era crescido. Disse, «O cão... virou-se para o *slogan* político pintado no portão da escola, e deu um grande pum». Ninguém acreditou. «Eu sabia que se contasse ninguém acreditaria. Mas foi o que aconteceu mesmo, ele deu um grande pum, eu vi e ouvi, fez um estrondo enorme mas abafado.» Continuavam todos a duvidar comentando que talvez ele tivesse ouvido mal. Então ele perguntou-me «Professor Mo, acredita em mim? Não ouvi mal, a sério que não ouvi mal. Foi mesmo por causa daquele cão ter dado um grande pum, o professor acredita em mim?»

Bastante tempo depois, eu disse-lhe que sim, que acreditava nele. Tinha-me parecido ver nele uma expressão profética.

19.

Hoje em dia, faça o que fizer, continuo a ouvir o estrondo a ressoar nos ouvidos. Atravessa o meu espaço e o meu tempo, duradouro e insistente, e há-de continuar a fazer estremecer a vida de Mo Fei com as suas duradouras e insistentes vibrações.

Porquê porquê porquê? Porquê este estrondo?

Não há razão.

Disse Deus: haja no mundo este estrondo, e houve no mundo um estrondo. E viu Deus que era bom. E assim foi. Foi a tarde e a manhã, e foram assim todos os dias após o dia sétimo.

<sup>1</sup> No ano 263 d. C. o reino de Shu foi atacado pelo reino de Wei, e o seu rei transferido para Luoyang, capital do reino invasor. À chegada, foi-lhe oferecido um banquete de boas-vindas. Todos os que assistiam ficaram muito espantados ao ver o deposto rei de Shu contente e a rir. Interrogado sobre se não tinha saudades do seu reino, o rei exilado terá respondido, «Estou tão satisfeito aqui que não penso em Shu». Desta história, que aparece nos *Anais Históricos dos Três Reinos* (ca. 290), vem a frase hoje usada para denotar o desprendimento em relação à pátria e/ou obrigações.

<sup>2</sup> *Baozi* é uma espécie de pão feito com farinha de trigo que pode ser recheado ou simples. Costuma ser cozido a vapor e servido em cestos de bambu.

Xosé Martínez Oca

*O Rei do Cubango*

Original galego

Glossário compilado por Fernando Venâncio

**Xosé Manuel Martínez Oca** (1942-), nasceu em Estrada, na Galiza,; começou a publicar os seus contos em meados da década de setenta do século passado. Participou em antologias como *Un home no curral*, *No fondo do espello* e a *A figueira*. Em 1978 recebeu o Prémio Modesto R. Figueirido para Narrativa Curta com o conto «A negra». Recebê-lo-ia de novo em 1981 pelo conto «Noite de luar». Em 1983 conseguiu o Prémio Blanco Amor, o mais importante da Galiza, pelo romance *Beiramar*. Anteriormente publicara os romances *Un ano e un día* (1980), *A fuxida* (1980) e *A Chamada Escuro dos Cavorcos* (1981), e os livros de contos *A Espada na Auga* (1982) e *Os Chapurros* (1983). Em 2000 publicou o livro de viagens *Dos camiños de arrieiros aos pazos da Ulla*. Outros títulos seus: *Detrás do silencio* (novelas, 1986), *As Florestas do Mañema* (romance, 1988), *Diavio de inverno* (romance, 1994), *Náufragos en terra* (contos, 1995), *Todo o peso do cen* (romance, 1997), *O tempo en ningunha parte* (romance, 2003), *Outono na illa* (romance, 2004) e *Como paxaro caído do niño* (romance, 2006). «O Rei do Cubango» in *A Cidade do Vento*, Edicións do Cumio, 1992.

Aquel día de primeiros de Agosto saíramos pola mañá cedo de Guimarães para visitar a citania de Briteiros, e desde alí continuáramos viaxe a Braga, a onde chegamos á hora de comer.

Acabado o xantar deixei ir ós meus amigos, empeñados en subir a aquela hora ó Bom Jesus do Monte e ó Sameiro, e quedei tranquilamente sentado a esperalos nun daqueles cafés do centro da cidade, ideais para deixar correr o tempo da sesta nunha tarde de vrao, de calor sufocante, sen unha nube no ceu.

Dubidoso entre o Vianna e o Astoria, acabei por entrar no primeiro deles e deixei-me asolagar naquel ambiente que retrotrae ó viaxeiro a outras épocas, que a historia frívola nos pinta máis felices, coloreadas cunha pinga de exotismo tropical, insinuado en parte pola canícula e en parte por unha certa reminiscencia colonial no aire das terrazas dos cafés que daban á praza, deserta baixo o sol de agosto.

O local estaba repleto de xente baixo a protección dos toldos. Con respecto de turistas uns, os menos. Outros deixando adiviñar na solemnidade da súa roupa o labrego acomodado que baixara da aldea ós seus asuntos e, despois de resolto estes, cumpría co ritual da sobremesa, cheo da seriedade do petrucio campesiño. Sen faltar tampouco os emigrantes en vacacións, coa súa inxenua necesidade de aparentar por riba dos costumes ancestrais de que foran arrincados, tantas veces en contra da propia vontade.

Dunhas noutras, entre a observación distraída dos clientes máis próximos, o ruído das súas conversas e a somnolencia da sobremesa, acabara por derivar nese estado de beatitude anfibia en que a pesar de ter os ollos abertos non se ve nada, non se oí nada, non se pensa en nada. Somnolencia da que me quitou a irrupción no meu campo visual dun preto de proporcións descomunais, embutido nunha sahariana gris e uns pantalóns claros que parecían incapaces de coutar por moito tempo a avalancha de carne que teimaba por estoupar en cada costura do tecido.

– Desculpe o señor – dirixiuse a min con esa voz de cantante de *blues*, feita de lixa e melaza, que teñen os negros –, pódome sentar un bocadiño?

Espetei os ollos nel cunha curiosidade indisimulada e inclinei a cabeza en sinal de asentimento.

Aínda ben non rematara o aceno e xa o home pousara no chao un saco que traía ó lombo, ó tempo que se deixaba caer derreado na cadeira libre do outro lado da mesa.

– Vai unha calor de máis e *a xente* non está xa para estes trotes – sorriu ó tempo que se daba aire co cha-

peucíño que ata entón mal tivera en equilibrio no cucuruto da cabeza. Pingáballe o suor pola fronte, a escorrer coma graxa que se derrete dos cabelos crechos.

Gardei silencio mentres o ollaba interrogador.

– Non estará o señor a agardar por alguén? – espetou daquela en min as súas órbitas amarelas, cun aceno de preocupación solícita a se lle debuxar nos beizos – Incomódalle a miña compañá?

Ía arrandear negativamente a cabeza, ó tempo que ensaiaba un sorriso contemporizador, cando apareceu ó noso lado a figura adusta dun camareiro.

– Queira facer o favor de non zangar ó señor – amoestou acedo ó meu compañeiro de mesa.

– Perdoe vostede – mediei amolado polo tono despectivo que utilizou o empregado para se dirixir ó intruso –, pero non me molesta. Convideino eu a sentar.

O camareiro, un mozo delgado e atlético, casualmente negro tamén, o que me molestou aínda máis pola súa insolidariedade de raza, virouse cara a min cun respectuoso aceno de asombro mal disimulado. Fitoume un instante en silencio, inclinou a cabeza e sen dicir outra palabra ganou a volta para o fondo do café.

– O señor non é portugués? – interrogou o gordo, ignorando o incidente, coma se non tivese importancia ou non fose con el –. É español, non é?

– Son galego.

Gardou un pequeno silencio, a dixerir as connotacións que aquela palabra lle traía ó pensamento.

– Galego? – interrogou logo cunha certa estrañeza na voz.

– Efectivamente. De Galicia.

– Xa; pero a Galicia é da España, non é? Eu teño un fillo na España: Romildo. Traballa nunha quinta para os lados de Salamanca, e cando escribe conta que está ben. Casou e ten dous miúdos. Aínda non os coñezo, tereime que achegar por alá calquera día. Salamanca fica preto de onde é o señor?

Explíqueille que Galicia quedaba para o norte, mentres que Salamanca cadra para o leste, e que a miña cidade de procedencia estaba máis lonxe da terra onde traballaba o seu fillo que o propio lugar en que nos encontrabamos.

Atendía cheo de interese ás miñas palabras, coa boca entreaberta, a arrandear a cabeza en leves afirmacións diagonais.

– Chaves tamén fica para aí arriba. E Bragança máis para alá, non é? – dixo cando eu calei. E agregou, explicativo: – Eu veño de Chaves, de casa da miña filla Nélide. Ten un tallo. Unha carnicería, entende? O negocio non lle vai mal. Chaves é cidade linda. E Bragança tamén, pero frías no inverno. Non hai clima coma o da terra en que eu nacín.

Quizais esperaba que lle preguntase onde nacera, e certamente íao facer; pero adiantóuseme antes de que empezase a falar.

– Coñece o Cubango? É en Angola – remelou os ollos, evocador –. Se lle cadra, non deixe pasar sen ir. Boas terras as do Bié e o Mucusso, pero coma o Cubango non. Bótanse de ver os campos de millo, alto e verde que dá gloria. E os de patacas. Tampouco lle quero dicir da mandioca. É rico aquilo, moi rico... E o río? Ninguén que vise o Cubango o pode esquecer. As súas augas derivando para o sur, tan serenas, tan cla-

riñas... Tería que ver a pesca que alí hai. E nas lagoas. E as florestas espesas...

Íalle preguntar por que deixara entón aquel paraíso, pero decateime da inconveniencia da pregunta, aunque el pareceu adiviñarma nos ollos.

– Vin *retornado*. Xa sabe, cando o da descolonización. Chámome Manuel Catiba, non coñecerá o señor. Son o rei do Cubango. – Díxoo con total naturalidade, sen alardear, sen asomo de arruallo, o que fixo medrar en min un irreprimible sentimento de tenrura que non me atrevín a expresar –. Agora vou para Viseu, onde está meu fillo Epifanio, que é *motorista* de taxi; pero como era feira en Braga tróuxome o home da miña filla Dora na camioneta. Andan de ambulantes, sabe, e fanlle a súa boa *masa* coas toallas e a louza de Barcelos. Agora mesmo quedaban a recoller no campo da feira; pero eu vin dar unha volta pola cidade. Non me remexo moito para axudar a empacotar. E con esta calor...

– Quere tomar algo? Un refresco? Un café?...

– Non, *obrigado*. Agora mesmo *só quero* é descansar un pouco. Non sabe canto tira esa costa. E co saco ó lombo... Traio aquí unhas bananas e unhas *tanxerinas* que me deu a Nélida para o seu irmán.

– Para o taxista?

– Non – sorriu –. Para o Rómulo.

– Vexo que ten moitos fillos...

– Si, aínda que para o Norte non moitos. Está o Evelio, que traballa nunha adega en Vila Nova de Gaia, e o Rómulo. Tamén a Dora. E a Nélida... Só en Lisboa teño cinco; a Sandra e a Adriana están (como lle diría eu?) nunha sala de festas polo Cais do Sodré. Son unhas

verdadeiras belezas, non teño retrato para lle mostrar ó señor. Unhas belezas. E como visten... Non hai fillas mellores ca elas, cando vou por alí. Tamén o Amílcar, é certo; mais ese é un bocadiño reservado. Ten que andar ó que cae cada día, con pequenas compras e vendas pola Baixa. É moi popular no Rossío e a praza da Figueira. Todos lle queren ben, máis agudo que un allo. O mesmo que o Afranio, que é garda... Despois de Viseu, da casa do Epifanio, pasarei por Lisboa; mais para novembro a onde vou é a Albufeira, un sitio *giro*. Ten unha *locanda* meu fillo Ezequiel e cando marchan os turistas sempre me fai un sitio para pasar o inverno. De paso mírolle por aquilo, porque el vai a Faro, a facer pola vida. É lindo que os fillos o queiran a un. A xente xa non sabe o que facer, non me chega o tempo a ir de un para outro... Non quere o señor unha *tanxerina*?

Ó tempo que falaba sacara unhas laranxas do saco ós seus pés e poñíaas enriba da mesa.

– Non, moitas gracias, pero acabo de xantar hai pouco e non...

– Olle entón estas bananas – insistiu exhibindo unha pequena piña de plátanos con síntomas de empezaren a podreecer –. Non gusta delas para a sobremesa?

Neguei coa cabeza. E entón volveu aparecer onda nós o camareiro de antes.

– Recolla todo eso e largue de aquí dunha vez – increpou cheo de furia ó meu compañeiro de mesa, sacudíndoo polo ombro.

Daquela tamén eu me descontrolei:

– Que modos son eses de tratar a un vello?! – berreille, ó tempo que o agarraba pola manga da cha-

quetiña para arredalo da súa vítima —. Déixenos inmediatamente en paz, imbécil!

Pero o Manuel Catiba xa se erguía e devolvía laranxas e plátanos ó fondo do saco cun aire manso, ó tempo que facía un aceno tranquilizador, a pedir calma.

— Desculpe o señor — sorriu cara a mín coma se solicitase perdón pola acción do camareiro —. Marcho agora mesmo. Non se zangue por eso. El está a cumprir a súa obriga, para eso traballa no café. É un bo rapaz, o meu fillo Rómulo. Será o rei do Cubango cando eu morrer...

#### GLOSSÁRIO

*xantar*: almoço  
*asolagar*: (fig.) afundar  
*labrego*: lavrador  
*petrucio*: mandão  
*oe*: ouve  
*trotos*: (fig.) cavalarias  
*mentres*: enquanto  
*debuxar*: desenhar  
*arrandear*: abanar  
*camareiro*: empregado de mesa

*pero*: mas  
*patacas*: batatas  
*decateime*: dei-me conta  
*anque*: embora  
*arruallo*: vaidade  
*fanlle*: (lit.) fazem-lhe  
*fai*: (lit.) faz  
*o queiran a un*: gostem de nós  
*xantar*: almoçar  
*onda nós*: junto de nós



FICÇÕES n.º 1 (1.º semestre de 2000)

Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekov | Italo Svevo | Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia

FICÇÕES n.º 2 (2.º semestre de 2000)

Denis Diderot | Horace Walpode | Franz Kafka | Vladimír Nabókov | Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente

FICÇÕES n.º 3 (1.º semestre de 2001)

Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzzatti | Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto

FICÇÕES de férias (Julho de 2001)

Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladimír Nabókov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice Lispector | John Updike | David Lodge

FICÇÕES n.º 4 (2.º semestre de 2001)

Ambrose Bierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar

FICÇÕES n.º 5 (1.º semestre de 2002)

Heinrich von Kleist | Tommaso Landolfi | Jorge de Sena | Susan Sontag | Hans Dekkers | José Mourão | Brigitte Martinez

FICÇÕES de comer (Julho de 2002)

Marcel Schwob | O. Henry | M. Teixeira Gomes | Robert Walser | Heinrich Böll | William Maxwell | José Cardoso Pires | Dino Buzzati | Woody Allen | Graham Greene | István Örkény | Patricia Highsmith | Andre Dubus | Kazuo Ishiguro

FICÇÕES n.º 6 (2.º semestre de 2002)

Voltaire | Conde de Ficalho | Edith Wharton | Franz Kafka | Vladimír Nabókov | Natalia Ginzburg | Kóstas Takhtzís | Giuseppe Pontiggia | Mary Lydon

FICÇÕES de humor (Abril de 2003)

Boccaccio | Marquês de Sade | Fiódor Dostoievski | O. Henry | Jerome K. Jerome | Saki | P. G. Wodehouse | Enrique Jardiel Poncela | Ring Lardner | Dezsö Kosztolányi | James Thurber | Boris Vian | Mário Benedetti | Woody Allen | Raymond Queneau | Alexandre O'Neill

FICÇÕES n.º 7 (1.º semestre de 2003)

Guy de Maupassant | Katherine Mansfield | Robert Musil | Goerges  
Perec | Maria Ondina Braga | André Ricardo Aguiar

FICÇÕES de bichos (Julho de 2003)

Machado de Assis | Aquilino Ribeiro | Virginia Woolf | Graciliano  
Ramos | Carlos de Oliveira | Bernard Malamud | Jorge de Sena |  
Ingeborg Bachmann | Agustina Bessa-Luís | Panos Karnezis | Maria  
Velho da Costa

FICÇÕES n.º 8 (2.º semestre de 2003)

Ramalho Ortigão | Elizabeth Bishop | Ray Bradbury | Villiers de L'Isle-  
Adam | Doris Lessing | Augusto Abelaria | José Rodrigues Miguéis

FICÇÕES n.º 9 (1.º semestre de 2004)

Prosper Mérimée | Leopold von Sacher-Masoch | Júlio Dantas | Cesare  
Pavese | Hannes Pétursson | Fernando Sorrentino | Robert Coover |  
Óscar de Sá | Artur Manuel Pires

FICÇÕES de guerra (Julho de 2004)

Alexandre Herculano | Villiers de L'Isle-Adam | Rudyard Kipling |  
William Carlos Williams | Andrei Platónov | Graham Greene | José  
Martins Garcia | Giuseppe Pontiggia

FICÇÕES n.º 10 (2.º semestre de 2004)

Guy de Maupassant | H. G. Wells | Zhang Tianyi | Jane Bowles | E.  
M. Forster | John Updike | Ingo Schulze

FICÇÕES n.º 11 (1.º semestre de 2005)

André Gide | Witold Gombrowicz | Italo Calvino | Albert Camus |  
Ethan Coen | Gianni Celati

FICÇÕES de filmes (Julho de 2005)

Gérard de Nerval | Fedor Dostoievski | Ernest Hemingway | F. Scott  
Fitzgerald | Jorge Luis Borges | Ingmar Bergman | Paul Auster

FICÇÕES n.º 12 (2.º semestre de 2005)

Heinrich von Kleist | Gérard de Nerval | Heinz von Lichberg | Paul  
Valéry | Branquinho da Fonseca | John Cheever | A. S. Byatt

FICÇÕES n.º 13 (1.º Semestre de 2006)

George Sand | Katherine Mansfield | Elizabeth Bishop | M. John  
Harrison | Ursula Le Guin | A. S. Byatt | Enrique Vila-Matas

Pode colaborar com a *Ficções*, enviando os seus contos para: *Editorial Caminho – Revista Ficções*

O envio de contos supõe a autorização para a sua publicação, se seleccionados pela direcção da revista, na edição em papel ou na sua versão *online* no site *www.ficcoes.net*

A primeira página dos originais enviados deverá incluir um nome e e-mail para contacto.

Os pedidos de assinatura ou de números atrasados da revista devem ser enviados, acompanhados do respectivo cheque de pagamento, para:

**Editorial Caminho**

**Revista *Ficções***

**Av. Almirante Gago Coutinho, 121**

**1700-029 Lisboa**

Poderá também fazer o seu pedido e o respectivo pagamento por e-mail para:

**[ficcoes@editorial-caminho.pt](mailto:ficcoes@editorial-caminho.pt)**

**Assinaturas**

**PORTUGAL**

2 Números (1 Ano) — 20 euros

4 Números (2 Anos) — 35 euros

**EUROPA**

2 Números (1 Ano) — 25 euros

**RESTO DO MUNDO**

2 Números (1 Ano) — 30 euros

**Números atrasados (cada):**

do n.º 1 ao n.º 6 — 6 euros

do n.º 7 ao n.º 8 — 8 euros

do n.º 9 ao n.º 10 — 10 euros

Números especiais (temáticos) — 3,99 euros (cada)



Nesta edição da *Ficções* Diderot conversa com a Marechala de Broglie. É um desses textos a meio caminho entre a ficção e a filosofia, a que poderíamos talvez chamar *flirt* filosófico, em que a ideia serve também para entreter e seduzir. A tradução é de Pedro Gil. Completamente cândido, por seu turno, é o relato que Alphonse Daudet põe na boca de um pastor provençal de finais de novecentos. *As estrelas*, em tradução de Luísa Costa Gomes, é a refrescante revisitação de um mundo idílico e um desses cânticos imorredoiros à harmonia de todas as coisas. Em tom cínico, inclui-se o conto humorístico de O. Henry, *Deixe-me tomar-lhe o pulso*, em tradução de Cristina Carvalho. Paula Elyseu Mesquita traduziu um dos grandes contistas norte-americanos, inédito em português, Sherwood Anderson. *Respeitabilidade* leva-nos aos confins de Winesburg, no Ohio e à mente de um misógino absoluto. Mais profunda ainda, se possível, é a América de Willa Cather. *Uma matinée de Wagner*, em tradução de Graça Macedo, apresenta-nos este conto clássico da grande escritora. De Peter Carey, em tradução de Luís Rodrigues, inclui-se *O Gordo na História*, uma distopia actualíssima, que dá o título a uma das duas colecções de contos do autor australiano. De Shi Tiesheng, autor chinês nascido em 1951, Rosa Vieira de Almeida traduziu do original o conto *Destino*, um relato autobiográfico forte e comovente. De Xosé Martínez Oca inclui-se, no original galego, *O Rei do Cubango*, curioso relato de inesperados encontros que se fazem no nosso Minho. E, por fim, em tradução de José Lima, a *Ficções* apresenta o extraordinário conto do sul-africano J. M. Coetzee, *À medida que uma mulher envelhece*, protagonizado pela personagem que havia de dar o título ao seu romance *Elizabeth Costello*.

ISBN 972-21-1842-0



9 789722 118422 PVP: € 12,00